

Giselle Alves de Moura

**EXPERIÊNCIAS DE LAZER DE IDOSOS INDEPENDENTES
INSTITUCIONALIZADOS**

Belo Horizonte

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

2012

Giselle Alves de Moura

**EXPERIÊNCIAS DE LAZER DE IDOSOS INDEPENDENTES
INSTITUCIONALIZADOS**

Dissertação apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação – Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, como pré requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Karine de Souza

Belo Horizonte

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

2012

M929e Moura, Giselle Alves de
2012 Experiências de lazer de idosos independentes institucionalizados. [manuscrito] /
Giselle Alves de Moura – 2012.
188f., enc.:il.

Orientadora: Luciana karine de Souza

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 159-176

1. Grupos Sociais – Teses. 2. Lazer – Teses. 3. Cidades e vilas – Teses. 4. Idosos
– Teses. I. Souza, Luciana karine de. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação intitulada *Experiências de lazer de idosos independentes institucionalizados* de autoria da mestranda Giselle Alves de Moura defendida e aprovada em 29 de fevereiro de 2012, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Profa. Dra. Luciana Karine de Souza (Orientadora)
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Marcela Guimarães Assis Tirado
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Sérgio Antonio Carlos
Instituto de Psicologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aos meus familiares que sempre me apoiaram
na minha jornada pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar força interior para ser perseverante, e pela oportunidade de aprender um pouco mais acerca da vida humana.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialmente o Curso de Mestrado em Lazer, por ter me oportunizado dar seqüência à vida acadêmica.

À Professora Dr^a Luciana Karine de Souza, pela orientação, compreensão dos meus limites e dificuldades, e pelas constantes contribuições intelectuais para a concretização desta dissertação e minha formação acadêmica.

Aos professores do Mestrado em Lazer da UFMG, que me ajudaram a construir o conhecimento para a elaboração deste trabalho.

Aos colegas do curso, pela troca de conhecimentos e experiências compartilhadas.

À Prefeitura Municipal de Belo Horizonte pela licença concedida por dois anos para a realização deste curso.

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo apoio financeiro.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação do projeto: Sérgio Antônio Carlos (UFRGS) e Marcella Guimarães Assis Tirado (UFMG). E aos professores que compuseram a banca de defesa: Sérgio Antônio Carlos (UFRGS), Marcella Tirado (UFMG).

Às instituições de longa permanência para idosos, especialmente os coordenadores e idosos que gentilmente se disponibilizaram a participar desta pesquisa, e que foram imprescindíveis na elaboração deste trabalho.

Enfim, aos meus colegas do Programa Vida Ativa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte pela disponibilidade e por ter me oportunizado a crescer um pouco mais enquanto profissional da educação e da pesquisa em Educação Física.

Saber Viver

Não sei... Se a vida é curta
Ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos
Tem sentido, se não tocamos o
coração das pessoas.
Muitas vezes basta ser:
Colo que acolhe,
Braço que envolve,
Palavra que conforta,
Silêncio que respeita,
Alegria que contagia,
Lágrima que corre,
Olhar que acaricia,
Desejo que sacia,
Amor que promove.
E isso não é coisa de outro
mundo,
É o que dá sentido à vida.
É o que faz com que ela
Não seja nem curta,
Nem longa demais,
Mas que seja intensa,
Verdadeira, pura... Enquanto
dura

Cora Coralina

RESUMO

Esta dissertação objetivou descrever a trajetória, a atualidade e as perspectivas associadas às experiências de lazer de idosos residentes em instituições de longa permanência (ILPI) filantrópicas conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O embasamento teórico apoiou-se nos estudos do lazer, publicações na área do envelhecimento e idosos institucionalizados, estabelecendo diálogos com os dados coletados. A coleta de dados envolveu 47 idosos institucionalizados e 15 coordenadores das respectivas ILPIs, que participaram de uma entrevista individual semi-estruturada. A média de idade dos idosos entrevistados foi de 79,5 anos, com tempo de residência na instituição variando de 3 meses a 17 anos. As entrevistas foram gravadas e transcritas, e posteriormente analisadas qualitativa e quantitativamente, tendo como base a Análise de Conteúdo. Foram estruturadas categorias de respostas formadas por unidades temáticas semelhantes, com cálculo de frequências das respostas. Os resultados evidenciaram que, embora os coordenadores percebam o lazer como elemento importante para a qualidade de vida dos idosos, esta prática ainda não é estabelecida como prioridade. A entrevista com coordenadores indicou pouca variabilidade nos espaços físicos para o lazer, escassez de recursos financeiros, dificuldades em convencer os idosos a participar das práticas de lazer, necessidade de apoio do voluntariado para oferta de atividades, e uma única prática de lazer sistematizada ofertada em todas as ILPIs pelo poder público. As concepções emitidas pelos idosos a respeito do tempo livre indicaram aspectos associados aos diferentes estilos de vida dos entrevistados. O período de pré-aposentadoria indicou pouca variabilidade nas práticas de lazer e despreparo em relação à ocupação do tempo livre. As práticas de lazer femininas estavam atreladas ao mundo familiar, enquanto o público masculino ocupava-se com práticas esportivas e sociais. Observou-se que muitos idosos aposentaram-se por questões de saúde, com baixas perspectivas para o aproveitamento do tempo livre, o que está em concordância com a literatura. Após a institucionalização percebeu-se mais oportunidades de participação em práticas de lazer/ recreação para estes idosos, o que diverge de alguns referenciais teóricos. Observou-se pelas práticas ofertadas nas ILPIs que a participação dos idosos está relacionada a comportamentos aprendidos ao longo da vida. Quanto aos planos futuros para o lazer, os idosos mencionaram planos a curto prazo e citaram atividades impossibilitadas por limitação física, ou já existentes nas ILPIs. Para os idosos a grande importância do lazer consiste na possibilidade de se relacionar com outras pessoas. As categorias mais relevantes citadas pelos idosos foram passeios, práticas religiosas e relacionamentos interpessoais promovidos através de bailes e músicas. Os resultados

encontrados sugerem uma demanda potencial por práticas de lazer nas ILPIs, pelo seu caráter educativo e possibilidades de estabelecer novos relacionamentos. No entanto, faz-se necessário a elaboração de ações multidisciplinares que possam promover o lazer enquanto componente de qualidade de vida e direito dos idosos institucionalizados.

Palavras-chave: lazer, tempo livre, idosos institucionalizados.

ABSTRACT

This master's thesis aimed at describing the past, present and future leisure experiences of elderly citizens from philanthropic long-term collective residential homes (ILPI) that receive funding from the Belo Horizonte City Hall, located in Brazil. The theoretical background of this thesis was based on leisure studies, and on scientific publications on aging and institutionalized elders. 47 residents and 15 directors of the ILPIs were interviewed. Residents' average age was 79.5 years, and they have been living in ILPIs from three months to 17 years. Data collection was through individual semi-structured interviews. Interviews were taped, transcribed, and later analyzed with both qualitative and quantitative approach based on content analysis. Similar thematic units found in the transcribed interviews were organized into categories, and the frequency of response on each category was calculated. Results showed that ILPI directors perceive leisure as important for the residents' quality of life; nonetheless, results also showed that offering leisure practices is not a priority for the institution. Interviews with the directors indicated difficulties with facilities, lack of financial resources, convincing residents to engage on leisure practices, high dependency on volunteers in order to offer leisure activities, and the absence of one same single leisure practice offered in all ILPIs through public policy. Resident's perception of free-time was linked to their life style. Before retiring the residents had few leisure activities and were not prepared for the future free-time. Women had leisure practices associated with housework and family interests, whereas men engaged in sports and socialization practices during leisure-time. Many residents retired for health reasons and had low expectations on how to enjoy free-time; this result is also reported in previous studies conducted in Brazil. Compared to the life pre-ILPI, residents reported more opportunities of engaging in leisure/recreation practices; this result is opposite to the ones previously published in the country. Also, the nature of the resident's participation on current leisure practices in the ILPI is related to what they have experienced throughout life. Resident's future plans for leisure were short-term based and associated to activities already offered in the ILPI or activities that they cannot perform due to physical limitations. For the residents, leisure is important for it allows the opportunity to create/develop/maintain interpersonal relationships. The most cited leisure activities were rides (e.g., going to a museum, church), religious practices, balls, and music. Results suggest that there is a need for leisure practices in the ILPIs, specially because these practices have a very important educational dimension and also might help to create/develop/maintain interpersonal relationships. Nevertheless, a multidisciplinary approach is a must if leisure is to

be offered to improve quality of life and guarantee civil rights to institutionalized elderly in Brazil.

Keywords: leisure, free-time, institutionalized elderly.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Percepção dos residentes sobre tempo livre	73
TABELA 2	Profissão dos residentes antes da aposentadoria	74
TABELA 3	Práticas dos residentes no tempo livre pré-aposentadoria	75
TABELA 4	Percepção dos residentes sobre o futuro tempo livre decorrente da aposentadoria	77
TABELA 5	Tipo de aposentadoria dos residentes	77
TABELA 6	Avaliação dos residentes sobre o tempo livre pós-aposentadoria	78
TABELA 7	Práticas dos residentes no tempo livre pós-aposentadoria	78
TABELA 8	Práticas dos residentes no tempo livre pré-ILPI	79
TABELA 9	Percepção dos residentes sobre o tempo livre na ILPI	80
TABELA 10	Práticas mais citadas pelos residentes realizadas no tempo livre dentro da ILPI	82
TABELA 11	Práticas menos citadas pelos residentes realizadas no tempo livre dentro da ILPI	83
TABELA 12	Práticas dos residentes realizadas no tempo livre fora da ILPI	85
TABELA 13	Práticas que os residentes gostariam de resgatar ou de experimentar no futuro	86
TABELA 14	Percepção dos residentes sobre a própria participação nas práticas ofertadas pela ILPI	87
TABELA 15	Percepção dos residentes sobre a importância do convite individual às práticas ofertadas pela ILPI	87
TABELA 16	Justificativa dos residentes para a importância do convite individual às práticas ofertadas pela ILPI	88

TABELA 17	Propostas dos residentes para melhor ocupação do tempo livre na ILPI	88
TABELA 18	Manifestações finais dos residentes à entrevista	90
TABELA 19	Práticas corporais, manuais e religiosas ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores	91
TABELA 20	Práticas sociais ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores	92
TABELA 21	Práticas referentes a comemorações ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores	94
TABELA 22	Práticas de aprendizagem, estéticas e outras práticas ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores	95

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1** Distribuição dos serviços voluntários de lazer por regionais nas ILPIs filantrópicas do estudo 62
- FIGURA 2** Diagrama adaptado do modelo Lawton, conforme apresentado em Néri (1995) 125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	-	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANVISA	-	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AVD	-	Atividade de Vida Diária
AIVDS	-	Atividades Instrumentais de Vida Diária
COEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
EJA	-	Educação de Jovens e Adultos
ENAREL	-	Encontro Nacional de Recreação e Lazer
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI	-	Instituição de Longa Permanência para Idosos
IPEA	-	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MP/ MG	-	Ministério Público de Minas Gerais
OMS	-	Organização Mundial de Saúde
ONG	-	Organização não governamental
PBH	-	Prefeitura de Belo Horizonte
RDC	-	Resolução da Diretoria Colegiada da ANVISA
SBGG	-	Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
TAC	-	Termo de Ajustamento de Conduta
TCLE	-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	-	Unidades Básicas de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	Problema de Pesquisa	19
1.2	Relevância do tema	20
1.3	Justificativa da Pesquisa	22
1.4	Perguntas da presente pesquisa	26
1.5	Objetivos da pesquisa	27
1.6	Envelhecimento, lazer, ILPI e as relações entre estes temas	28
1.6.1	Sobre o envelhecimento	28
1.6.2	Lazer para o idoso	34
1.6.3	As instituições de longa permanência para idosos	47
1.6.4	O lazer, a recreação e o tempo livre no contexto das ILPIs	52
2	MÉTODO	60
2.1	Participantes	61
2.2	Instrumentos	65
2.3	Procedimentos de coleta de dados	66
2.4	Procedimentos de cuidados éticos	69
2.5	Procedimentos de análise de dados	70
3	RESULTADOS	72
3.1	Resultados para a concepção de tempo livre do residente de ILPI	72

3.2	Resultados para a trajetória das experiências de lazer do residente de ILPI	74
3.2.1	Experiências de lazer no tempo livre na pré-aposentadoria	74
3.2.2	Experiências de lazer no tempo livre no momento da aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI	76
3.2.3	Experiências de lazer no tempo livre atual na ILPI	80
3.2.4	Intenções futuras para práticas de lazer no tempo livre na ILPI	85
3.3	Resultados para a percepção do residente sobre sua participação nas práticas de lazer na ILPI	87
3.4	Resultados para as sugestões do residente sobre práticas de lazer na ILPI	88
3.5	Manifestações dos residentes ao final da entrevista	89
3.6	Resultados das entrevistas com os coordenadores das ILPIs	90
4	DISCUSSÃO	97
4.1	A concepção do tempo livre do residente de ILPI	98
4.2	A trajetória das experiências de lazer do residente de ILPI	100
4.2.1	Experiências de lazer no tempo livre pré-aposentadoria	101
4.2.2	Experiências de lazer no tempo livre no momento da aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI	106
4.2.3	Experiências de lazer no tempo livre atual na ILPI	109
4.2.4	Intenções futuras para práticas de lazer no tempo livre na ILPI	119
4.3	A percepção do residente sobre sua participação nas práticas de lazer na ILPI	121

4.4	Sugestões do residente sobre práticas de lazer na ILPI	123
4.5	Conclusões acerca das experiências de lazer do residente de ILPI	125
4.6	A visão da ILPI sobre as práticas de lazer do residente	126
4.6.1	A percepção do coordenador sobre as práticas de lazer proporcionadas ao residente	127
4.6.2	A percepção do coordenador sobre a participação do residente na organização das práticas de lazer	133
4.6.3	Limitações à inclusão do residente dependente nas práticas de lazer na ILPI	136
4.6.4	Parcerias e voluntariado nas práticas de lazer da ILPI	137
4.6.5	O espaço físico da ILPI para a prática de lazer	141
4.6.6	A acessibilidade aos diferentes espaços de lazer na ILPI	144
4.6.7	Práticas de lazer fora do espaço físico da ILPI	146
4.6.8	Discussão da resposta dos coordenadores à questão final: “Você gostaria de dizer algo mais?”	148
4.6.9	Conclusões acerca da visão da ILPI sobre as práticas de lazer	151
4.7	Orientações para o profissional que busca proporcionar experiências de lazer para o residente de ILPI	152
4.8	Considerações finais	155
REFERÊNCIAS		159
APÊNDICES		177

1 INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato profissional com idosos ocorreu em uma Academia de Hidroginástica em trabalho conjunto com Fisioterapia. Posteriormente ingressei na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, por meio de Concurso Público no cargo de Analista de Políticas Públicas (Educação Física). Desde então, minha atuação profissional ocorre no Programa Vida Ativa, o qual visa oferecer práticas de lazer para a população idosa de Belo Horizonte. A princípio eram ofertadas práticas de lazer apenas para idosos independentes que frequentavam grupos de convivência. Posteriormente os trabalhos foram ampliados ofertando práticas de atividades físicas e recreativas a idosos residentes em instituições asilares filantrópicas conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Percebendo a necessidade de ampliar meus conhecimentos e de modo particular sobre a área de Gerontologia, decidi investir a princípio em cursos de extensão que discutiam temas diversos sobre envelhecimento. Posteriormente cursei especialização em Neurociência e Comportamento ofertado pelo Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Os conhecimentos adquiridos foram muito valiosos, e me provocaram reflexões quanto ao comportamento, interesse e participação dos idosos nas atividades ofertadas dentro dos asilos. Além das limitações da saúde, outros fatores certamente interferiam no interesse dos idosos em participar ou não das atividades. O baixo nível de motivação era percebido por nós profissionais, como elemento de dificuldade no desenvolvimento do trabalho com idosos.

O longo tempo de convivência com o público idoso, quer seja em academias de ginástica, grupos de convivência ou instituições asilares, permitiu-me perceber os seus diferentes problemas, limitações, mas também a alegria de viver mesmo diante das dificuldades. Na atualidade, novas perspectivas se apresentam para os idosos institucionalizados, e o lazer traz sua grande contribuição enquanto possibilidade de assumir uma nova postura perante a vida e capaz de transformar valores. Esta situação me incentivou a buscar novos conhecimentos, especialmente sobre a possibilidade de atingir o interesse de idosos institucionalizados em participar de práticas de lazer. Além disso, percebo a necessidade de dialogar com a comunidade acadêmica sobre a prática profissional para ampliar as discussões e troca de saberes quanto ao tema lazer e idosos institucionalizados.

Esta dissertação de mestrado está organizada em quatro capítulos: Introdução, Método, Resultados e Discussão. A introdução é composta pela apresentação do problema de pesquisa, relevância do tema, justificativa da pesquisa, as perguntas norteadoras e os objetivos. A

fundamentação teórico-conceitual foi traçada a partir de estudos sobre os temas envelhecimento, velhice, instituições de longa permanência para idosos, e lazer. O método relata todos os passos metodológicos conduzidos na presente pesquisa, incluindo os critérios adotados e os cuidados éticos.

Os resultados são apresentados na forma de tabelas compostas por dados quantitativos e dados qualitativos. São apresentados primeiramente os resultados das entrevistas com os residentes: percepção do tempo livre, trajetória das experiências de lazer, percepção sobre a própria participação nas práticas de lazer, e sugestões para estas práticas. Em seguida, são apresentados os resultados das entrevistas com os coordenadores. A discussão está organizada de forma a acompanhar a mesma estrutura do capítulo de resultados. Todavia, inclui a discussão específica de alguns dados encontrados, conforme descrito na introdução do capítulo IV.

1.1 Problema de pesquisa: Não há experiência de lazer na ILPI

Dez anos de trabalho profissional dedicado à promoção de atividade física para residentes de instituições de longa permanência para idosos (ILPIs), de cunho filantrópico, situadas na cidade de Belo Horizonte (MG), permitiram duas constatações: 1) Há pouca adesão dos residentes às atividades, de todo tipo (físicas, educativas, recreativas, etc.), propostas por meio de projetos, programas, oficinas, etc. a estas instituições; e 2) Muitos idosos manifestam não ter interesse em participar das atividades propostas, justificando o desinteresse sem indicar alternativas.

Ao analisar o cotidiano e as relações de poder em uma ILPI, Faleiros; Morano (2009) identificaram situações semelhantes às constatações mencionadas. Presenciando a organização de uma festa programada pelo Setor de Atividade, Esporte e Lazer de uma instituição situada no Distrito Federal, os pesquisadores perceberam que o momento da festa não parecia envolver os idosos como um todo, considerando suas culturas e suas diferentes incapacidades. Na percepção destes pesquisadores a festa parecia programada para os idosos, não com eles. Esta desarticulação gerava nos residentes da instituição um desencontro entre as expectativas dos mesmos e os acontecimentos diferenciados programados pela instituição. Deste modo aquelas atividades conhecidas como não rotineiras (a festa) acabavam entrando no rol da rotina. Na percepção destes pesquisadores, a aparente apatia e a expressão dos idosos “aqui não tem nada para fazer”, mesmo diante de atividades programadas semanalmente sugerem o descompasso entre o que é realizado dentro do recinto e as

atividades que os idosos faziam antes de institucionalizarem criando uma distância entre o interior e o exterior.

Muitas das atividades propostas nas ILPIs diretamente intentam melhorar as condições físicas e motoras de seus participantes e, indiretamente, promover divertimento, emoções positivas, aumento da autoestima, boas interações sociais. No entanto, o desinteresse pela atividade físico-motora impede que o idoso tenha a oportunidade de ter outros aspectos de seu desenvolvimento estimulados, principalmente os aspectos sociais e os emocionais. Já quando os projetos ou programas diretamente propõem atividades recreativas, educativas, culturais, etc. muito dificilmente estas são criadas com base nos interesses dos residentes das ILPIs para os quais se destinam.

Assim, em outras palavras, o que se observa é pouca ou nenhuma motivação (interna, espontânea) por parte de idosos institucionalizados para realizar as atividades que a ILPI oferece, ou mesmo para solicitar atividades que sejam de seu interesse. Acima de tudo, não se observa uma tentativa de estimular os residentes a experimentar práticas corporais, culturais, educativas e sociais diversificadas, principalmente quando a maioria destes idosos visualiza as atividades ofertadas ou como obrigatórias ou como desvinculadas de seus verdadeiros interesses.

1.2 Relevância do tema: Para que pesquisar o lazer na ILPI?

As ofertas de práticas orientadas para a promoção do lazer nas instituições de longa permanência de caráter filantrópico, referidas no âmbito da cidade de Belo Horizonte, não têm correspondido às necessidades motivacionais de seus usuários. Até o presente momento, o que pode-se constatar são iniciativas para estimular a prática de atividades oferecidas por órgão público, universidades ou serviços voluntários. Considera-se que estas iniciativas têm procurado incentivar a população idosa institucionalizada, mas ainda necessitam de ampliação de recursos humanos e financeiros, bem como melhor capacitação profissional para aprimorar a qualidade dos serviços oferecidos. Aparentemente, as poucas ações que vem sendo desenvolvidas parecem contemplar as necessidades de alguns idosos mais independentes, o que corresponde à pequena parcela do público institucionalizado. No entanto, por motivos de diversas ordens nem todas as ILPIs atentam para as reais necessidades, interesses pessoais e expectativas de seus residentes tornando o atendimento ainda mais precário e desestimulante.

A rotina diária de idosos institucionalizados depende fundamentalmente de como a instituição planeja, organiza e oferece oportunidades para que o residente tenha mais do que

apenas os cuidados mínimos atendidos (alimentação, vestuário, atendimento médico, etc.). Nesse sentido, ofertar algo além dos cuidados mínimos não deve ser considerado algo extraordinário, mas sim um dever da instituição. Além disso, atividades educativas, recreativas, culturais, etc., enquanto obrigações institucionais precisam ser planejadas, organizadas e executadas com base no público ao qual são destinadas. Assim, entende-se que proporcionar espaços/ momentos de verdadeiro lazer ao idoso institucionalizado é partir da vontade e do interesse do residente em como descansar, como se divertir, como se desenvolver – em outras palavras, como vivenciar lazer.

A oferta de práticas de lazer específicas para ILPIs devem contemplar a motivação interna destes usuários, visto que proporcionar a eles uma vida com mais qualidade também está bastante relacionado à busca de satisfação pessoal. Para Vecchia *et al.* (2005) a conquista de uma vida com qualidade pode ser construída através de um processo que inclui refletir sobre o que é importante para a vida pessoal, e assim estabelecer metas para serem atingidas tendo como inspiração o desejo de ser feliz. Desta forma, diretrizes que valorizem o idoso como protagonista de suas escolhas poderão contribuir para elevar o número de interessados na prática do lazer.

Outro aspecto importante a ser considerado é o fato de que o idoso institucionalizado, sem oportunidades para manifestar seus interesses e vontades, não se sente integrante da instituição, mas dela desligado, alheio, à parte. É possível que a partir de ações voltadas à promoção da vivência do lazer o idoso possa sentir-se incluído na ILPI, como membro ativo de uma comunidade.

1.3 Justificativa da pesquisa: Por que pesquisar o lazer na ILPI?

A necessidade de compreender as práticas de lazer na vida de idosos independentes é um tema bastante discutido no meio profissional e científico (BARRETO, 1997; DOLL, 2007). Porém, investigações sobre os significados do lazer na vida de idosos institucionalizados no Brasil são escassas. Em raro e recente estudo dedicado ao tema das IPIs, Camarano; Kanso (2010) constataram que a oferta de atividades de lazer ou de cursos diversos é pequena nas instituições de longa permanência, e na maioria das vezes dependente de voluntariado. Esta dependência do voluntariado é um dado importante, pois em algumas ocasiões estes serviços podem ser transitórios. O estudo indicou que entre os serviços oferecidos pelas ILPIs mineiras predominam os de saúde, com maior frequência atendimento médico e serviços de fisioterapia. Em menor proporção verifica-se a existência de terapia ocupacional, odontologia, fonoaudiologia, psicologia e outros.

Na região Sudeste, e especificamente em Minas Gerais a pesquisa indicou que a maior parte das instituições conta com algum tipo de parceria ou convênio em relação a serviços. Essas parcerias são em geral feitas com o setor público. As parcerias ocorrem em sua maior parte com as prefeituras incluindo também o governo estadual ou federal, universidades públicas ou particulares e associações religiosas. As atividades de lazer, de esporte e ou culturais oferecidas neste sistema de parceria/ convênio às instituições mineiras correspondem a 16,9% das instituições informadas. Quanto aos serviços oferecidos pela instituição, verificou-se que, de forma geral, o lazer não é visto como prioridade para este segmento populacional, a despeito das leis vigentes que o asseguram como um direito (Constituição Federal Brasileira, Estatuto do Idoso).

Tem-se percebido, nos últimos anos, mudanças significativas nos padrões de vida da população brasileira, com reflexos importantes sobre a vivência do lazer (BENEDETTI *et al.*, 2007; JÓIA *et al.*, 2007; NERI; CACHIONI, 1999). Nessa mesma direção, a presente pesquisa de mestrado reconhece a necessidade de rever o padrão de vida de idosos residentes em instituições de longa permanência. Mais especificamente, esta pesquisa elege, do padrão de vida destes idosos, a parte relativa às experiências de lazer.

Um número cada vez maior de idosos, inclusive independentes (isto é, autônomos fisicamente e cognitivamente) conforme indicam as pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) sobre ILPIs mineiras, passa a residir nas instituições (CAMARANO, 2010). Consequentemente, o planejamento e a oferta de práticas de lazer precisam ser incluídos na rotina da instituição. Isso permitiria a continuidade das vivências de

lazer anteriores à chegada na instituição, ou a oportunidade de retomar vivências das quais o residente se afastou há muito tempo, ou mesmo para criar novas vivências de lazer para aqueles que raramente em suas vidas delas usufruíram.

Um levantamento extenso e intenso da produção científica publicada no Brasil sobre lazer em ILPIs (SILVEIRA *et al.*, 2010) demonstrou que grande parte dos trabalhos abordou o tema de forma não aprofundada, discutindo-o superficialmente. É compreensível que o maior volume de publicações sobre envelhecimento se concentre nas áreas de Geriatria, Gerontologia e Enfermagem (SILVEIRA *et al.*, 2010). Foram estas áreas do conhecimento profissional e científico que inicialmente mais investiram no estudo da velhice e de idosos institucionalizados. Por outro lado, o notável desenvolvimento científico da área interdisciplinar dos Estudos do Lazer no Brasil traz grandes possibilidades de novos debates e pesquisas empíricas em benefício da população idosa.

Quanto às discussões sobre o lazer presentes na literatura científica disponível, quando este não é tratado na sua especificidade, ou é entendido como um complemento de práticas terapêuticas, ou um preenchimento do tempo vazio, ou uma medida de integração entre os residentes ou, na maioria das vezes, compreendido como completamente atrelado a atividades com movimento corporal. Acima de tudo, estas discussões não tendem a levar em consideração o julgamento do usuário sobre a classificação desta ou daquela atividade como vivência de lazer de seu interesse. Assim, as possibilidades de discutir práticas de lazer ficam em um plano secundário, desarticulado do contexto de vida real do indivíduo.

O direito ao lazer para o idoso institucionalizado fragilizado (dito *dependente*), embora esteja previsto em lei, raramente evolui para sua operacionalização. Neste caso, o lazer ainda não é priorizado, e muitas vezes fica a cargo do voluntariado, embora reconhecido como salutar em nossa sociedade. Muitas vezes passam despercebidos os valores das práticas de lazer, no sentido de oferecer para o idoso a vivência da heterogeneidade como por exemplo, através de passeios e conversas, rompendo-se com a homogeneidade da instituição. A promoção da alegria interna através das experiências de lazer pode devolver a estes sujeitos o ato de desejar e através das trocas sociais construir significados para a vida.

Uma das características mais marcantes dos esforços direcionados ao idoso institucionalizado é a priorização de suas enfermidades ou limitações, especialmente no trato com este usuário. Assim, raramente são consideradas suas capacidades, suas habilidades, suas potencialidades, ou mesmo seus interesses, vontades, suas experiências de vida. Em especial, desconsiderados são seus interesses em descanso, em divertimento, em prazer, em desenvolvimento de habilidades que promova forças e virtudes – enfim, desvalorizados são os

aspectos positivos de seu cotidiano ou de sua vida como um todo. Não é levado em conta que, mesmo diante de limitações, dificuldades ou enfermidades, as pessoas possam experimentar entretenimento, descanso e desenvolvimento pleno, saudável.

A pouca credibilidade dada ao aproveitamento do tempo livre do idoso institucionalizado não permite que os usuários possam participar da construção de projetos/propostas de lazer. Tendo-se por premissa de que o número de idosos nas ILPIs tenderá a aumentar em função das mudanças de ordem social, cultural, econômica e familiar, faz-se necessário que serviços melhor elaborados na direção do lazer sejam planejados e executados exatamente para atender as novas demandas deste crescente público (CHAIMOWICZ; GRECO, 1999; BORN; BOECHAT, 2002; CAMARANO; KANSO, 2010).

Assim como descreve Macklin (1990 apud AGICH, 2008) a respeito das clínicas de repouso nos EUA, as ILPIs no Brasil possuem residentes com variados níveis educacionais, diferentes experiências profissionais, étnicas, religiosas, além de condições econômicas também diferenciadas. O senso de comunidade é pouco estimulado em grande parte das ILPIs e pouco é feito para incentivar o desenvolvimento de relacionamentos ou interações sociais através de atividades significativas entre os próprios residentes.

A observação descontextualizada sugere uma completa passividade por parte do idoso institucionalizado. As salas de atividades são ocupadas por idosos com pouca ou nenhuma conversa e afastados de qualquer forma de interação. Mas à medida que se busca uma maior proximidade, é possível percebê-los como pessoas pensantes e conscientes, embora esta consciência possa estar fragilizada e o nível de preocupações diferentes das nossas (AGICH, 2008).

Valiosas são as reflexões de Godbey (1999) a respeito das experiências de lazer em uma perspectiva psicológica, na qual o ser humano busca estas experiências agindo a partir da vontade interna em caminhos que são pessoalmente agradáveis. No âmbito da vontade interna destaca-se aqui a importância das práticas de lazer inserindo-o como um hábito bem integrado à vida destes idosos enriquecendo o cotidiano. Beauvoir (1970, 1990) refere-se ao hábito bem integrado como salutar na vida dos idosos estabelecendo o importante papel na dupla forma de rotina e automatismo. A criação desta rotina saudável é importante para organização do dia a dia, especialmente para aqueles idosos que já apresentam a vida psíquica mais degradada, compensando as deficiências da memória.

Partindo-se do pressuposto de que o lazer não pode ser imposto para ser usufruído, os idosos precisam ser consultados em relação a suas experiências de lazer, especialmente quando não se manifestam espontaneamente. Esta consulta, para ser completa, deve abarcar

não somente suas atuais necessidades e vontades, mas também resgatar suas experiências passadas a fim de encontrar possíveis práticas de lazer que os motivem.

Assim, não bastaria simplesmente interrogar o usuário da ILPI sobre seus interesses e vontades atuais em lazer, mas auxiliá-lo a refletir sobre o lazer desde suas experiências anteriores com a vida laboral e o tempo livre, com a vida como aposentado, e com a transição para o contexto da ILPI. Nesse sentido, acredita-se que a investigação científica pode atuar como mediadora entre o idoso institucionalizado e a) suas experiências passadas com o lazer, b) suas experiências presentes com o lazer, e c) suas intenções futuras com o lazer. Salienta-se que este tipo de discussão ainda é raro tanto nas instituições de longa permanência, como no meio acadêmico-científico ou profissional. Nenhum estudo foi localizado que tratasse do lazer nas ILPIs com foco nas experiências de lazer enquanto trajetória (passado), atualidade (presente) e intenção (futuro).

Portanto, acredita-se na urgência de investimentos científicos que tragam respaldo para a prática profissional dedicada ao idoso brasileiro, em especial, o institucionalizado. E mesmo diante da carência de políticas públicas verdadeiramente eficazes no Brasil, o esforço científico e profissional voltado ao lazer nas ILPIs pode contribuir para que as novas gerações tenham à sua disposição meios para usufruir de um lazer pleno: com descanso, diversão e desenvolvimento integral.

Sendo o lazer um dos componentes garantidos na Constituição Federal Brasileira (1988) e Estatuto do Idoso (2003), na promoção de qualidade de vida, entende-se neste estudo a busca do lazer pleno, verdadeiro quando associado ao conceito subjetivo e aspectos motivacionais que consideram o contexto e as preferências do idoso. O estímulo a buscar o lazer pleno direciona-se para a convivência com grupos afins e procura de algo que os mantenham ativos e valorizados, com diversificação nas opções. Quanto à plena satisfação interna e a qualidade das experiências de lazer Bramante (1998) cita que:

Os dois eixos essenciais para a compreensão da riqueza do lazer, motivação e liberdade podem ser visualizados em um continuum, onde a motivação transita entre a intrínseca e a extrínseca e, o grau de percepção da liberdade, entre o controle pessoal e de outro(s). Quanto mais “gratuita”, sem finalidades rigidamente estabelecidas, voltadas para a plena satisfação interna, bem como sob o controle pessoal, maior e melhor a qualidade da experiência de lazer (BRAMANTE, 1998, p.12, 13).

Deste modo, a busca do verdadeiro lazer relaciona-se com os aspectos motivacionais intrínsecos (associados a fatores pessoais), e a percepção da liberdade onde os indivíduos tendem a realizar atividades pelo simples prazer de satisfação que a própria atividade

propicia. Também Kowalski (2007, citado por PINTO, 2008) refere-se ao lazer vivenciado em sua plenitude, sempre que as pessoas se sintam bem com o relaxamento físico e psicológico experimentados na prática vivenciada, e quando de fato os sujeitos percebem as diversas sensações ou o gozo do repouso.

Na direção de tentar contribuir com os esforços na promoção do lazer em ILPIs, considera-se importante investigar a trajetória, a atualidade e as perspectivas associadas às experiências de lazer de idosos institucionalizados. Reunindo estas três fontes de experiências de lazer será possível encontrar subsídios para captar as reais motivações (interesses e vontades) associadas ao lazer.

1.4 Perguntas da presente pesquisa: Abordando cientificamente o problema da ausência de investimento adequado em lazer na ILPI

Considera-se que há diferentes formas de abordagem ao lazer na ILPI. No entanto, as formas disponíveis não se têm mostrado eficientes nem eficazes para trabalhar o interesse educacional e motivacional dos sujeitos. Nesse sentido, e como argumentado anteriormente, o primeiro passo na direção de estimular a motivação interna para a prática de lazer na ILPI é acessar as experiências de lazer de seus residentes (homens e mulheres idosos) para que as propostas institucionais sejam mais condizentes com seus interesses e vontades. Além disso, identificar as experiências de lazer compartilhado são especialmente relevantes em virtude do conhecido distanciamento relacional decorrente da institucionalização (como será discutido mais adiante no presente texto). Finalmente, é igualmente necessário conhecer as características da oferta de lazer institucional e compará-las com as experiências de lazer atuais segundo percebidas pelo próprio idoso, bem como com suas perspectivas futuras de lazer na ILPI.

Assim, são traçadas as seguintes perguntas de pesquisa:

- 1) Qual a trajetória das experiências de lazer do residente de ILPI antes de seu ingresso na instituição?
- 2) Quais as experiências passadas de lazer compartilhado do residente de ILPI?
- 3) Como se apresenta a oferta de lazer na ILPI e de que modo ela atende os interesses e vontades do residente?
- 4) Qual a percepção do residente de ILPI sobre suas experiências atuais de lazer?
- 5) Quais experiências de lazer o residente de ILPI gostaria de resgatar e/ ou de vivenciar?

6) Quais semelhanças e diferenças entre as experiências de lazer de homens e de mulheres residentes em ILPI?

1.5 Objetivos da pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa de mestrado foi de descrever a trajetória, a atualidade e as perspectivas associadas às experiências de lazer de idosos independentes residentes em ILPIs filantrópicas sediadas no município de Belo Horizonte (MG). Os objetivos específicos e expectativas foram:

- Descrever a trajetória das experiências de lazer de idosos independentes residentes em ILPI com base em momentos diferentes da vida: Pré-aposentadoria, transição para a aposentadoria e a aposentadoria pré-ILPI, ILPI, e perspectivas futuras.

Espera-se que a descrição desta trajetória possibilite identificar experiências de lazer que possam ser ou resgatadas, ou atendidas, ou mesmo que possibilite identificar elementos para proporcionar novas experiências.

- Comparar as experiências de lazer de homens e de mulheres.

Espera-se encontrar uma diferença marcante nas experiências de lazer de homens e de mulheres nos momentos demarcados.

- Investigar se há relação entre as experiências passadas de lazer que envolvem ou dependem da participação de outras pessoas e o interesse atual em se envolver em atividades de lazer compartilhadas.

Espera-se encontrar dados que possibilitem verificar se há relação entre histórico de pouca interação social em momentos de lazer e motivação atual em compartilhar o lazer com colegas residentes, e que tipo de relação existe entre estas duas variáveis.

- Descrever as práticas de lazer ofertadas pela ILPI a seus residentes, comparando-as com os interesses atuais destes usuários.

Espera-se, com este objetivo, compreender a concepção de lazer da instituição, conhecer sua oferta de lazer ao residente, e averiguar se o idoso participa do planejamento das propostas de lazer ofertadas.

1.6 Envelhecimento, lazer, ILPI e as relações entre estes temas

1.6.1 Sobre o Envelhecimento

A literatura especializada aponta que em países desenvolvidos o envelhecimento populacional se deu de forma lenta, ao longo de mais de cem anos. Já nos países em desenvolvimento este processo tem ocorrido rapidamente por meio do aumento absoluto e relativo da população adulta e idosa, modificando de modo marcante a pirâmide populacional destes países (VERAS, 2004).

O Brasil é um dos países da América Latina que tem experimentado os maiores aumentos na proporção de idosos em relação à população total. Isto significa uma acelerada tendência de envelhecimento populacional, confirmada pelas projeções dos censos populacionais (IBGE, 2002; IBGE, 2008). Além disso, a nação brasileira apresenta-se hoje como o terceiro país do mundo com maior desigualdade de renda (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2010). Assim, as questões sociais têm enorme influência na forma e no tempo do envelhecimento brasileiro. Basta a lembrança de que somente a partir das décadas de 1980 e de 1990 teve início o registro de dados a respeito da violência contra idosos (SILVA; LACERDA, 2007).

Considera-se altamente relevante considerar quanto tempo os idosos brasileiros viveram em condições desumanas antes do início destes registros. É igualmente relevante estimar quantos idosos ainda são vítimas de agressão verbal, moral ou abuso de suas finanças. Estes problemas, embora conhecidos, não são denunciados pelo idoso para não desestabilizar a aparente harmonia familiar. Todos estes aspectos levam a refletir sobre a condição atual do que é envelhecer no Brasil (SILVA; LACERDA, 2007).

Do ponto de vista dos custos sociais, o envelhecimento populacional brasileiro pode representar um grave peso para o Estado para atender as novas demandas de saúde, previdência, aposentadoria e demais condições para boa qualidade de vida a essa população (HEREDIA, 1999). Segundo dados do IPEA (2010), no período de 1992 a 2009 a população brasileira contou com 2,9 milhões de brasileiros com 80 anos ou mais. Além de modificar a demanda por políticas públicas, este envelhecimento populacional pressionará a distribuição de recursos na sociedade (CAMARANO; PASINATO, 2004).

Segundo Birman (1995), as concepções da velhice se transformam radicalmente ao longo da existência. São conceitos construídos historicamente e inseridos na dinâmica dos valores e das culturas. Assim, não há uma definição padronizada para o termo velhice. Além

disso, considerando-se que se vive atualmente em uma sociedade que não aceita perdas, a maioria das pessoas só a reconhece quando este tempo se aproxima, ou a percebe apenas nos outros, como algo inadmissível ou nunca a ser concretizado.

Minayo; Coimbra Júnior (2002), ao estudarem o fenômeno do envelhecimento sob uma perspectiva antropológica, destacam que no imaginário social a velhice sempre foi vista como uma carga econômica para a família e para a sociedade. Além disso, os autores compreendem que a velhice pode significar uma nova demanda por mudanças na sociedade como um todo.

A concepção negativa da velhice tem muitas vezes feito com que os próprios idosos neguem a si a oportunidade de escolher seu destino e de reconhecer seu papel positivo na sociedade. Concordando com Mills (1974, 1982), entende-se que é preciso tratar o envelhecimento como uma questão pública. Esta postura implica reconhecer que reorganizações do poder, do trabalho, da economia e da cultura trazem mudanças positivas para o desenvolvimento humano, o que é bem diferente de entender o envelhecimento como problema social.

Na perspectiva de construção de uma identidade social positiva para o idoso, Minayo; Coimbra Júnior (2002) afirmam que, do ponto de vista econômico, os idosos (especialmente os mais ativos e independentes) representam um mercado promissor no mundo dos bens de consumo, da cultura, do lazer, da estética e dos serviços de saúde. Nessa direção, garantir uma existência mais saudável ao idoso é admitir novas formas de pertencimento social, seja através das novas possibilidades de comunicação, de participação grupal ou, ainda, seja através do cultivo de diferentes (ou novas) formas de lazer.

Uma das questões mais importantes no momento, apesar de todas as dificuldades brasileiras, é a transformação progressiva do lugar social dos idosos. Hoje, mesmo diante de poucas ações governamentais para receber a população idosa, é possível que o idoso seja reconhecido como agente social e autônomo em suas escolhas, principalmente através da reivindicação de seus direitos. Nesse sentido, almeja-se que o idoso se relacione com seu futuro e faça valer seus direitos, permitindo que ele se sinta incluído no seu contexto social. É nesta mesma direção que argumentam Argimon *et al.* (2004), que entendem que o conceito de velhice está mudando, atualmente visto como possibilidade de realização pessoal, maturidade e sabedoria.

O envelhecimento humano envolve o entendimento de vários aspectos da vida. Os aspectos biológicos e fisiológicos são bastante explorados, mas são apenas parte desta etapa do desenvolvimento humano. Nos estudos do lazer, muito interessa pesquisar a respeito das

relações sociais no envelhecimento. Dias; Schwartz (2005) afirmam que, para proporcionar maior integração entre a população idosa, devem ser oportunizadas vivências culturais, esportivas, educativas e de lazer. Ao pesquisarem especificamente sobre o lazer em idosos, as autoras ressaltam a necessidade do poder público em se preocupar com uma política que priorize ações que estimulem o idoso a praticar lazer.

Na sociedade atual é perceptível o uso de várias denominações para a etapa do desenvolvimento humano denominado velhice. Considera-se importante discutir o uso deste e de outros termos associados, principalmente em virtude de conotações negativas associadas ao senso comum (estereótipos e preconceitos) ou a peculiaridades culturais. Neri; Freire (2000), por exemplo, apontam como termos mais comuns terceira idade, melhor idade, adulto maduro, idoso, velho, meia-idade, maturidade, idade maior e idade madura.

Para Debert (1999) a expressão *terceira idade* é uma construção da sociedade contemporânea sem conotações depreciativas. Na visão de Siqueira *et al.* (2002), trata-se de indivíduos na faixa de 55 a 70 anos de idade, com boa saúde, tempo livre para lazer e possibilidade de vivenciar novas experiências.

Peixoto (2007), ao estudar os termos classificatórios para a velhice, cita que o termo *idoso* apresenta um caráter menos estereotipado na comparação com o termo *velhice*, e demonstra uma noção de maior respeito em relação aos velhos. Segundo o Dicionário Aurélio (Ferreira, 2008, p.460), *idoso* é aquele “que tem bastante idade, velho”. Na percepção de Neri; Freire (2000, p.14) o sentido negativo ou positivo atribuído a estas palavras, são ilusórias dentro do que ocorre na realidade social. Por isso, preferem utilizar os termos “velho” ou “idoso” para referir-se a pessoas idosas e “velhice” para atribuir a esta última fase do ciclo vital. Quanto à palavra *velho*, o termo faz referência, no Dicionário Aurélio, a “algo antigo”, “obsoleto”, “gasto pelo uso”, “muito idoso” (FERREIRA, 2008, p.810).

Neri; Freire (2000) fazem uma crítica em relação à substituição dos termos velho e velhice por *terceira idade*. Para estas autoras a preferência pelo termo terceira idade mascara o preconceito e nega a realidade. Além disso mencionam que, se as várias realidades da velhice e do processo do envelhecimento fossem bem conhecidas, não haveria motivos de negá-las (p.14). A pesquisa de Silva *et al.* (2006) ilustra este debate: um grupo de idosos de Fortaleza (CE) admitiu que vivencia uma real diferença entre as palavras *velho* e *idoso*. Para estes idosos, *velho* é aquele que perde a capacidade de administrar seu próprio cotidiano, enquanto *idoso* é aquele que é autônomo e independente em sua vida.

Diante da discussão recém traçada quanto ao uso dos termos para denominar a velhice, percebe-se o quanto esta fase do desenvolvimento humano é negada e temida pelo ser

humano, até mesmo pelos próprios idosos, talvez pelo receio de exclusão social. Portanto, faz-se necessário a proposição de práticas reeducativas na sociedade como um todo, para melhor compreensão do processo do envelhecimento, no intuito de mudar os paradigmas em relação à velhice.

Um estudo realizado na cidade de Belo Horizonte (MG), a respeito da percepção dos idosos sobre envelhecimento e independência, apontou que idosos que gozavam de boa saúde e independência, não se reconheciam como velhos. Em cinco grupos entrevistados, de idosos institucionalizados e outros pertencentes a grupos de terceira idade, percebeu-se que idosos de grupos de terceira idade tinham uma percepção mais positiva da velhice, mostrando-se mais ativos e participativos. Idosos institucionalizados apresentavam tendência a percepção da velhice de forma mais negativa diante da aproximação da própria finitude, dependência e alterações corporais (TIRADO, 2000). Para esta autora, a percepção da velhice como um momento bom ou ruim e a percepção de ser velho ou não, relaciona-se ao percurso de vida anterior deste idoso.

Segundo Schneider; Irigaray (2008) a velhice e suas particularidades só podem ser compreendidas a partir de relações entre aspectos cronológicos (número de anos decorridos desde o nascimento), biológicos, psicológicos e sociais. Estes aspectos interagem de acordo com a cultura, as condições históricas, políticas e econômicas de cada povo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) baseia-se, por exemplo, na idade cronológica, estabelecendo a idade mínima de 65 anos para o idoso de países desenvolvidos, e de 60 anos para o de países em desenvolvimento. Caldas (2006), no entanto, destaca que a idade cronológica não diz muito sobre o real envelhecimento humano, embora seja um parâmetro importante para o planejamento de políticas de atenção ao idoso.

Referindo-se à idade biológica, Neri (2008) a define como um indicador do tempo que resta a um indivíduo para viver, envolvendo modificações corporais e mentais ao longo do desenvolvimento. É um processo que se inicia antes do nascimento humano e se estende por toda a existência.

Quanto à idade social, Neri (2005) a associa ao grau de adequação do indivíduo mediante o desempenho de seus papéis e comportamentos esperados para sua idade. Já Caldas (2006) considera que o envelhecimento social ocorre quando existe um desengajamento do indivíduo, deixando de interagir socialmente.

De acordo com Erbolato (2002), as redes sociais se alteram ao longo da vida, sendo que algumas pessoas são mais constantes na rede social e outras saem definitivamente. Contexto social, oportunidades fornecidas pelo ambiente e características da personalidade

são fatores que influenciam o estabelecimento de relacionamentos interpessoais, estando associados a um envelhecimento bem sucedido.

Nogueira *et al.* (2009) mencionam que as relações interpessoais podem permitir intervenções que favoreçam aos idosos manter sua competência e saúde na velhice. A título de exemplo, Ramos (2002) estudou a relação entre estresse e apoio social. Para este autor o estresse na velhice é amenizado através das relações familiares e de amizade, especialmente quando estes relacionamentos proporcionam afeição, assistência e demonstrações de preocupação com o bem-estar do idoso.

Para Tirado (2000), os grupos de terceira idade possibilitam aos idosos a aquisição de conhecimentos e informações, de forma que a velhice seja percebida de maneira mais realista, imprimindo à vida mais dinamismo e positividade. Além disso, estes estudos indicaram que idosos que frequentam grupos de terceira idade apresentam melhor autopercepção de saúde, pelo acesso a formas de prevenção de doenças e geralmente consideram sua saúde como boa e ótima.

Em relação à idade psicológica, Neri (2005) a define como a maneira que cada indivíduo avalia em si mesmo a presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos com outras pessoas de sua idade. Para Caldas (2006) a idade psicológica inclui um senso subjetivo de idade.

Bassit (2002) estudou, através de depoimentos de mulheres, as diferentes maneiras de envelhecer. A pesquisadora observou que mulheres envolvidas com o trabalho, e nascidas no período de urbanização e industrialização da sociedade brasileira, valorizam as relações pessoais, desenvolvem atividades de lazer e percebem o envelhecimento de forma mais positiva. Por outro lado, outro grupo de mulheres estudadas por Bassit (2002) considerou o envelhecimento como uma exclusão da vida normal; a vida destas pessoas centrava-se em papéis tradicionais na família e no trabalho, com foco no casamento e na geração de filhos.

No atual contexto brasileiro, a qualidade de vida na velhice tem sido relevante à medida que ocorre uma nova consciência social no entendimento desta fase do desenvolvimento humano como problema, e desafio em vários âmbitos sociais, diante de novos recursos disponíveis. O conceito de qualidade de vida envolve múltiplas dimensões e sua avaliação compara as condições disponíveis e desejáveis dos grupos humanos, que se expressam por índices de desenvolvimento, bem-estar, desejabilidade, prazer ou satisfação (NERI, 2007, 2008).

Embora grupos de estudiosos, como o Grupo de Qualidade de vida da OMS (WHOQOL, 1995) reconheçam que não há um significado padronizado para conceituar

qualidade de vida, há alguns pontos de consenso como aspectos da subjetividade, multidimensionalidade e presença de dimensões positivas e negativas que devem ser considerados. Os aspectos subjetivos referem-se ao modo como cada pessoa percebe e valoriza seu estado de saúde e satisfação com a vida. Os aspectos multidimensionais envolvem os domínios de saúde física, psicológica e função social. Quanto às dimensões positivas estas se referem às dimensões boas, como por exemplo, independência e contentamento, e as dimensões negativas relativas a qualidade de vida da pessoa como dor, fadiga, dependência de medicação (TRENTINI; XAVIER; FLECK, 2006).

É perceptível que o aumento da população idosa trouxe a demanda pela implementação de políticas públicas que garantam qualidade de vida ao idoso. Moimaz *et al.* (2009) destacam que a Constituição Federal Brasileira de 1988, ao considerar o idoso, desencadeou uma série de regulamentações novas que objetivavam assegurar direitos fundamentais dedicados a ele.

A participação efetiva dos idosos no planejamento e elaboração dos projetos a eles dedicados deve ser buscada para que realmente seja satisfeito o interesse deste público. É possível constatar ultimamente um número expressivo de trabalhos produzidos em cursos de especialização de distintas áreas que articulam os temas envelhecimento, qualidade de vida e lazer. Destaca-se que estas discussões aumentaram após a promulgação da Lei nº 10.741 de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

Em termos legais, percebe-se o estímulo ao lazer enquanto direito do cidadão idoso. Em 2003 estabeleceram-se parcerias entre a Promotoria do Idoso/ BH - MG e Prefeitura Municipal de Belo Horizonte através do *Termo de Ajustamento de Conduta nº 018/2003*, para a prestação de serviços diversos a ILPIs conveniadas com a Prefeitura/ BH. A título de exemplo, alguns destes acordos visam a promoção de práticas de atividade física para idosos institucionalizados, e parecem já ocorrer em outras capitais brasileiras, mesmo não alcançando, ainda, os padrões ideais de atendimento segundo o Ministério Público do Estado de Minas Gerais / Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência e Idosos (2010). Isso exemplifica como renda, trabalho, transporte, moradia, acesso a espaços de lazer, segurança e saúde ainda são efetivamente pouco assegurados diante das grandes demandas atual e futura.

O capítulo "Esporte, Educação, Lazer, Cultura e Turismo" do Estatuto do Idoso (2003) nos artigos 20 a 25, trata do lazer como direito e prioridade. Sugere inclusive que o tema envelhecimento seja discutido no ensino formal com vistas a combater o preconceito e a discriminação. Na prática, sabe-se que entre lei e sua aplicação há muitos obstáculos. Estas

discussões raramente ocorrem no meio escolar ou em iniciativas voltadas para a juventude, e são praticamente inexistentes no meio familiar. Ademais, a frequência de idosos a espaços culturais (como teatro, cinema, shows musicais) é limitada na medida em que carecem de transporte eficiente, companhia ou segurança contra violência.

Os estudos de Effting (1994) trazem reflexões importantes no que se refere às leis garantidas aos idosos e suas aplicações. Em sua análise, a autora menciona que a Constituição Federal Brasileira, apesar de assegurar os direitos de cidadania ao povo, carrega algumas incoerências. Estas incoerências resultam em grande distanciamento entre leis, normas e a realidade da velhice brasileira. Na percepção de Effting (1994), as leis são pensadas e elaboradas segundo a visão de quem está no poder, e não de quem delas necessita.

A meu ver, a questão fundamental no que tange às leis e seu efetivo cumprimento estão na participação da sociedade como um todo. Tendo em vista as constantes mudanças sociais, o direito também não se cristaliza e dia a dia precisa ser reorganizado. Um dos grandes desafios da atualidade é estimular a população idosa a participar efetivamente de Conselhos e Fóruns para expressar a nova realidade do idoso, e propor novas demandas.

É interessante observar que as considerações de Effting (1994) são válidas em alguns aspectos na atualidade. É de conhecimento público que até a aprovação do Estatuto do Idoso ocorreram lutas históricas do movimento social brasileiro, com participação de representantes de diversos segmentos da sociedade (representantes políticos, religiosos, áreas da saúde, associações de aposentados). Ainda assim, há um distanciamento das necessidades reais da população e medidas para sua resolução. As tentativas de políticas locais em utilizar tais direitos conquistados por meio de ações de caráter assistencialista/ paternalista muitas vezes resultam em ações imediatistas que dificultam o verdadeiro exercício da cidadania do idoso. No entanto, faz-se necessário uma revolução comportamental da população, para que as leis não sejam apenas documentos sancionados pelo governo, mas direitos constitutivos de cidadania.

1.6.2 Lazer para o idoso

No senso comum os conceitos de lazer sempre estão associados a experiências pessoais e atividades do cotidiano dos idosos. Leal (2007) aborda esta questão e lembra que tais atividades são fruto de escolhas pessoais. A este respeito, cabe referir que Marcellino (1996) indica que não se pode entender o lazer somente sob o ponto de vista da ação, pois o que pode ser lazer para alguns, para outros pode não ser.

Viana (1999) nos chama a atenção para a qualidade de vida de idosos, argumentando que o lazer possibilita superar limitações. Para a autora, o lazer reconstrói a vida de forma positiva, criativa e autônoma. Atividades lúdicas, por exemplo, tem caráter socializante, desenvolvendo hábitos saudáveis. A satisfação pessoal também é um elemento importante que valoriza a identidade do idoso.

As pesquisas em lazer demonstram sua contribuição significativa ao longo da vida. Sua importância ocorre não apenas pela simples participação nas práticas, mas porque o lazer fornece um foro para as interações importantes e significativas na formação do autoconceito e sentido de bem-estar (IWANOWICZ, 2000).

Ainda hoje o envelhecimento é tratado como um incômodo social por evidenciar perdas em uma sociedade que não as aceita. Possivelmente as atitudes sociais negativas direcionadas à velhice não tem permitido ao idoso a garantia do direito consciente e merecido de desfrutar o tempo livre. Assim, muitos idosos passam a dedicar-se a filhos, netos e outros familiares. Já as visitas aos amigos são, na maioria das vezes, trocadas por afazeres do lar.

A organização deste tempo social na vida do idoso, como referido por Rezende (2008), parece estar bastante vinculada ao tipo de sociedade em que ele tem vivido. Estas pessoas podem ter experimentado uma sociedade com valores rígidos, poucos diálogos, escassas expressões de afeto e raros direitos (REZENDE, 2008).

Para Sarriera *et al.* (2007), o modo como o sujeito vive o tempo livre tem relação com as experiências culturais, os hábitos adquiridos e os processos de socialização no qual estão inseridos. Associados a estes fatores citados, o tempo livre de cada um poderá variar de acordo com as particularidades psicológicas de cada pessoa. Do mesmo modo, Ferrari (2002) problematiza como os idosos utilizam o tempo livre para o lazer e verifica a proximidade entre o bom uso deste tempo e a preparação para o mesmo. Para esta autora, além de preparação para a aposentadoria, fatores como filosofia de vida, aspectos psicoemocionais, valores individuais e sociais experimentados anteriormente podem influenciar no aproveitamento ou não deste tempo.

O estilo de vida é um elemento importante no que tange a qualidade de vida das pessoas ou uma vida com mais qualidade. Considerando que na velhice há maior disponibilidade de tempo livre para alguns idosos, cada um vai usufruí-lo também de acordo com sua trajetória de vida. Mcpherson (2000), ao estudar a relação entre envelhecimento populacional e lazer, considera que as características sociais de cada grupo, os valores adquiridos e as experiências irão determinar o estilo de vida de cada pessoa mais adiante na

vida. Logo, a escolha pelo estilo de vida de forma consciente poderá contribuir para uma melhor qualidade de vida na velhice.

A denominação de tempo livre, tal como a conhecemos hoje, adveio da natureza cronológica e atingiu seu apogeu pós-revolução industrial (AQUINO; MARTINS, 2007). Em uma perspectiva sociológica, Marcellino (1990,1996) considera que o lazer ligado ao aspecto tempo, não envolve apenas liberação das obrigações profissionais, mas familiares, sociais e religiosas. Deste modo, o conceito “livre” adicionado ao tempo na caracterização do lazer traz uma ideia simplificada, pois nas relações sociais nenhum tempo poderá estar livre das normas de conduta social, e por isso sugere o uso do termo “*tempo disponível*” (MARCELLINO, 1990,1996).

No decorrer da vida é perceptível que a quantidade de tempo livre é variável, sendo maior na infância e adolescência, diminuindo na fase adulta e ampliando novamente na aposentadoria. Além disso, deve-se ressaltar que o direito ao tempo livre na aposentadoria foram conquistas sociais. Na maioria das vezes, este tempo não é valorizado pelos aposentados, porque foram acostumados no ritmo da produção. Logo, faz-se necessário uma preparação educativa para aproveitar este tempo de forma significativa (MORAGAS, 1997; FERRARI, 2007). Este papel educacional permite reelaborar através de conhecimentos externos, a própria autonomia, de modo que seja possível ao indivíduo escolher ou renunciar práticas de lazer de acordo com a sua necessidade e interesse (RODRIGUES, 2002).

Na presente pesquisa, pode-se supor que o uso do tempo livre dos idosos apresente várias características citadas acima, mas pretende-se através das investigações provocar reflexões nos sujeitos envolvidos no estudo, para que sejam protagonistas do uso de seu tempo livre. Portanto, as abordagens desta pesquisa aproximam-se dos estudos de Waichman (1997, 2004) e Munné (1980). Para estes autores o homem só será livre quando construir suas próprias condições. Para isto é necessário discernir o que é necessidade interior (liberdade) e o que é a necessidade exterior (obrigação), a fim de superar as condições exteriores, passando a ser a própria pessoa o maior responsável de suas condições. Assim, o tempo livre poderá ser conduzido da maneira mais autônoma possível, para dedicar-se ao lazer de forma mais autêntica buscando uma vida com mais qualidade.

Calegari (1997), pesquisou um grupo de idosos que frequentavam uma associação de aposentados no município de Campinas a fim de compreender como se manifestavam as questões do lazer no interior desta instituição. A autora constatou que o lazer na vida dos idosos investigados não apresentou tanto significado, mas a ação no lazer assumiu uma pluralidade de significados na vida dos mesmos. Estes estudos indicaram que os velhos

aposentados tinham acesso ao lazer e a formas de consumo, cada um à sua maneira e de acordo com suas necessidades, condições e significados. Até mesmo em condições financeiras nem sempre favoráveis, os idosos faziam escolhas na esfera do lazer. Sugere que é necessário que nos desnudemos de preconceitos em relação a esses lazeres por eles vivenciados, não na perspectiva de aceitação simples, mas no entendimento de que no simples reside a realização de uma vida dedicada ao trabalho.

Além dos serviços formais que os afastam e não os sensibilizam ao direito de lazer, as aposentadorias insuficientes também impedem o aproveitamento do tempo livre. Outras vezes a perda do controle dos recursos financeiros (principalmente quando doentes ou dependentes) leva os idosos a perceber a crescente limitação de seu papel familiar em virtude da exclusão a que é submetido (SILVA *et al.*, 2006). Nestes casos as práticas de lazer mais uma vez ficam limitadas por não envolverem oportunidades de escolha e por dependerem de outras pessoas.

Melo (2003) discute a realidade do idoso brasileiro aposentado e/ ou pensionista que nem sempre tem o tempo totalmente livre. Este tempo de não-trabalho muitas vezes é substituído pelo trabalho informal ou pela prestação de serviços de naturezas diversas (por exemplo, de ordem religiosa ou pelo retorno ao mercado formal). Para alguns idosos, a volta ao trabalho significa um meio de garantir a sobrevivência; para outros este retorno significa uma forma de traçar novas relações com o tempo (CALEGARI, 1997; RODRIGUES, 2002; MELO, 2003).

Carvalho; Azevedo (2006) ao estudarem sobre o lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria observaram que o período de pré-aposentadoria é pleno de possibilidades, aberto para a intensidade das relações sociais tanto em espaços públicos quanto privados. Na pós-aposentadoria o lazer volta-se para o círculo familiar, “a casa” que define a ideia de “calor humano”. Quanto às diferenças nas práticas de lazer observadas após a aposentadoria, Carvalho; Azevedo (2006) apontaram que a diferença de liberdade para as vivências de lazer foram suprimidas entre homens e mulheres. Quanto à diversificação das práticas, as mulheres passaram a ter lazeres mais variados ou semelhantes em relação aos homens.

Rodrigues (2002), ao dissertar sobre o uso dos espaços de lazer para idosos, menciona que os locais oferecidos muitas vezes são de acesso pago ou são desconhecidos pelo público interessado. Afirma, ainda, que as condições econômicas são um entrave ao lazer, especialmente com a diminuição da renda após a aposentadoria.

Na mesma direção de Rodrigues (2002), Doll (2007) traz considerações importantes a respeito das barreiras que dificultam o lazer dos idosos. Na sua percepção, os espaços nem

sempre são apropriados. Além disso, há impedimentos por motivos de saúde ou idade avançada, bem como certa resistência proveniente do próprio imaginário do idoso. Para Doll (2007) o nível de escolaridade interfere no maior ou menor envolvimento em determinadas práticas de lazer. Assim, a valorização e o hábito de determinadas práticas de lazer estão relacionadas com o grau de escolaridade de cada grupo, por exemplo, interesse por atividades culturais ou atividades junto à família. Doll (2007) ainda destaca que muitas vezes o lazer não proporciona aos idosos a mesma sensação de integração social que o trabalho proporcionava. Por isso, para que as atividades de lazer sejam significativas, é necessário que estejam relacionadas com a identidade, os ideais e os valores do idoso.

Costa (2001) traz outras abordagens interessantes quanto ao lazer vivenciado pelos idosos na atualidade. Para esta autora, o lazer traz a conotação de um simples produto a ser consumido, e o idoso significa uma fonte preciosa de recursos. Em suas observações Costa (2001) convida a repensar o consumo de bens e serviços, pois apesar de elevar o nível da qualidade de vida, ao mesmo tempo posiciona o idoso como simples espectador. Na visão da autora, o lazer acaba, ao mesmo tempo, motivando e controlando continuamente o idoso para preencher horas ociosas. Na relação entre lazer e aposentadoria, Calegari (1997) sugere que a intensa preocupação com a ocupação do tempo após a aposentadoria, pode significar uma forma de reproduzir a ótica do sistema capitalista na sociedade, o que vem de encontro aos estudos de Costa (2001) no que diz respeito ao controle do tempo do idoso.

Muitas vezes, os valores adquiridos na sociedade e na cultura de outros tempos, bem como as dificuldades econômicas atuais dos idosos são barreiras para a vivência dos conteúdos culturais do lazer. Neste caso, e com base em Marcellino (2004), é necessário trabalhar o lazer de forma educativa para que se possa passar do nível conformista para o crítico-criativo. Calegari (1997) ao estudar as relações entre lazer e aposentadoria pontua que deve-se pensar o lazer não para “ocupar o tempo desocupado”, nem o “fazer pelo fazer”, mas pela noção do fazer em si buscando um significado.

As considerações recém feitas sobre o lazer na velhice alertam para a necessidade de se conhecer os fatores que influenciam as práticas de lazer na vida de idosos inseridos em um dado contexto social, político e econômico. Isso possibilitaria compreender melhor suas escolhas atuais, bem como conscientizá-los a experimentar novas opções de lazer.

Cavalcante; Freitas (2007) estudaram atividades de lazer em um grupo de 24 idosas cadastradas no Programa de Saúde da Família do município de Pacatuba (CE). Segundo as autoras, estes idosos não se sentiam preparados ou motivados para usufruir de seu tempo livre em atividades desconectadas da perspectiva do trabalho. Para Cavalcante; Freitas (2007) a

falta de hábitos de lazer e o desconhecimento dos seus valores provavelmente transformavam o tempo livre dos idosos em um tempo vazio.

Cavalcante; Freitas (2007) reconhecem que proporcionar lazer associado à verbalização das experiências, costumes e tradições do grupo pode corrigir a atual representação negativa da velhice, além de aliar-se ao cuidado da saúde. Os estudos de McPherson (2000) também argumentam nesta direção, indicando que muitas mulheres mais idosas tiveram pouca ou nenhuma experiência com lazer, especialmente aquelas que residiam no meio rural e proveniente de países subdesenvolvidos.

A sensação de bem-estar dos idosos associa-se muitas vezes a seus cuidados com a saúde. Polaro (2001) estudou um grupo de 175 idosos usuários de uma Unidade Básica de Saúde de Belém (PA) para avaliar a qualidade dos serviços prestados a esta população. Os idosos participantes da pesquisa eram independentes, com baixa escolaridade, e baixos poder aquisitivo (renda de um salário mínimo). Deve-se considerar que a variável idade foi subdividida em faixa etária por representarem uma população muito heterogênea, com grandes diferenças funcionais, entre idades muito distintas. Por isso, considerou-se idoso jovem (60 a 74 anos), idoso (75 a 84 anos) e idoso-idoso (85 anos e mais).

Na percepção de Polaro (2001) a baixa condição socioeconômica reduz as opções de lazer a assistir televisão. Além disso, as atividades sociais oferecidas pelo Centro de Saúde (oficinas terapêuticas, palestras educativas, atividade física, passeios, festas) não eram identificadas pelos idosos como atividades vinculadas a cuidados com a saúde no sentido mais amplo. O autor constatou também que os idosos mais jovens envolvem-se mais nas atividades sociais propostas do que os mais idosos, assim classificados no estudo. Estes últimos frequentam o Centro de Saúde apenas para consultas médicas, não se vinculando às práticas de lazer lá oferecidas.

Os idosos da pesquisa de Polaro (2001) não possuem outro contexto para interações sociais em suas vidas além do Centro de Saúde. Desse modo, subentende-se que cuidar da saúde associa-se apenas à cura de doenças. Muito provavelmente é por esta razão que o lazer não é entendido pelos idosos estudados como elemento que compõe a saúde em seu sentido mais amplo e atual. Além disso, possivelmente as experiências de lazer oferecidas a eles nunca fizeram parte de seu meio sociocultural.

Os estudos de Tirado (2000) apontaram as dificuldades que os idosos enfrentam vivendo em Belo Horizonte (MG). Os principais pontos relatados foram falta de segurança, dificuldades com o trânsito, dificuldades financeiras e de moradia, precariedade nos serviços de saúde e transporte que impossibilitam a ampliação das opções de socialização e lazer. Estas

constatações ainda acontecem na realidade do idoso residente nesta capital, tendo em vista que melhorias têm sido feitas, mas são poucas diante da demanda atual, como por exemplo no âmbito dos estudos multidisciplinares, a crescente necessidade de ampliar estudos sobre cognição e estímulo a práticas de lazer.

Silva *et al.* (2006) pesquisaram o grau de dependência em AVDs (atividades de vida diária) de 385 idosos de baixa renda da cidade de Fortaleza (CE). No estudo observou-se que 65% dos idosos não saem de casa sozinhos, limitando suas vidas ao ambiente doméstico. A maioria não frequenta grupos de convivência nem participa de passeios. Este fato ocorre porque os idosos não dispõem de cuidadores que os levem a algum lugar de interesse, comprometendo a prática de lazer nessa população. Ainda no que diz respeito à locomoção, mais de 70% dos entrevistados apresentam restrição total para usar transportes urbanos. Consequentemente o recebimento da aposentadoria, na maioria das vezes ocorre em unidades bancárias distantes do domicílio, e torna-se inviável para o idoso administrar seus próprios recursos. Neste caso o idoso se vê obrigado a transferir esta tarefa para um parente. Isto representa para o idoso a gradual limitação do seu papel familiar.

Em se tratando de idosos mais idosos, segundo Inoye; Pedrazzani (2007) os octogenários representam na atualidade 1% da população do planeta e 3% da população de países desenvolvidos. Os autores conduziram uma pesquisa que buscou avaliar a percepção acerca da qualidade de vida de octogenários independentes e não institucionalizados, além de analisar correlações entre status socioeconômico e escolaridade. Não se observou correlação entre nível de instrução e qualidade de vida, mas escores mais altos desta última foram encontrados em pessoas mais especializadas. Os idosos queixaram-se de falta de oportunidades de lazer apropriado para esta faixa etária.

Inoye; Pedrazzani (2007) destacam a necessidade de políticas públicas que proporcionem aos idosos áreas fisicamente apropriadas e seguras para caminhadas ou exercícios adaptados. Tais ações promoveriam educação e aprendizagem permanentes, objetivando minimizar a distância cultural entre gerações, que comumente contribui para a solidão e isolamento social.

A carência de espaços de lazer para idosos na cidade de Feira de Santana (BA) também foram citadas nos estudos de Almeida *et al.* (2005). Estes autores observaram que, à medida que a idade aumentava, diminuía o percentual de participantes em práticas de lazer. A renda esteve associada positivamente com as atividades de lazer, assim como níveis mais elevados de escolaridade. Ademais, idosos que apresentavam distúrbio do sono não se envolviam regularmente com lazer. Além disso, os idosos alegaram como principal motivação

para o lazer a convivência com os outros e a possibilidade de fazer amigos, afirmando que não se envolviam em atividades de lazer por obrigação. Considera-se que estas motivações de natureza interpessoal são fundamentais, porque podem ser aproveitadas para evitar prejuízos à qualidade de vida como um todo, a exemplo da solidão e do isolamento.

Os estudos de Carstensen (1992) trazem contribuições importantes ao nos referirmos à motivação dos idosos correlacionando com a fala acima: “*não se envolviam em atividades de lazer por obrigação*”. Esta pesquisadora menciona que no envelhecimento as prioridades de metas que organizam os motivos sociais sofrem alterações ao longo do curso da vida, e estas motivações são reguladas pelas emoções. A teoria da seletividade socioemocional, proposta por Carstensen (1992) explica que à medida que as pessoas chegam à velhice, elas se concentram em viver com mais qualidade o presente, por entender que o futuro é limitado, preferindo ficar mais tempo com suas figuras de apego, mudando suas prioridades. Rompe-se portanto, com a visão da velhice caracterizada por afastamento social e falta de emoção, pois as emoções representam um fator social dominante das interações sociais na velhice, especialmente no caso dos idosos mais idosos.

Na mesma direção de Carstensen, Carvalho; Azevedo (2006) verificaram que após a aposentadoria a rede de relações sociais ocorre com maior frequência no círculo familiar e velhas amizades. As novas amizades são apenas circunstanciais, originadas em grupos da mesma geração, motivadas pelas viagens, ou participação em atividades de lazer.

Davim *et al.* (2003) procuraram identificar a importância do lazer diário na vida de 55 idosos de baixa escolaridade e com dificuldades financeiras, residentes em Natal (RN). Enquanto a maior parte alegava não ter tempo para o lazer, outros relataram algum interesse apenas para passar o tempo ou fugir da solidão. Outra parcela alegou, ainda, que gostaria de “fazer nada”. Davim *et al.* (2003) entendem que os idosos reconhecem a importância do lazer, mas não conseguem atribuir a ele um significado voltado para o dia a dia.

Outros dados interessantes são apontados no estudo de Almeida *et al.* (2005). Para analisar as práticas de lazer de um grupo de 218 idosos de Feira de Santana (BA), estes pesquisadores aplicaram um questionário para obter informações sócio-demográficas e características das atividades de lazer praticadas pelos participantes. As atividades foram analisadas de acordo com tipo, sua efetiva realização e motivos para tal. Denotou-se pouca participação dos idosos nas práticas de lazer, com as mulheres participando menos que os homens. Além disso, de forma geral os idosos sentiam que as atividades sócio-culturais e físicas não lhes pertenciam. Almeida *et al.* (2005) explicam que esta interiorização de não

pertencimento deve-se a falta de atividades culturais, poucas condições socioeconômicas e as experiências na juventude que não valorizavam o lazer cultural.

A prática de atividade física no lazer e sua associação com fatores individuais e ambientais em 385 idosos foi o tema do estudo de Salvador (2009) no município de Ermelino Matarazzo (SP). O autor percebeu que a presença de quadras, agências bancárias, postos de saúde, boa segurança durante o dia e convite de amigos para prática de atividade física foram os fatores associados às melhores taxas de adesão na prática de atividade física no lazer de homens. Quanto às mulheres, a maior taxa de adesão à atividade física no lazer esteve associada à presença de igrejas ou templos religiosos, academias e praças.

A cidade de Ermelino Matarazzo (SP) localiza-se em uma região com desigualdades sociais e estruturais. Assim, a segurança foi um fator relevante para a decisão dos idosos pela prática de atividade física como lazer. Salvador (2009) concluiu que os programas de promoção de atividade física de lazer para a população idosa devem considerar as variáveis relacionadas à estrutura pública e privada. Para aumentar o número de praticantes idosos em atividades físicas no tempo de lazer, o autor sugere maior investimento em academias e praças; em locais que congregam reuniões sociais, como igrejas; e na percepção de segurança e suporte social (convite de amigos).

Ao planejar a assistência ao idoso, o comprometimento funcional é um dos principais aspectos a serem avaliados. Geralmente os custos de cuidado ao idoso são elevados. Estima-se que o valor equivale ao de três pessoas de outros grupos etários. Estes cuidados preventivos ao comprometimento funcional devem envolver distintos aspectos, incluindo a recreação e o lazer (CONCEIÇÃO, 2010).

O lazer traz contribuições importantes para a inserção do idoso no ambiente social. Por isto nações em desenvolvimento como o Brasil, necessitam de pesquisas que aprofundem conhecimentos para propor intervenções mais qualificadas para este público (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010). Estas intervenções mais qualificadas devem analisar preferencialmente as barreiras que impedem muitos idosos brasileiros de experienciar o lazer como destacaram os estudos acima, como por exemplo, ampliação de serviços de apoio (transportes, grupos de convivência, segurança), investimentos em estruturas públicas e privadas, educação para usufruir práticas de lazer e condições econômicas dos usuários.

Pode-se argumentar que a partir da aprovação do Estatuto do Idoso (2003) houve um crescimento visível de investigações tanto sobre a população idosa ativa como sobre o idoso frágil (SILVEIRA *et al.*, 2010). Estes trabalhos não se restringem ao estudo de enfermidades e limitações, mas levam em conta as necessidades para uma melhor qualidade de vida, bem

como os direitos dos idosos, principalmente no contexto das instituições de longa permanência. Sabe-se que esforços em pesquisa e produção científica publicada sobre a velhice já estavam em curso quando o Estatuto do Idoso foi promulgado. Porém, após 2003 é nítido o aumento na quantidade de periódicos científicos, publicações e apresentações de pesquisas sobre envelhecimento em congressos científicos da área, bem como a divulgação dos resultados dos estudos para o grande público.

Diante desse quadro de maior esforço científico sobre o idoso e seu lazer, já se percebe o interesse da comunidade científica em conhecer melhor a qualidade das produções científicas até então publicadas. Gomes; Pinheiro (2007), por exemplo, analisaram os artigos sobre lazer e instituições asilares em dois periódicos no período de 2001 a 2005 (*Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e *A Terceira Idade*). Constatou-se ocorrência de alguns artigos que não apresentavam rigor teórico e metodológico na Revista *A Terceira Idade*, embora o tema sobre a velhice asilada tenha duplicado a cada ano, com avanços quanto ao cuidado nos critérios metodológicos. Quanto a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, por se tratar de um universo de estudos mais abrangentes que enfatizam a atividade física, poucos estudos sobre envelhecimento foram encontrados. Também chamou a atenção dos autores que muitos artigos enfatizavam a atividade física e sua relação com a manutenção da saúde e da qualidade de vida, sem destaque específico para o tema lazer.

Por outro lado, ao se observar as publicações do periódico científico *Licere*, especializado em lazer, constata-se que, em 17 volumes publicados, apenas quatro contem trabalhos sobre lazer e idoso. Embora um número considerável de estudos dedicados ao lazer e envelhecimento esteja publicado nas coletâneas dos eventos científicos *Seminário O Lazer em Debate* e *Encontro Nacional de Recreação e Lazer* (ENAREL), é necessário maior incentivo para que estudos e pesquisas sobre lazer e velhice sejam publicados em periódicos nacionais científicos classificados pelo Sistema Qualis – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Assim é possível que a ampliação a divulgação destes esforços ocorra, além dos eventos nos quais foram apresentados.

O estudo do lazer vem conquistando espaços nas abordagens sobre o tema envelhecimento, mesmo quando não é foco de pesquisas ou debates. Há discussões recentes sobre o lazer na velhice tanto na mídia em geral (programas televisivos, artigos em jornais, *sites* na *internet*) como em publicações científicas mais especializadas. Pesquisas recentes na área das neurociências, por exemplo, já discutem o importante papel do lazer na vida humana. Nesta perspectiva, o lazer ganha importância à medida que é entendido como uma

necessidade na vida humana, essencial para a saúde cerebral e para o aumento das reservas cognitivas (PALMINI, 2010).

O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de 121 idosos foi estudado por Argimon *et al.* (2004). A amostra contou com idosos de ambos os sexos, com idade entre 60 e 95 anos, e residentes no município de Veranópolis (RS), nacionalmente conhecido pela elevada longevidade de seus habitantes. Os autores investigaram se a diversificação nas opções de atividades de lazer contribui para explicar diferenças nas habilidades cognitivas ao longo do desenvolvimento humano na velhice. Os resultados sugeriram que, quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades de lazer, melhor o desempenho em habilidades cognitivas. Também encontraram que mais anos de escolaridade e mais opções de lazer são fatores de proteção no declínio de habilidades cognitivas, além de garantir melhor qualidade de vida. Assim, concorda-se com os autores quando estes afirmam que serviços de apoio (como transporte, grupos de convivência e redes sociais) são estratégias em favor da desmistificação de que idosos não são capazes de coordenar a própria vida, nem de traçar metas ou apresentar capacidade para aprender e mudar.

Outro estudo interessante com foco na relação entre cognição e lazer na velhice, conduzido por Argimon; Stein (2005), analisou através de um estudo longitudinal as modificações no perfil de algumas habilidades cognitivas (percepção subjetiva da memória, fluência verbal, memória e atenção) de 46 indivíduos muito idosos. A análise partiu da aplicação dos instrumentos MEEM (Mini Exame de Estado Mental), testes de lembranças livres e com pistas, e teste de fluência verbal. Os autores examinaram se a escolaridade, a idade e o lazer contribuíam para explicar diferenças nestas habilidades três anos depois. A hipótese dos autores era de que o envolvimento com a comunidade, diferentes atividades de lazer, convívio com familiares e atividades físicas podem atuar como fatores de proteção contra o declínio cognitivo na velhice. Dentre outros resultados, Argimon; Stein (2005) encontraram uma correlação positiva entre a quantidade de atividades de lazer e o desempenho cognitivo nas habilidades abordadas na pesquisa.

Diferentes veículos de comunicação comentam sobre o aumento da expectativa de vida e da importância do lazer na qualidade de vida dos idosos. Programas televisivos apresentam denúncias de maus-tratos ao idoso, com ênfase nas medidas legais que precisam ser aplicadas nos agressores. Grandes jornais de circulação do país publicam notícias que mostram diferentes aspectos da realidade do idoso no Brasil. As notícias veiculadas tratam não só do idoso independente, autônomo e ativo, mas também de idosos fragilizados e

dependentes. Como exemplo, o jornal *Folha de São Paulo* discutiu, em 24/08/2008, a notável ausência de lazer nos asilos filantrópicos da cidade de São Paulo.

Já é uma realidade mais presente em muitas capitais brasileiras a intensificação do estímulo à prática de lazer nos grupos de convivência (NERI, 1995), bem como da oferta de serviços associados nas ILPIs. Instituições de ensino superior também se empenham nessa direção através de programas e projetos de extensão. As aberturas destes espaços educacionais nas universidades iniciaram no Brasil na década de 80, e possibilitaram além dos programas de ensino, saúde e lazer, o desenvolvimento da sociabilidade e educação permanente. Consequentemente esta oferta de serviços oportunizou tanto a elevação dos níveis de vida e saúde dos idosos, quanto à ampliação no campo das pesquisas gerontológicas (NERI, 2005; CACHIONI, 1999).

Isayama; Gomes (2008) nos convidam a uma reflexão quando mencionam que o valor do lazer na velhice não reside nas atividades propostas nem na quantidade de vivências experimentadas. Para estes especialistas, é o significado das vivências e atividades que permite compreender o valor do lazer para o idoso. Por esta razão o processo de planejamento e desenvolvimento de propostas de lazer de boa qualidade deve incluir seus maiores interessados.

A importância que o idoso atribui ao lazer foi contemplada por Dias; Schwartz (2005). No estudo que conduziram, as autoras observaram que 21 dos 40 idosos entrevistados definem o lazer como uma distração, diversão que não passam de atividades rotineiras. As autoras inferiram que houve superficialidade nas respostas dos entrevistados indicando uma certa falta de conhecimento sobre o assunto. Por isso, Dias; Schwartz (2005) reconhecem a necessidade de maior conscientização sobre o lazer para os idosos indicando seus benefícios e formas diferentes de vivenciá-lo, para que tenham a oportunidade de encontrar prazer fora da rotina do lar através do conhecimento de novas alternativas. Tais considerações são igualmente válidas para o idoso residente em instituições de longa permanência.

Para Gutierrez (2001) as atividades de lazer pressupõem uma dose prévia de esforço continuado que envolve o investimento em aprendizado, treinamento e disciplina. Assim como mencionado por Dias; Schwartz (2005), a busca da conscientização sobre o lazer associa-se aos aprendizados e referências culturais, sociais e políticas do meio em que insere o idoso. Estas experiências de aprendizado resultarão em percepções futuras de sensações de prazer articulados ao bem-estar físico e mental, crescimento moral e intelectual que possibilite integração na própria coletividade (GUTIERREZ, 2001).

Gomes; Pinto (2006) avaliam que a produção científica na área da Gerontologia tem focalizado a busca de uma vida com mais qualidade na velhice. As autoras constataram pouquíssimas considerações sobre o lazer nessa etapa da vida. Esta lacuna científica acompanha a falta de iniciativas para ações efetivas direcionadas ao lazer do idoso.

Nessa direção, Gomes; Pinto (2006) buscaram identificar o que 151 idosos de um projeto de extensão universitária entendem por lazer, através de quais atividades o vivenciam e quais fatores interferem nestas experiências. As análises revelaram que os idosos elaboram respostas vagas, demonstrando clara dificuldade para expressar um conceito através de palavras. Gomes; Pinto (2006) verificaram que para estes idosos o lazer leva à ideia de descanso e divertimento. Além disso, a vivência do lazer está inserida na rotina diária dos entrevistados e sem gastos substanciais. Para os participantes o lazer não requer um tempo específico a ser dedicado a ele.

O grau de autonomia e independência são aspectos importantes na qualidade de vida das pessoas. Para Conceição (2010), autonomia e independência são conceitos interdependentes e referem-se à forma como cada pessoa consegue conduzir sua própria vida. Considera autonomia como a capacidade de tomar decisões e de executá-las, enquanto independência relaciona-se com a conformação física, mental e social para realizar atividades cotidianas. Nesse contexto, Conceição (2010) destaca que os grupos de convivência possibilitam ressocialização e exercício da mobilidade, o que estimularia o sentimento de independência e a tomada de iniciativas. Para Tirado (2000) idosos que fazem parte de grupos de terceira idade valorizam com mais frequência a independência física e econômica, enquanto idosos institucionalizados valorizam com mais frequência a independência física associada a saúde e não depender de outras pessoas.

Um estudo conduzido em Campinas (SP) por Zaitune *et al.* (2007) investigou a prevalência de sedentarismo durante o tempo de lazer de 426 idosos. Os autores compreendem sedentarismo no lazer como a ausência de prática de esportes ou exercícios físicos no mínimo uma vez na semana. Zaitune *et al.* (2007) encontraram elevada prevalência de sedentarismo (70,9%), embora próximo do padrão encontrado na literatura científica nacional. Este sedentarismo mostrou-se significativo nos idosos com menor rendimento familiar, fumantes, obesos, com sintomas depressivos ou de irritabilidade, fadiga ou insônia, e naqueles que percebem sua saúde como ruim.

Como limitação do estudo Zaitune *et al.* (2007) cita o uso de instrumento de coleta de dados abarcando diversos temas, incluindo a atividade física; ou seja, o lazer não foi especificamente abordado nem detalhado na investigação conduzida. Por outro lado, os

autores entendem que a prática de exercício físico no período de recreação ou de lazer é um indicador de incorporação de estilos de vida mais saudáveis, que podem ser promovidos em programas ofertados por serviços de saúde ou iniciativas sociais (a exemplo das governamentais).

Voltando ao trabalho de Isayama; Gomes (2008), estes autores consideram que o lazer na velhice propicia o exercício de tomada de decisão bem como a ampliação das oportunidades de integração e convívio sociais. Destacam que é importante atribuir, a estas experiências de lazer, significados para o grupo envolvido nas atividades oportunizadas, estimulando a iniciativa, a independência e a superação de desafios.

Há muitas formas de se trabalhar o lazer de forma educativa na sociedade atual. Doll (2007), por exemplo, destaca que a informática é uma forma bastante útil de lazer na atualidade. Este autor cita uma pesquisa realizada em 2004 que relatava que a maioria dos idosos conhece, pelo menos de vista, um computador. Todavia Doll (2007) percebe também que a escolaridade, a renda familiar e mesmo a idade interferem no maior ou menor interesse dos idosos quanto ao uso do computador

Miranda; Farias (2009) discutem as contribuições da *internet* para o idoso nos âmbitos do bem-estar, da saúde e das formas de expressão do lazer. Na visão dos autores, a *internet* tem o potencial de ampliar a rede de amigos (especialmente para aqueles idosos que pouco os tem), além de estimular a cognição, mantendo o cérebro ativo, por exemplo, através de jogos interativos, música, vídeos, ensino à distância e interação em comunidades virtuais. A *internet*, como espaço virtual, é uma forma de manifestação do lazer (Schwartz, 2003), ao mesmo tempo em que informa sobre o cuidado com a própria saúde.

Outros estudiosos, como Carpenter; Buday (2007), ao entrevistarem 324 idosos aposentados residentes no subúrbio da cidade de Saint Louis (situada no estado do Missouri, nos Estados Unidos), encontraram como barreiras para o uso da internet o custo, a complexidade, impedimentos ergonômicos e falta de interesse dos idosos. A respeito disso os autores sugerem o desenvolvimento de programas específicos para idosos, atentando sobre suas percepções e dúvidas quanto ao uso da tecnologia.

1.6.3 As instituições de longa permanência para idosos

A história dos asilos de velhos é antiga na sociedade e o cristianismo foi pioneiro nesta forma de amparo aos idosos em situação de pobreza e exclusão social (POLLO; ASSIS,

2008). Anteriormente a estas instituições específicas, os idosos eram abrigados juntamente com outros pobres, doentes mentais, crianças abandonadas, desempregados (BORN, 2002).

Em 1890, o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada foi a primeira instituição para idosos no Rio de Janeiro que trouxe certa visibilidade para a velhice (GROISMAN, 1999). Em fins do século XIX, a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo que assistia mendigos, passou a definir-se com instituição para idosos em 1964, à medida que aumentavam as internações de idosos (BORN, 2001).

A maior parte dos asilos tem raízes históricas quanto à filantropia por mediações religiosas e ideológicas humanistas ocorridas desde a Idade Média. No Brasil, as Santas Casas de Misericórdia acolhiam pobres e não pobres com serviços de hospitalização, mas foi a Sociedade São Vicente de Paulo que por meio de confrarias passa a atender os idosos de forma residencial. Para Faleiros (2009) esta articulação entre o filantrópico e o estatal é compreendida como um favor da elite para os abandonados. No século XX, estas instituições passam a incorporar ideias de higiene e educação. No início do século XXI incorpora-se ao discurso destas instituições a regulamentação de direitos humanos, para ordenar atividades de um coletivo de pessoas. Este modelo passa a articular filantropia em suas bases e adaptação pontual a novos contextos legais e políticos (FALEIROS; MORANO, 2009).

Na percepção de Novaes (2003), a instituição asilar na sociedade atual é vista com resistência e preconceito e entendida como “depósito de idosos”, local de exclusão e isolamento. Residir numa instituição pode significar abandonar o lugar idealizado, ou seja, a família. No entanto, muitas vezes a família é também um espaço de conflitos, o que pode ser confirmado com certa frequência pelos indicadores de violência doméstica (CAMARANO, 2007).

Diante do novo quadro social da população idosa brasileira, é preciso conscientizar sobre as mudanças necessárias para o bem-estar de todos os idosos nas ILPIs. Para isto é preciso desconstruir a ideia de caridade de outros tempos, e entender estes locais como instituições prestadoras de serviço diante da demanda atual de atendimento aos idosos.

As ILPIs são também conhecidas como abrigo, lar, asilo, casa de repouso, clínica geriátrica e ancionato. A mudança do nome *asilo* para *instituição de longa permanência para idosos*, segundo Camarano; Kanso (2010), teve origem na tentativa por parte da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) de expressar a função híbrida destas instituições na atualidade: assistência social e assistência à saúde. Mas para Camarano; Kanso (2010) a ILPI não é um estabelecimento de cunho clínico ou terapêutico, e sim uma residência

coletiva que atende idosos independentes ou idosos com dificuldades para desempenhar atividades de vida diária.

Por outro lado, embora se reconheça os esforços em perceber as ILPIs como residência coletiva e não como hospitais, muitas demonstram fortes traços de ambientes médicos. Há elementos que caracterizam o hospital que se evidenciam, como por exemplo, o diagnóstico ou a dominância da linguagem referente a doenças na descrição dos residentes, o ambiente sanitizado e funcionários ocupados e uniformizados. O trabalho diário está centrado na maioria das vezes, em atender as necessidades diárias dos idosos (AGICH, 2008).

De acordo com a RDC/ ANVISA 283/2005, as ILPIs são definidas como “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade, dignidade e cidadania”.

Atualmente os novos residentes das ILPIs apresentam características e necessidades diferenciadas dos asilos de outras épocas na história da humanidade. Há idosos que buscam uma ILPI para morar por opção própria, outros para manter a independência funcional mesmo diante dos problemas de saúde. Há aqueles que querem evitar a posição de fardo para os familiares; outros desejam uma vida social mais ativa convivendo com pessoas da mesma idade. É neste último tipo de motivação que se encontra mais claramente uma relação próxima entre vida social mais ativa e o valor atribuído ao lazer.

As pesquisas do Instituto de Pesquisas Econômicas – IPEA (CAMARANO, 2010), analisaram as ILPIs da região Sudeste e verificaram que a maior parte delas tem caráter filantrópico sem fins lucrativos, representando 67% do total que responderam ao estudo. Além dessas, 2,5% são instituições públicas, 29,7% têm fins lucrativos e 0,7% são mistas. Em Minas Gerais foram referenciadas 683 instituições em funcionamento com 20.678 residentes, dos quais 68% tinham mais de 80 anos. A maioria dos residentes (55%) são mulheres, e a maior parcela foi considerada semidependente (35,9%). A proporção de pessoas idosas em ILPIs no Sudeste é de 0,6%. Apesar de baixa é uma das maiores do país. Em Minas Gerais, alcança 0,8%. Giacomini (2008) esclarece que em Belo Horizonte não há ILPIs públicas, todas são de caráter privado ou filantrópico. A autora estima que 1680 idosos residam em ILPIs em Belo Horizonte, dentre os quais 1073 estão nas instituições filantrópicas.

Traçando o perfil familiar dos idosos residentes em ILPIs, de uma forma geral a maioria possui família, que pode ser constituída por companheiros, filhos, netos e ainda parentes. Muitos possuem filhos e mesmo assim estão internados. Poucos possuem companheiros. O estado civil predominante é de solteiros e viúvos, o que aponta a ausência do

companheiro como fator determinante para o asilamento. Por outro lado, o fato de ter constituído família não garante a permanência do idoso no domicílio (HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004).

As instituições asilares que têm como residentes idosos de menor poder aquisitivo, são mais modestas e dependem de apoio de outras entidades privadas ou públicas e de contribuições da comunidade. Nestes casos, os serviços são oferecidos em sua maior parte pelo voluntariado, resultando muitas vezes em menor qualificação. Além disso, a carência de recursos materiais e insuficiência de equipamentos na instituição que satisfaça a demanda dos idosos são fatores condicionantes e limitantes para o desenvolvimento de atividades pelos idosos.

De modo geral a rotina das ILPIs oferecem poucas alternativas de ocupação, levando o idoso a ocupar seu tempo predominantemente em atividades que indicam passividade e pouca interação como ler, ouvir rádio, conversar com colegas. Com o tempo estas atividades podem ser deixadas paulatinamente, por estar relacionadas a perdas decorrentes do processo de envelhecimento que precisam ser corrigidas associadas ao suporte material que nem sempre é suficiente (BULLA; MEDIONDO, 2004).

A abordagem de Debert (1999) à questão da velhice nos asilos desperta reflexões muito valiosas no profissional que trabalha diretamente com esta realidade, pois estudar a velhice institucionalizada é tentar aproximar-se de duas realidades presentes na vida destes idosos. De um lado, estão a solidão, o descaso do poder público e a desigualdade social; de outro, a sabedoria adquirida destes residentes por meio de suas experiências de vida. Toda a diversidade observada nestas instituições também se relaciona com a sociedade como um todo, deixando transparecer inclusive a desigualdade econômica (BEAUVOIR, 1970, 1990). Logo, analisar a situação da ILPI requer certo afastamento dos julgamentos de valor e exige um posicionamento com criticidade.

Davim *et al.* (2004) estudaram as características socioeconômicas e de saúde de 76 idosos de três ILPIs filantrópicas, de caráter assistencial, localizadas no município de Natal (RN). Os dados encontrados pelos autores confirmaram a tendência de outros estudos: predominância do sexo feminino (AIRES *et al.*, 2006; SANTANA *et al.*, 2006; CHAIMOWICZ; GRECO, 1999; LOPES *et al.*, 2007), baixa escolaridade (PELEGRIN *et al.*, 2008; AIRES *et al.*, 2006; LOPES *et al.*, 2007) e baixo poder aquisitivo (PELEGRIN *et al.*, 2008; AIRES *et al.*, 2006).

Um estudo feito em uma ILPI na cidade de Ribeirão Preto (SP), realizado por Pelegrin *et al.* (2008), investigou os níveis de capacidade funcional, perfil sócio-demográfico e

presença de doenças crônicas de 72 idosos residentes na instituição. Além disso, procurou conhecer os profissionais que prestam cuidados aos idosos nesta instituição. Através dos dados coletados, os autores verificaram que a maior parte dos idosos era do sexo masculino e com idade compreendida entre 71 e 90 anos. Estes dados etários e de sexo destoam da maioria das instituições. A renda mensal era de um salário mínimo, com baixa escolaridade e alta taxa de indivíduos solteiros.

Em geral os idosos do trabalho de Pelegrin *et al.* (2008) eram independentes para a maioria das AVDs. As rotinas destes moradores resumiam-se em banho, alimentação e medicação. Quanto ao ambiente físico da instituição, havia muitas irregularidades, como piso e mobiliário inadequados e falta de corrimãos. O número de funcionários que prestavam cuidados era insuficiente para a demanda da ILPI. Não havia atividades de lazer e as rotinas diárias seguiam horários pré-estabelecidos. As autoras ressaltaram a necessidade de profissionais melhor qualificados com atuação multidisciplinar para um cuidado preventivo à saúde dos moradores.

Franciscatti *et al.* (2004) analisaram o empobrecimento afetivo em uma instituição asilar pública de São João Del-Rei (MG). Para os autores, estas instituições privam os idosos de suas escolhas mais simples em prol de normas institucionais. Na percepção de Franciscatti *et al.* (2004), a partir disso surgem novas perdas e a criação de uma identidade marcada pela intensificação do empobrecimento afetivo.

Para Freire Júnior; Tavares (2005), os residentes de ILPIs são pessoas que, a partir do momento em que são institucionalizadas, tem reduzidas suas chances de realizar novos projetos para suas vidas. O afastamento do convívio social e das relações com a história de vida reforça este quadro, além de uma sequência de desestímulos que levam ao isolamento, à depressão e à apatia geral diante da vida.

De modo geral as ILPIs não possuem espaço físico planejado para o lazer, principalmente as mais necessitadas. Quando há espaço físico o mesmo não é adaptado para o lazer do residente (FALEIROS; JUSTO, 2007). Concordando com Pelegrin *et al.* (2008), equipes multidisciplinares de apoio podem trazer importantes contribuições na elaboração de um planejamento conjunto de atenção à saúde, ao lazer e à qualidade de vida como um todo para o idoso institucionalizado.

As pesquisas do IPEA (CAMARANO, 2010) indicaram alguns dados quanto à estrutura física das ILPIs mineiras. Estes dados informaram que mais de 90% das ILPIs contam com refeitório, jardim, pátio, quintal e lavanderia e quanto aos espaços abertos 59,1% possuem horta ou pomar. Aproximadamente 85% possuem sala de TV/ vídeo, 39,3%

possuem salas de ginástica e 7,5% contam com biblioteca ou sala de leitura. Apesar de um terço dos residentes ser considerado independente, apenas 22,2% das ILPIs mineiras oferece cursos diversos e 11,3% atividades educacionais.

No contexto geral apresentado pelos dados acima, podemos identificar que atividades diferenciadas são pouco oferecidas pela maioria das ILPIs. Apesar de boa parte das instituições contarem com espaços abertos, pátio e jardim, não é especificado no estudo se os mesmos são adaptados para o lazer do residente.

1.6.4 O Lazer, a recreação e o tempo livre no contexto das ILPIs

Como mencionado por Faleiros; Justo (2007), em geral as ILPIs pouco oferecem uma estrutura tanto física quanto dinâmica que propiciem espaços de lazer e promoção de saúde para os idosos. Esta promoção de saúde é entendida como a oferta de cuidados que ofereçam aos idosos uma vida com qualidade e busca de autonomia.

Articulando as diversas questões das ILPIs às atividades experimentadas ou não pelos idosos considera-se de extrema importância entender como vem sendo vivenciado o lazer nestas instituições. A partir do levantamento bibliográfico e da experiência profissional pressupõe-se que há uma tentativa por parte de algumas ILPIs em oferecer atividades para os idosos no intuito de diminuir o sedentarismo. No entanto, não há um consenso entre as práticas oferecidas, que ora são denominadas práticas recreativas, ora práticas de lazer, ora práticas terapêuticas ou atividades para reduzir o sedentarismo. Com objetivo de melhor entender estas práticas algumas abordagens a respeito do lazer, recreação e tempo livre podem contribuir para a compreensão das atividades a serem analisadas.

Para Gomes (2004) a recreação pode ser compreendida como atividades realizadas com o intuito de promover diversão, especialmente àquelas desenvolvidas a partir de uma liderança que pode ser voluntária ou profissional. A autora considera que estas atividades recreativas são diversas e não são exclusivas dos momentos de lazer, podendo ser vivenciadas em diversos tempos e espaços sociais.

Quanto ao lazer este inclui a fruição de diversas manifestações culturais como o jogo, a brincadeira, a festa, o passeio, a viagem, o esporte e diversas formas de arte. É importante destacar também que o ócio constitui-se como uma manifestação cultural considerado como notável experiência de lazer (GOMES, 2008). Deste modo o conceito de lazer a ser adotado para o presente estudo será de Gomes (2003, 2004) que o entende como “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/

espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo”.

Nesta pesquisa, a perspectiva do tempo livre não pretende trazer a conotação de fuga, alienação ou válvula de escape. Sendo a dinâmica social experimentada pelos idosos institucionalizados da atualidade, a orientação da vida a partir da perspectiva do trabalho poucas foram as oportunidades para refletir e usufruir o lazer como direito de cidadão. Logo, o uso do termo nas investigações ocorre para viabilizar a captação de experiências vivenciadas em outras fases da vida que pudessem proporcionar um mínimo de entretenimento ou mobilização social. Mesmo sabendo da centralidade da vida no mundo do trabalho para garantir a sobrevivência, é possível que estes idosos tenham exercitado ou aprendido no decorrer do tempo outras tarefas. Estas vivências, desvinculadas do mundo do trabalho certamente podem desenvolver outro tipo de experiência de vida alicerçada na própria escolha.

A importância de pensar a articulação entre os conceitos de tempo livre e lazer no contexto asilar nos remete a aspectos importantes. O primeiro aspecto é que a atividade laboral ocupou um papel central na vida destes idosos seguindo a lógica da produtividade, e sem “ocupações” ele não sabe o que fazer deste tempo. O segundo aspecto é que inserido no espaço fechado, muitas vezes o idoso é envolvido por regras peculiares da instituição, diferentes do mundo externo, e o tempo livre passa a ser consumido na forma de lazer passivo. Concordando com Ferrari (2007) para se descobrir a capacidade de enfrentamento desta dimensão do tempo é preciso estimular atividades que deem ritmo e significado à vida destes idosos para não cair no vazio. Moragas (1997) menciona que existem ofertas de lazer passivo com resultados positivos para pessoas limitadas, mas é necessário rever os aspectos de criatividade e adaptação à situação de cada idoso para o uso do tempo livre.

É comum que todas as atividades de lazer e ocupação do tempo livre durante o período pré-asilar diminuam consideravelmente com o ingresso do idoso na instituição (BULLA; MEDIONDO, 2004). No caso de idosos institucionalizados a grande tarefa é criar uma nova estrutura de vida, como já apontaram os estudos de Badaró (2005) e Denny (2002). Para tanto, as abordagens deste estudo concordam novamente com os estudos de Waichman (1997, 2004). Nesta perspectiva, o tempo livre está ligado ao caráter de não obrigação, em que os sujeitos exercem sua liberdade, não porque há permissão do outro, como por exemplo, o tempo do trabalho, mas porque o próprio sujeito o exige. Assim o ser humano não é livre somente “*do tempo*”, mas especialmente “*no tempo*”.

Em uma perspectiva diferente das proposições interacionistas, Graeff (2007) compreende a vinda para a instituição como a possibilidade de constituição de um mundo compartilhado, um projeto de alguns grupos de idosos em busca de uma opção por recuperar parcialmente a autonomia no espaço asilar. Os primeiros tempos da institucionalização passam por um processo de ajustamento das novas condições de vida no asilo, no qual as ambiguidades e o estigma da condição de institucionalizado vão sendo experimentados com a aprendizagem de novos padrões culturais. Deste modo o autor percebe nas instituições possibilidades de novas associações afetivas, momentos de afirmação de intimidade e novos momentos de ludicidade.

Os estudos de Campedelli (2000) ao pesquisar sobre as dimensões lúdicas da memória-trabalho em uma ILPI no interior de MG, não buscou discutir a questão do asilo em si, mas extrair uma função terapêutica através de narrativas em grupo buscando resgatar memórias de maneira lúdica para construir uma nova sociabilidade entre os velhos. Durante os relatos desenvolvidos pelos idosos ao longo da pesquisa, e através de dinâmicas grupais percebe-se que uma nova qualidade de convivência pode ser formada, mesmo que de forma parcial quando os idosos compartilham suas experiências de vida.

As publicações encontradas na literatura nacional apontam, por intermédio de diferentes análises, as dificuldades enfrentadas pelas instituições, especialmente as mais necessitadas. Apesar de a maioria dos trabalhos encontrados não focalizar o lazer na ILPI, são identificadas nestas publicações contribuições importantes, principalmente as que relatam a carência de práticas de lazer nos locais pesquisados. Assim, o estudo atento às publicações disponíveis permite reunir elementos para auxiliar na construção de propostas de políticas públicas de lazer que beneficiem os usuários desta faixa etária.

Oferecer atividades diversificadas de lazer nas ILPIs gera altos custos financeiros para a família e para a instituição especialmente as filantrópicas. Portanto, a maior ou menor diversificação de atividades de lazer depende da possibilidade de recursos financeiros do idoso, da família e da instituição. As instituições com menos recursos tendem a disponibilizar menos estes serviços, apesar de reconhecerem a importância do lazer na qualidade de vida dos idosos (CREUTZBERG; GONÇALVES; SOBOTTKA, 2007). Assim, é preciso que se identifique o lazer como necessário para o bem-estar geral da população idosa, somando esforços para o cumprimento legal dos direitos ao lazer, como argumentado anteriormente.

Brito; Carlos (2007) avaliaram a qualidade de vida de um grupo de artistas idosos independentes, sem recursos de moradia própria, que residiam em uma instituição específica para estes profissionais, no estado do Rio Grande do Sul. Os idosos deste local tinham a

liberdade de ir e vir, viviam sozinhos na casa e compunham uma pequena comunidade. Cada morador trazia um enfoque diferente a respeito do local, entendendo-o com asilo, república ou local de acolhimento. Os pesquisadores observaram que os idosos não apresentavam vínculos de pertencimento ao local, não se sentiam como um grupo coletivo organizado e não se aceitavam mutuamente. Consequentemente havia dificuldades na convivência, o que acarretava prejuízos na qualidade de vida emocional e relacional destes idosos. O estudo concluiu que dentro de uma casa com plena autonomia, fazia-se necessário a presença diária de uma equipe mínima especializada para organizar e orientar as necessidades básicas do cotidiano destes idosos.

Outro espaço residencial para idosos situado no município de Jataí (GO), foi estudado por Rodrigues (2002). Este local é caracterizado como Condomínio e possui funcionários para serviços de limpeza, voluntariado e alguns profissionais de saúde, sendo que os idosos residentes são independentes e dispõem de poucos recursos financeiros. A autora problematizou a relação entre lazer e desenvolvimento das pessoas idosas, pois as práticas de lazer dos mesmos se restringiam somente ao espaço do condomínio. Através de uma pesquisa-ação, com vivências fora do espaço residencial do condomínio e ciclos de reflexões posteriores às vivências, os idosos perceberam a acomodação em que se encontravam e isolamento no condomínio. Rodrigues (2002) verificou que as ações provocaram identificação de interesses dos idosos, coragem para enfrentar o novo, troca de conhecimentos e saberes que podem favorecer a liberdade de escolha. Seus estudos indicaram a importância de educar para o lazer favorecendo a possibilidade de opções e escolhas.

Brum (2001) relata a percepção de residentes sobre a vida em uma ILPI privada, filantrópica e não-religiosa, situada na cidade do Rio de Janeiro. A autora observou um sentimento de “morte social” após a entrada na ILPI, e a falta de contato com gerações mais jovens, que incentivassem e animassem os residentes. Brum (2001) descreve comportamentos discriminatórios entre os próprios residentes com base na distinção por nível socioeconômico. Como exemplo, observou a recusa de alguns em sentar-se à mesma mesa que outros de nível socioeconômico inferior. Além disso, a autora captou, em alguns residentes, um sentimento de espera pela morte, enquanto outros afirmaram encontrar vida na instituição. Há descrições sobre as festas em comemoração aos aniversários do mês com a presença de pessoas famosas em “missões de caridade”. No que diz respeito ao lazer, a ILPI possui biblioteca, capela, jardins e salão de festas, mas Brum (2001) não fornece detalhes sobre o aproveitamento e a utilização dos espaços de lazer pelos residentes.

Lopes *et al.* (2007) realizaram uma pesquisa sobre os diagnósticos de enfermagem de 55 residentes de uma ILPI na cidade de Rio Grande (RS). Além das classificações de necessidades psíquicas e biológicas, os autores investigaram as necessidades psicossociais (de cuidado, apoio e sentimento de pertencimento a ILPI) e o bem-estar espiritual. Após a constatação de doenças crônicas e suas limitações, perceberam que os idosos sentiam muita falta da família e dos amigos. Outros se mostravam satisfeitos com a vida, admitindo a ILPI como única rede de apoio disponível. Quanto às atividades de lazer, os residentes as julgavam ineficientes e sentiam necessidade de saber como ocupar o tempo.

Davim *et al.* (2004) consideraram as práticas de lazer nas ILPIs por eles analisadas ausentes ou limitadas, com baixa taxa de adesão. Embora os idosos das três instituições investigadas mencionassem que o lazer é importante para suas vidas, não ficou claro o real grau de interesse dos entrevistados sobre as práticas oferecidas. Em uma das instituições, na percepção dos autores através das entrevistas, os idosos foram considerados todos sedentários. Nas três instituições investigadas, 49% dos idosos relataram que gostariam de “fazer nada”. Diante dos resultados preocupantes (especialmente aqueles associados ao sedentarismo), Davim *et al.* (2004) ressaltam a importância de se encontrar atividades prazerosas com base na vontade própria e na habilidade individual. Para os autores, isso contribuiria para um prolongamento da vida com boa qualidade.

A reduzida taxa de adesão às atividades propostas pela instituição e observadas por Davim *et al.* (2004) é recorrente em outras ILPIs. A título de exemplo, Maia; Londero; Henz (2008) (ILPI de Santa Maria, Rio Grande do Sul), Pavan; Meneghel; Junges (2008) (ILPIs da Região do Alto Uruguai, Rio Grande do Sul), e Gobbi *et al.* (2008) (ILPI no município de Rio Claro, São Paulo) também relatam índices pequenos de participação dos residentes. Estes autores referem, dentre outros aspectos, que a falta de adesão é devida à falta de investimentos para a promoção de um envelhecimento saudável e também à falta de estímulos para atividades prazerosas.

A prática de atividade física por idosos diminui o risco de institucionalização, o uso de serviços de saúde e de medicamentos (SANTOS *et al.*, 2001; PELUSO; ANDRADE, 2005). Sabendo-se que boa parte da população idosa brasileira não se encontra mais engajada no mercado formal de trabalho devido à aposentadoria, é provável que nestes idosos prevaleça o sedentarismo e a ausência de vivências de lazer. Outro motivo para este sedentarismo pode ser a ausência de experiências de lazer durante a vida laboral.

Ximenes; Côrte (2007) destacam a grande importância da atividade humana no contexto asilar. Para estas autoras, o fazer humano consiste na continuidade de fazer planos,

estabelecer contatos sociais, tornando-se ativo e participante na comunidade. A linguagem desta ação seja ela física, de lazer ou trabalho permitem conhecer o mundo, o espaço, o tempo em que se vive e sua cultura.

Faleiros; Justo (2007) estudaram sobre as representações (imagens, ideias e sentimentos) que 45 moradores de uma ILPI pública, localizada na cidade de Assis (SP), faziam de si mesmos e sobre a instituição. Os autores observaram pouco contato dos residentes com seus familiares ou mesmo uma ruptura com estes últimos. Quanto às oportunidades de contato com outras pessoas, os idosos mencionaram os visitantes fora do círculo familiar, os estagiários do projeto universitário UNATI da UNESP/ Assis e os passeios pela cidade. Quanto ao futuro, as respostas foram diferenciadas, desde a ausência de qualquer planejamento (mesmo a curto prazo) até a vontade de voltar a trabalhar, de sair da instituição ou mesmo de morrer.

Santana *et al.* (2006) analisaram, com base na experiência de estágio de estudantes de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa, a oferta de lazer em uma ILPI pública, de caráter assistencial, localizada na cidade de Viçosa (MG). As atividades oferecidas pelos estagiários envolviam modelagem, teatro e expressão corporal cinco vezes por semana. Os autores verificaram que a estrutura física do local é inadequada para os idosos e não apresenta área de lazer, embora a instituição tenha demonstrado tentativas de adequação do espaço.

Na visão de Santana *et al.* (2006), os estagiários conseguiram motivar os residentes através das tarefas propostas devido ao caráter diferenciado das mesmas, que acabaram atendendo a diferentes interesses dos idosos participantes. Foi observado, com base na prática profissional exercida pelo estágio, que as atividades propostas na instituição proporcionaram uma gradual aproximação e compartilhamento do dia-a-dia entre os residentes, tornando-os mais integrados mesmo nos momentos externos à atividade. Ao final, Santana *et al.* (2006) concluíram que o lazer consegue despertar nos idosos institucionalizados a capacidade de estabelecer novas e significativas relações sociais, além de estimular a busca por autonomia.

Mesmo diante dos resultados positivos encontrados os autores identificaram aspectos comuns à maioria das ILPIs, como a descontinuidade dos serviços voluntários e falta de organização e planejamento das tarefas. Para Ximenes; Côrte (2007) esta desorganização dos fazeres resulta em frustração geral, colocando os residentes das instituições numa situação de constante disponibilidade. Consequentemente a autonomia dos usuários é desrespeitada, e o que poderia ser um momento terapêutico acaba se transformando em antiterapia.

Grossi *et al.* (2005) ao investigarem o lazer em 16 idosos institucionalizados em dois municípios do Rio Grande do Sul perceberam que para muitos idosos não há distinção entre

trabalho e lazer. A título de ilustração, alguns idosos associavam práticas de lazer na instituição a serviços domésticos como atender a porta, executar pequenos consertos, reparos, auxiliar outros idosos que ficam doentes, pagar contas no banco. Outros idosos identificaram o lazer com caminhada, dança, pintura, ouvir rádio, leitura de bíblia, fazer palavras cruzadas. Para outros, as poucas atividades que se interessam são limitadas por problemas de saúde, como por exemplo, gostava de dançar, mas não tem condições porque sofreu isquemia, gostava de crochê mas não usufrui desta atividade pois já enxerga pouco.

Em relação à qualidade de vida do idoso institucionalizado, Abreu (2009) pesquisou a interferência da qualidade do sono destes idosos e seus impactos sobre a independência funcional e vida diária dos idosos. A literatura referenciada pela autora indicou que alterações do sono em idosos são preditores de acidentes em ILPI e têm impactos negativos na qualidade de vida. A instituição pesquisada dispunha de práticas de lazer, mas os idosos envolviam pouco nas atividades propostas. Na associação entre participação em atividades de lazer e qualidade do sono o estudo não encontrou correlação, e sugeriu-se que o resultado ocorreu pelo envolvimento dos idosos apenas em atividades de baixa intensidade e passivas (assistir TV, ouvir rádio). Nas correlações entre questões cognitivo-sociais e componentes da qualidade do sono, o estudo sugeriu que quanto melhor o sono, melhor o desempenho cognitivo e maior a disposição para interações sociais. Abreu (2009) indicou a necessidade de melhorar o acesso a informações quanto a atividades promovidas na instituição, bem como aumentar o estímulo a participação em atividades produtivas, atividades físicas e lazer mais ativo para alcançar melhor qualidade do sono.

Plati *et al.* (2006) compararam três grupos de idosos para verificar a frequência de sintomas depressivos e o desempenho cognitivo: idosos institucionalizados que praticavam atividades de lazer; idosos institucionalizados que não praticavam tais atividades; e idosos não institucionalizados mas que participavam de atividades religiosas, grupos de convivência e viagens. Os autores aplicaram um teste de fluência verbal, o MEEM e uma escala de depressão geriátrica. Não foram encontradas diferenças significativas para sintomas depressivos entre idosos inativos e ativos, mas o envolvimento em atividades diversificadas de lazer pareceu estar correlacionado à performance cognitiva.

Visando trazer ao conhecimento da comunidade científica a realidade pouco explorada da vida religiosa, Miranda; Guimarães (2007) investigaram o estilo de vida e os hábitos de lazer de 72 freiras e padres idosos da cidade de Florianópolis (SC). Estes idosos apresentaram preferências por atividades sociais (encontros com amigos e familiares, viagens, passeios) e intelectuais (leitura) nos momentos de lazer. Quanto à atividade física, a maioria praticava

atividades mais leves, como a caminhada como meio de transporte e o uso de escadas no lugar do elevador. Além disso, os idosos do estudo têm o hábito de assistir televisão. Miranda; Guimarães (2007) sugerem que o envolvimento em organizações religiosas pode representar um aumento do sentido de compromisso e significado da vida, o qual está relacionado a uma grande resistência ao estresse. Como limitação da pesquisa, os autores admitiram não ter levado em consideração os hábitos e estilos de vida dos participantes antes da entrada na velhice.

Os estudos referidos até o momento neste trabalho problematizaram diversas situações em relação ao lazer, aos idosos e às ILPIs. A produção científica relatada exhibe limitações nas práticas de lazer nas ILPIs, apesar do reconhecimento de sua importância na qualidade de vida dos idosos. Dentre as limitações detectadas podem-se enumerar os recursos humanos ineficientes, dificuldades de acesso aos espaços de lazer, baixa motivação dos idosos, espaços físicos não planejados e ações governamentais ineficazes.

Ao mesmo tempo, é possível perceber limitações nos estudos até então conduzidos sobre o lazer em idosos institucionalizados. Dentre elas, destacam-se a pouca investigação dos interesses pessoais dos idosos, da vida cultural e social dos mesmos, a frequência em que estas atividades ocorrem, o significado do lazer na vida do idoso frágil, indicativos das demandas de lazer nas instituições, o menor aproveitamento das práticas de lazer por motivos de saúde do idoso, a desorganização dos fazeres cotidianos. Nesse sentido, percebe-se a relevância de se abordar melhor variáveis como tempo de institucionalização, profissão anterior dos idosos, experiências anteriores de lazer, serviços de lazer existentes na instituição e participação dos idosos, catalogação dos diversos graus de autonomia para diversificar as práticas de lazer nas ILPIs.

Portanto, reconhece-se a real necessidade de se proporcionar experiências de lazer verdadeiramente gratificantes ao morador da ILPI, em harmonia com suas experiências de vida, motivações e necessidades. Assim, faz-se necessário investir cientificamente em pesquisa que permita, além de colaborar para a atuação profissional qualificada em lazer nestas instituições, localizar elementos que possibilitem desenvolver e difundir práticas de lazer com as quais este idoso se identifique.

2 MÉTODO

Este estudo foi de cunho exploratório e descritivo, contemplando uma abordagem equilibradamente quantitativa e qualitativa. Trata-se de um estudo exploratório em virtude da ausência de estudos prévios semelhantes, em nível de detalhamento, acerca da trajetória, da atualidade e das expectativas de lazer de residentes de ILPI. Nesse sentido, explorar primeiramente este objeto de pesquisa foi a postura mais adequada em termos metodológicos. Consequentemente, a exploração do objeto em tela contribuirá mais adequadamente à comunidade científica através da descrição das experiências a serem abordadas.

O presente estudo também apresentou características de delineamento transversal e retrospectivo. Nos estudos transversais fato e efeito são observados em um mesmo momento histórico (GIL, 2002). Assim, a análise do fluxo histórico das experiências de lazer dos idosos indicou preferências de lazer para o momento atual. Ademais, o delineamento transversal colaborou com a coleta de dados de diferentes grupos (no presente caso, 15 instituições) em um curto espaço de tempo (APPOLINÁRIO, 2006) (no caso, alguns meses).

Quanto ao delineamento retrospectivo, o mesmo consistiu na obtenção de dados compreendidos num determinado espaço de tempo; no caso do presente estudo, foram investigados o tempo passado e o tempo presente (MINAYO, 2007; LAKATOS; MARCONI, 1986; TURATO, 2005), levando-se em consideração que o momento da fala dos idosos na coleta de dados foi o tempo presente. Deste modo, os idosos envolvidos na pesquisa verbalizaram sobre diferentes momentos da vida: lazer pré-aposentadoria; lazer na transição para a aposentadoria; lazer quando aposentado e não institucionalizado; lazer na situação de aposentado e institucionalizado; e planos futuros de lazer.

Finalmente, no que diz respeito à abordagem aos dados de pesquisa, o presente estudo foi de caráter predominantemente qualitativo (APPOLINÁRIO, 2006). Indicar que a pesquisa é predominantemente qualitativa no lugar de caracterizá-la como totalmente qualitativa significa assumir que as abordagens qualitativa e quantitativa, cada uma a seu modo, contribuem para melhor cientificamente conhecer um objeto de pesquisa. Assim, no âmbito do trabalho científico interdisciplinar e dedicado a tema de elevada relevância social - como o lazer, acredita-se que valorizar o trabalho conjunto das abordagens qualitativa e quantitativa é adotar uma postura científica mais atual e abrangente, com maior amplitude de acesso aos fenômenos a serem investigados (acesso via qualidades e acesso via quantidades).

2.1 Participantes

Foram convidadas a colaborar com a coleta de dados todas as ILPIs filantrópicas conveniadas com a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) no momento da coleta de dados, distribuídas e situadas nas nove regionais da cidade: Centro-Sul, Barreiro, Noroeste, Norte, Nordeste, Oeste, Leste, Pampulha e Venda Nova. A escolha destas instituições ocorreu através de consulta a cadastros existentes na Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social da PBH, a qual foi convidada a colaborar com a pesquisa para permitir a consulta atualizada aos dados. Após a concordância desta Secretaria em colaborar, a mesma assinou um Termo de Anuência Institucional (Apêndice A), em duas vias de igual teor, que registrou este aceite. Uma consulta prévia, durante preparação do projeto de pesquisa, indicou a presença de 16 ILPIs conveniadas com a PBH. Esta situação de convênio depende de a instituição se manter regularizada junto às exigências da PBH. Assim, é possível que, de ano a ano, a quantidade de ILPIs conveniadas sofra alterações. Estas instituições recebem, e necessitam, de apoio do poder público, visto que a maioria dos idosos residentes dispõe de poucos recursos financeiros. De posse da listagem entregue pela Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social, constatou-se que haviam 17 ILPIs conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte até a data da solicitação.

Tendo como referência os estudos do IPEA, que pesquisaram ILPIs em todas as regiões do Brasil, as ILPIs são classificadas em pequeno (com até 29 residentes), médio (30 a 49 residentes) e grande porte (acima de 50 residentes). Quanto ao número de residentes nas ILPIs envolvidas no estudo, observou-se o seguinte: 06 ILPIs possuíam entre 20 e 29 residentes; 03 instituições abrigavam entre 30 e 49 residentes; e outras 06 possuíam de 50 a 97 residentes. A distribuição indicou para a amostra de ILPIs filantrópicas deste estudo (15 ILPIs), a predominância de ILPIs de pequeno e grande porte em relação às de médio porte. A média de residentes nestas 15 ILPIs é de aproximadamente 46 pessoas.

Quanto à oferta de atividades de lazer, os coordenadores informaram que as mesmas são oferecidas em sua maioria pelo voluntariado, e em menor escala por convênio e parcerias. Deste modo quanto menor a participação do voluntariado nas instituições que dependem deste apoio, menor a variabilidade e possibilidades de práticas de lazer ofertadas a estes idosos. A FIG. 1 caracteriza as ILPIs envolvidas no estudo indicando a oferta atual de serviços voluntariados de lazer nas diferentes regionais da cidade.

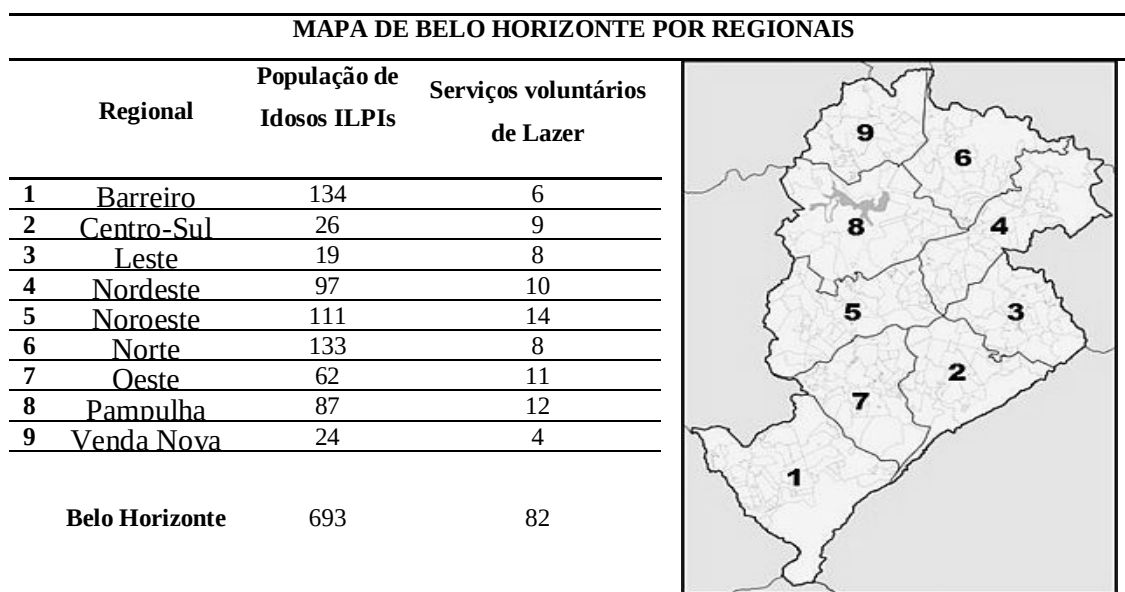


FIGURA 1 - Serviços voluntários de lazer nas ILPIs filantrópicas participantes do estudo, distribuídos nas regionais de Belo Horizonte

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regionais_de_Belo_Horizonte

A FIG. 1 indica as regionais em que se localizam as ILPIs filantrópicas envolvidas no estudo e as respectivas quantidades de residentes nestas instituições, conforme informações dos coordenadores. A seguir são apresentadas também a quantidade de serviços voluntários de lazer ofertados por regional nas respectivas ILPIs. Ao estabelecer uma comparação entre o número de idosos institucionalizados por regional nas ILPIs filantrópicas participantes do estudo, e o número de ofertas dos serviços voluntariados, percebe-se que a distribuição dos serviços de voluntariado não ocorrem de forma igualitária nas ILPIs pesquisadas, se for considerada a população destes idosos. Pela FIG. 1 percebe-se que:

- As regionais Barreiro (1) e Norte (2) são as que possuem maior número de idosos institucionalizados e, no entanto, recebem um menor número de serviços voluntariados;

- As regionais Centro-Sul (2) e Leste (3) são as que possuem menores números de institucionalizados, porém recebe maior número de serviços voluntariados quando comparadas às duas anteriores;

- Por outro lado as regionais Noroeste (5) e Nordeste (4) com uma população de idosos institucionalizados aproximada da população das regionais Barreiro (1) e Norte (6) possuem uma oferta considerável de serviços;

- Por fim a regional Venda Nova (9) que possui o menor número de institucionalizados possui valores aproximados de serviços voluntariados aos da região do Barreiro (1) que possui um dos maiores números de idosos institucionalizados.

A maioria dos residentes é composta por mulheres, por isso muitas ILPIs são exclusivamente para o sexo feminino. Estas instituições cujo público é somente feminino não se subdividem em alas e a maioria delas possuem quartos para duas e no máximo três pessoas com banheiros coletivos. Aquelas instituições que também possuem homens (ou seja, instituição de tipo misto) dividem a moradia em duas alas distintas, por sexo. Neste caso, as instituições maiores possuem quartos coletivos, individuais ou para dois residentes que podem variar de acordo com os recursos do residente. De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social, não há atualmente na cidade instituição filantrópica conveniada com público unicamente masculino.

Quanto ao estado geral de saúde, os moradores são avaliados e categorizados em grau de dependência I (independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de auto-ajuda), grau de dependência II (idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária tais como: alimentação, mobilidade, higiene, sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada) e grau de dependência III (idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo), conforme classificação RDC n.283/03 ANVISA. Os idosos convidados para o presente estudo pertencem ao grau de dependência I ou II, pois muitos indivíduos pertencentes a estes grupos possuem boa capacidade cognitiva para responder a uma entrevista de pesquisa. Há idosos de todas as etnias (segundo o IBGE, “cor”) e níveis socioeconômicos (classes e grupos sociais) residindo nestas instituições.

Uma parte dos residentes destas instituições são indivíduos em condição de vulnerabilidade segundo a definição apresentada pela Resolução 196/96 (item II.15, sobre capacidade de autodeterminação reduzida). Esta vulnerabilidade, no caso das instituições, refere-se aos casos de demências, Alzheimer e transtornos psiquiátricos. No entanto, a presente pesquisa não envolveu coleta de dados com idosos nestas condições de vulnerabilidade, conhecidos na literatura científica também por idosos em *grau de dependência III*. Esta pesquisa buscou investigar experiências de lazer de idosos com boa capacidade de autodeterminação, ou seja, referidos na literatura por idosos pertencentes ao *grau de dependência I ou II*, que possuem condições cognitivas e afetivas para optar livremente pela participação na pesquisa. Partiu-se do pressuposto de que a avaliação do grau de dependência já fora realizada pelo profissional de saúde na admissão do idoso na instituição.

Estimou-se convidar a participar da pesquisa de 32 a 64 idosos, de ambos os sexos, com idade mínima de 60 anos, residentes em instituições de longa permanência (“asilos”)

filantrópicas e conveniadas com a PBH, todas sediadas nesta cidade. Estes participantes foram selecionados por critério de conveniência e de quotas (ou seja, um procedimento misto de amostragem, descrito a seguir), com base em critérios de inclusão e exclusão específicos para melhor atender aos objetivos do presente estudo (APPOLINÁRIO, 2006).

Em virtude do número variável de residentes em cada ILPI e da expectativa do número reduzido de idosos que atendessem aos critérios de inclusão de participantes (descritos a seguir), foram convidados um mínimo de dois e um máximo de quatro participantes de cada uma das 17 ILPIs. Assim, procurou-se representar todas as instituições conveniadas (aproximação com a representatividade da população estudada), ao mesmo tempo em que se considerou a conveniência em virtude dos critérios de inclusão/ exclusão (consideração da realidade populacional). Embora não fosse garantida a anuência de todas as 17 instituições, acreditou-se ser possível obter uma amostra total mínima de 32 e máxima de 64 participantes. Nesse sentido, a quantidade exata de participantes só foi conhecida ao final da coleta de dados.

Os critérios de inclusão de idosos para participação no estudo foram:

- Concordar em participar da pesquisa;
- Ser do sexo feminino ou masculino;
- Ter idade igual ou superior a 60 anos, conforme o Estatuto do Idoso 2003, Artigo 1º;
- Apresentar capacidade funcional e compreensão adequadas para poder responder às perguntas de uma entrevista. Por capacidade funcional e compreensão adequada se quer dizer que o participante necessitou demonstrar condição de escutar o entrevistador sem que este necessitasse elevar o volume de voz, de falar com dicção audível e compreensível para o entrevistador. Além disso, por capacidade mínima de compreensão se quer dizer também que a entrevista não apresentou complexidade em suas perguntas;

- Residir na instituição há pelo menos três meses, uma vez que a condição de vivenciar experiências de lazer na instituição foi contemplada nos objetivos desta pesquisa. O período de três meses corresponde ao tempo médio que o idoso leva para se institucionalizar. A este respeito foi localizado na literatura científica o estudo de SILVA *et al.* (2006) que ampara este período específico de três meses de adaptação. Além disso, o trabalho profissional de uma década com esta população, com as instituições e com suas necessidades, fundamentam esta estimativa.

Quanto aos critérios de exclusão:

- Não concordar em participar do estudo;
- Apresentar diagnóstico de Alzheimer, demências, doença mental (transtornos psiquiátricos) ou comprometimento cognitivo, comprovados primeiramente através de

informação dada por profissional de saúde que atendia a instituição e pelo coordenador/diretor da instituição e através da leitura do prontuário/ ficha/ cadastro/ formulário, conforme será detalhado mais adiante.

A amostra do estudo envolveu 47 idosos, sendo 33 (70,21%) do sexo feminino e 14 (29,79%) do sexo masculino, com tempo médio de institucionalização de três meses a 17 anos. A idade variou de 62 a 94 anos, sendo a média de idade de 79,5 anos. Quanto às condições de saúde dos entrevistados, constatou-se, através de prontuários, que os diagnósticos mais comuns foram hipertensão (20 idosos ou 42,55%) e diabetes (13 idosos ou 29,78%). Os demais participantes idosos apresentavam outros comprometimentos de saúde tais como catarata, glaucoma, osteoartrite, osteoartrose, labirintite, incontinência urinária.

2.2 Instrumentos

Para o estudo em questão, o principal procedimento de coleta de dados foi a entrevista. A escolha deste procedimento baseou-se nas discussões de Minayo (1993) e de Zago (2003). Este último autor, em especial, aponta que nas entrevistas o encontro com um interlocutor que não faz parte do mesmo universo social do entrevistado pode representar a oportunidade de este ser ouvido e de poder falar de questões sociais que lhe dizem respeito diretamente. Assim, entendeu-se que o procedimento de entrevista foi fundamental para a investigação da trajetória, da atualidade e das expectativas de lazer de idosos institucionalizados.

Considerando a realidade pesquisada, o tipo de entrevista proposto para o estudo foi o semi-estruturado. Dessa forma, desenvolveu-se uma lista de perguntas que foram abordadas, como se fosse um guia. Isso permitiu relativa flexibilidade à pesquisadora, além da possibilidade de alteração da ordem das perguntas em função das respostas obtidas a fim de assegurar maior coerência nas trocas com o entrevistado (LAVILLE; DIONNE, 1999; MATTOS, 2005; APPOLINÁRIO, 2006).

O roteiro de entrevista para os idosos está no Apêndice B. Os dados de data de nascimento e de grau de dependência funcional foram obtidos através da consulta aos dados do idoso registrados na ILPI, como será descrito mais adiante. O roteiro de entrevista referiu-se a experiências de lazer em momentos diferentes, a partir da vida adulta dos idosos até a atualidade. Como referido nos objetivos, a investigação do lazer nestas etapas da vida dos idosos institucionalizados buscou apreender significados, expectativas e aspectos que influenciavam a motivação para as práticas de lazer. Além disso, pretendeu-se conhecer as ocupações cotidianas destes idosos antes da institucionalização. Foram observados na

elaboração deste roteiro de entrevista os aspectos de clareza, adequação e compreensão para atingir os objetivos a que se propôs o estudo.

Com o propósito de testar a adequação do roteiro de entrevista foi conduzido um estudo-piloto com três idosos não participantes da pesquisa, não institucionalizados, com idade superior a 75 anos. Quanto ao tempo de entrevista, estimou-se que este poderia ser variável por depender da interação de cada idoso com o entrevistador e de suas reações às questões formuladas. De toda forma, a estimativa foi de aproximadamente uma hora e trinta minutos por entrevista. Os resultados do estudo-piloto indicaram um tempo médio de 20 minutos por entrevista e vocabulário pertinente. Embora os idosos entrevistados no estudo-piloto não fossem institucionalizados, seus três participantes possuíam níveis de escolaridade variados bem como proximidade em faixa etária com a amostra da pesquisa.

O roteiro de entrevista para os coordenadores das ILPIs está no Apêndice C. A entrevista contém um roteiro que objetivou conhecer as práticas de lazer oferecidas na instituição até o momento da coleta de dados, além de ter verificado a participação dos idosos residentes no planejamento das atividades propostas pela instituição.

2.3 Procedimentos de coleta de dados

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP/ UFMG) conforme Parecer nº 085/2011. Após a aprovação do trabalho pelo COEP foi feito contato formal com a Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social, para solicitar a listagem de ILPIs conveniadas. De posse desta listagem, foram feitos contatos informais com os responsáveis pelas ILPIs para convidá-los a colaborar com a pesquisa. Após contato telefônico e reunião agendada previamente com cada coordenador, a ILPI foi informada formalmente, através da entrega do Termo de Anuência Institucional, sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem empregados e demais informações. Na concordância da instituição em colaborar com a pesquisa, o responsável pela ILPI assinou o Termo de Anuência Institucional para a ILPI (Apêndice D) em duas vias de igual teor (uma para a instituição, e outra para o pesquisador). Os dados foram coletados no período de 09/05/2011 a 30/07/2011 com um período variável entre 2 a 4 dias em cada ILPI, de acordo com o número de entrevistados.

Após a obtenção do Termo de Anuência Institucional, numa primeira etapa a pesquisadora consultou o coordenador/ diretor da ILPI e o profissional de saúde da instituição para identificar os moradores do grau de *dependência II e III* que não atendessem os critérios

de participação na pesquisa. Este procedimento objetivou atender os critérios de exclusão de participantes. Embora todas as 17 ILPIs tenham aceitado receber a visita da pesquisadora, 02 ILPIs não tiveram condições de participar da pesquisa. Todos os residentes destas duas instituições fizeram parte dos critérios de exclusão (grau de dependência II e III). Neste caso, o número de ILPIs participantes do estudo constituiu-se de 15 instituições. Percebeu-se a resistência de algumas ILPIs em participar da pesquisa, por receio de expor o contexto da institucionalização e por medo de críticas negativas. Esta situação foi resolvida mediante visitas com esclarecimento dos termos éticos da pesquisa, e importância da participação no estudo apresentando os benefícios para a ILPI e estudos sobre o envelhecimento.

Numa segunda etapa, e com a anuência da instituição, foram consultados os prontuários/ fichas/ cadastros/ formulários dos demais residentes (ou seja, os que não foram descartados na primeira etapa recém descrita) apenas para a verificação dos critérios de inclusão e identificação dos participantes que poderiam ser convidados para a coleta de dados. Dessa forma, nesta segunda etapa foram consultados apenas os dados de: data de nascimento; data de entrada na presente ILPI; e anotação de profissional de saúde que indicou reduzida capacidade de audição, de fala e de compreensão. Os dados dos possíveis candidatos à entrevista foram registrados em caderno de campo.

Na terceira etapa determinaram-se os idosos que foram convidados para participar da pesquisa. No caso de instituições que tivessem mais de quatro idosos aptos a participar, os nomes destas pessoas seriam sorteados (procedimento aleatório). Pretendia-se com o sorteio manter o critério de número máximo de participantes por instituição, ou seja, quatro. Quando houvesse recusa ou desistência, voltava-se aos nomes em potencial para novo sorteio. Apenas uma ILPI indicou mais que quatro idosos aptos e interessados em participar do estudo, e neste caso, como exceção, foram entrevistados 6 residentes. Esta decisão ocorreu em virtude da pesquisa estar em fase inicial, havendo possibilidade de encontrar poucos idosos que atendessem os critérios de inclusão nas demais ILPIs.

Na quarta etapa, foram abordados e convidados para participar da pesquisa aqueles idosos que melhor atenderam aos critérios de inclusão. No momento do convite foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Para o Idoso (TCLE - Idoso) (Apêndice E), em duas vias de igual teor (uma para o participante e uma para o pesquisador). A pesquisadora se ofereceu para oralmente informar sobre o conteúdo do TCLE e/ ou lê-lo, a critério do participante. Assim, diante da situação de morador com deficiência visual, cegueira ou outra dificuldade de visão, o TCLE foi lido para 09 participantes em potencial e, após o aceite, a pesquisadora-entrevistadora auxiliou o participante a posicionar a caneta no local

adequado para sua assinatura. Para 05 participantes que não assinavam o nome, o aceite verbal em participar da pesquisa foi gravado em audiotape.

Houve uma instituição que indicou três idosos para a participação no estudo, cujos prontuários médicos não indicavam quadro clínico com as características que excluía o participante. Porém, no decorrer da entrevista um dos idosos informou ser portador de transtorno psiquiátrico, e o outro apresentou respostas incoerentes durante a entrevista, não conseguindo completá-la. Assim, optou-se por excluir estes participantes do estudo.

Na quinta e última etapa da coleta de dados, o coordenador/ diretor da instituição foi convidado a participar da pesquisa através de entrevista semi-estruturada. Foram convidados apenas os coordenadores/ diretores de instituição na qual no mínimo um(a) idoso(a) foi entrevistado na quarta etapa. Assim, como todas as ILPIs envolvidas no estudo preencheram este pré-requisito, todos os 15 coordenadores/ diretores foram convidados. Apresentou-se um TCLE para este participante (TCLE - Coordenador) (Apêndice F), que foi assinado em duas vias de igual teor. Em cinco ILPIs as entrevistas com coordenadores ocorreram anteriormente aos idosos, pela necessidade de ajustar o horário da entrevista à disponibilidade do coordenador.

Foi assegurada ampla liberdade de participação/ recusa/ desistência sem qualquer tipo de prejuízo para os participantes. Nos casos de recusa em participar da pesquisa ou de desistência em qualquer momento da pesquisa, a pesquisadora garantiu amplo sigilo destas opções. Três idosos se recusaram a participar do estudo. Os participantes da pesquisa receberam informações sobre os objetivos, os benefícios e riscos em participar do estudo, bem como a garantia do anonimato e sigilo das informações coletadas.

Para utilizar o recurso de gravação das entrevistas foi também solicitada permissão ao participante para gravar os depoimentos. Em um único caso de não concordância do idoso para utilização do gravador, os registros de campo foram expandidos na tentativa de captar o máximo de informações ao longo da entrevista.

Após a obtenção da assinatura do TCLE em duas vias, foi combinado com todos os participantes a realização da entrevista. Este agendamento aconteceu de acordo com a disponibilidade de horários da ILPI e do participante, levando em consideração as rotinas diárias do local. Para que a entrevista fosse conduzida, solicitou-se à instituição uma sala apropriada que garantisse privacidade, com mínimo conforto, mínimo ruído exterior e sem acesso de outras pessoas no decorrer da entrevista. Foram disponibilizados pelos coordenadores espaços como salão de festas, salas de fisioterapia em momentos de não atendimento aos idosos, sala de reuniões, ou sala do coordenador.

Todas as entrevistas foram individuais e realizadas pela pesquisadora-mestranda na instituição onde o idoso reside. Em alguns casos, foram realizadas anotações em um caderno de campo durante a entrevista como complemento à mesma. Antes de iniciar a entrevista com os idosos, era estabelecido um diálogo informal entre a pesquisadora e o entrevistado para deixá-lo mais à vontade, lembrando-os que as respostas poderiam ser dadas livres de julgamento (certo ou errado). Assim que os entrevistados autorizavam, o gravador era ligado e iniciava-se a gravação. As entrevistas foram gravadas em audiotape e posteriormente transcritas. Os registros no diário de campo foram uma tentativa de captar observações relevantes que o gravador não pôde captar, como gestos, expressões faciais, entonação de voz, etc. (BOURDIEU, 1999, 2008).

Nem todos os idosos conseguiram compreender claramente todas as perguntas da entrevista. Alguns demonstraram dificuldade na compreensão do que era questionado ou então fugiam ao propósito da entrevista, de modo que houve necessidade de repetir a questão de forma diferente, o que é condizente com a escolha metodológica por entrevista de roteiro semi-estruturado.

Todos os dados coletados no presente trabalho foram utilizados unicamente para fins da presente pesquisa. Serão armazenados no mínimo um ano e no máximo dois anos (após a defesa de dissertação de Mestrado) na sala da pesquisadora-orientadora-responsável, com acesso restrito aos pesquisadores-responsáveis pela presente pesquisa. Após o período de armazenamento, os dados serão destruídos.

2.4 Procedimentos de cuidados éticos

A seguir é descrita a análise crítica dos possíveis riscos e benefícios, com avaliação de nível de gravidade e com indicação de procedimentos de minimização. Cabe ressaltar que em todos os passos da pesquisa estiveram assegurados a integridade física e moral e o bem-estar de todos os participantes, acima de qualquer interesse.

Quanto aos possíveis riscos da participação na presente pesquisa, considerou-se que os mesmos foram mínimos (pequenos), na forma de possível constrangimento ou desconforto emocional no momento da entrevista. A minimização deste risco ocorreu através de pausa durante a entrevista para permitir ao entrevistado descanso e relaxamento, com a entrevistadora consultando-o sobre a possibilidade de continuidade com a entrevista. Dois idosos entrevistados necessitaram do recurso de pausa por se emocionarem, mas não houve casos de transferência da entrevista do participante para o dia seguinte.

Os benefícios advindos desta pesquisa foram científicos na medida em que procurou-se contribuir para novos conhecimentos acerca das experiências de lazer de idosos institucionalizados. Os benefícios em nível profissional foram de poder contribuir para que as instituições atentem mais para a oferta de experiências de lazer que atendam aos interesses de seus residentes. Quanto aos benefícios pessoais para cada entrevistado, acredita-se que serão benefícios indiretos e atrelados às ações da instituição caso decida utilizar dos conhecimentos originados pela pesquisa para promover melhoria da oferta de práticas de lazer a seus residentes.

Todos os procedimentos envolvidos na presente pesquisa atentaram para as garantias de: liberdade de participação/ recusa/ desistência sem prejuízo ao entrevistado; privacidade ao entrevistado; anonimato e sigilo a todas as pessoas envolvidas (coordenador/ diretor, profissional de saúde, idoso); amplos esclarecimentos sobre a pesquisa no Termo de Anuência Institucional, no TCLE-Idoso (inclusive através de sua leitura, quando necessário) e nos contatos pessoais através de esclarecimentos orais; respeito à disponibilidade dos envolvidos no que diz respeito a não interferir nas rotinas da instituição e do idoso; acesso restrito aos dados coletados pelas pesquisadoras envolvidos nesta pesquisa; uso exclusivo dos dados coletados para esta pesquisa; e armazenamento e descarte adequados dos dados coletados.

2.5 Procedimentos de análise dos dados

A partir do objetivo de pesquisar as experiências de lazer de idosos institucionalizados em momentos diferenciados da vida e comparar estas vivências com a oferta de lazer da ILPI, a interpretação dos dados e a identificação das relações entre os fenômenos de interesse no estudo foi inspirada nas técnicas de análise de conteúdo de Bardin (2009). Diante das opções metodológicas para tratamento de dados qualitativos, entendeu-se que a técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) apresentou maior adequação por permitir dar voz aos entrevistados para identificação do conteúdo manifesto. A técnica trata-se de

um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição de conteúdo, mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção destas mensagens (BARDIN, 2009, p. 44).

A análise das respostas dos idosos à entrevista foi realizada por duas avaliadoras. As diferentes fases da análise de conteúdo conduzidas foram organizadas em pré-análise,

exploração do material e tratamento dos resultados com dedução e interpretação (BARDIN, 2009). A pré-análise correspondeu à fase de organização dos dados que foram analisados. Cada avaliadora realizou separadamente uma leitura das entrevistas transcritas a fim de familiarizar com as transcrições, destacando os pontos mais importantes nas entrevistas. Esta fase pôde fornecer informações adicionais sobre o problema a ser investigado. A fase seguinte, de exploração do material, consistiu em codificar, decompor e enumerar os dados. Nas transcrições das entrevistas foram identificadas proximidades temáticas nas respostas dos participantes, por questão. Estas proximidades foram reunidas em agrupamentos temáticos pelas avaliadoras. As dúvidas que surgiram durante esta etapa foram resolvidas com a participação de um terceiro avaliador. Categorias de respostas foram originadas a partir dos agrupamentos de unidades temáticas, denominadas de categorias empiricamente construídas (em outras palavras, elaboradas a partir das respostas dos participantes). Quanto à fase de tratamento dos resultados, os mesmos foram tratados através de cálculos de frequência, e interpretados com base na fundamentação teórico-conceitual que amparou a presente pesquisa.

3 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas com residentes e com coordenadores de ILPIs filantrópicas conveniadas com a PBH. Em um primeiro momento são apresentados os dados referentes às entrevistas com os residentes, e a seguir os dados com relação aos coordenadores.

Antecedendo a apresentação dos resultados da entrevista com o residente de ILPI, considerações acerca da realização da entrevista são necessárias. Do total de residentes entrevistados, 26 são idosos longevos (com 80 anos de idade ou mais), característica também constatada em idosos de uma ILPI de Ribeirão Preto (PELEGRIN *et al.*, 2008). Este é um dado significativo, uma vez que as incapacidades aumentam a partir dos 80 anos, com redução de atividade física e aumento da fragilidade (TEIXEIRA, 2007). Observa-se uma maioria feminina entre os residentes entrevistados, sendo que esta proporção aumenta com a idade. Esta feminização da velhice, especialmente nas ILPIs é relatada em vários estudos (CAMARANO, 2007; CHAIMOWICZ; GRECO, 1999; DEBERT, 1999; HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004; ROSA *et al.*, 2009).

Com relação às tabelas com os resultados a partir da coleta com os residentes, cabe apontar que a frequência de respostas em uma determinada categoria pode não coincidir com a soma das respostas separadas por sexo dentro da mesma categoria. Isto pode ocorrer porque o participante emitiu mais de uma unidade temática dentro da mesma categoria. Por exemplo, na categoria Livre Escolha, um mesmo entrevistado emitiu duas respostas: “Espaço que cê tem pra fazer o que quiser” e “Tempo de viver à vontade”. Mesmo constando duas respostas, este entrevistado será representado uma única vez porque ambas constam na mesma categoria.

3.1. Resultados para a concepção de tempo livre do residente de ILPI

A TAB. 1 indica a frequência das respostas dos idosos relativas à pergunta 1 da entrevista, que procurou investigar a percepção dos idosos sobre o tempo livre. Observa-se uma predominância do sexo masculino na compreensão do tempo livre enquanto livre do trabalho profissional.

TABELA 1.
Percepção dos residentes sobre tempo livre

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Livre escolha	11	Espaço para fazer o que quiser	02	03
		Ser livre para fazer tudo que possa fazer	--	01
		Tempo de viver à vontade	01	01
		Fazer qualquer coisa	--	01
		Liberdade	01	02
Ociosidade/ Descanso	09	Quando não tem nada para fazer	01	04
		Descanso	03	01
Sem preocupação nem obrigação	07	Não ser obrigado a cumprir horário	--	02
		Não ter obrigação	01	01
		Não se preocupar com nada	--	02
		Sem obrigações em casa para fazer	--	01
Livre do trabalho	08	Férias	01	02
		Folga	--	01
		Sábado, domingo	02	--
		Não sei o que é isso, não tive	01	02
		Tempo para refletir	01	01
Reflexão	03	Tempo para a gente	--	01
		Botar a cabeça em dia	01	--
Ação	04	Dedicar-se a alguém, cuidar de alguém	--	01
		Fazer qualquer coisa, sair, passear	--	01
		Participar das coisas	--	01
		Fazer coisas boas e úteis	01	--
Obrigações domésticas	01	Cuidar de obrigações domésticas	--	01
Situação conjugal	02	Solteira, sem namorado	--	01
		Quando tem um marido, não é livre	--	01
Exemplos de práticas de lazer	08	Passeio	03	02
		Sair, parque, shopping	--	01
		Visitar cidades	--	01
		Viajar	--	01
		Brincando, jogando bola, batendo peteca	--	01
		Ver TV, andar pra lá e pra cá	--	01
		Criar uma atividade	--	01
Relacionamentos Interpessoais	04	Bater papo	--	01
		Buscar amizade	--	01
		Visitar amigos	--	01
		Ir na casa das irmãs	--	01
		Passear com família	01	--
Diversão	04	Diversão	03	01
Outras Respostas	05	Não entendo	--	01
		Curtir um lazer	01	--
		Vivência	--	01
		Maravilhoso	--	01
		Precisa de boas condições	--	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.2 Resultados para a trajetória das experiências de lazer do residente de ILPI

3.2.1 Experiências de lazer no tempo livre na pré-aposentadoria

A TAB. 2 apresenta as diversas profissões experimentadas pelos residentes das ILPIs antes de se aposentarem (pergunta 2 da entrevista). A categorização das respostas foi elaborada com base na Comissão Nacional de Classificação Econômica (CNAE) (www.ibge.gov.br). A TAB. 3 mostra as práticas de lazer no tempo livre pré-aposentadoria (pergunta 3).

TABELA 2
Profissão dos residentes antes da aposentadoria

SETOR	PROFISSÃO
Primário	Agricultura (7)
Secundário	Usiminas (1), fábrica tecidos (1), confecção (2), construção civil (2), técnico lanternagem (1)
Terciário	Detalhamento
Serviços	Empregada doméstica (15), cozinheira (02), cuidadora de idosos e criança (1), lavadeira (2), passadeira (1), faxineira (1), costureira (6), vendedora AVON (1), padeiro (1), acompanhante de idosos (2), gari (1), manicure (1), auxiliar de serviços gerais (3), auxiliar de marcenaria (2), telefonista (1), auxiliar de escritório (1), auxiliar de contabilidade (1), recepcionista (1), ajudante pedreiro (1), confecção de doces, biscoitos, bolos (2) sindicato dos bancários (1)
Correios	Carteiro (1)
Comércio	Comerciário (3)
Hospitais	Auxiliar de enfermagem (2)
Serviços bancários	Banco (1)
Corretagem imóvel	Serviços administrativos (1)
Alojamento/ alimentação	Dona de Hotel (1)
Educação	Diretora/ proprietária de escola (1), professora (2)
Seguros	Companhia de Seguros (2)
Comunicação	Redação jornal (1)
Transporte	Motorista (3), caminhoneiro (1)
Transporte terrestre	Ferrovário (1)
Atividades jurídicas	Advogado (1), chefe escritório empresarial (1), chefe patrimônio empresarial (1)
Atividades desportivas	Massagista desportivo (1)
Atividades artísticas	Teatro (1), cantora de boate (1)
Outras atividades	Ajudante ILPI (1), Ajudante manicure (1), Religiosa (1)
Fora do PEA	Dona de casa (6)

Nota. PEA = População economicamente ativa.

TABELA 3
Práticas dos residentes no tempo livre pré-aposentadoria

(continua)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Espaços domésticos	13	Cuidar de casa/ tarefas domésticas	--	12
		Cuidar alimentação sobrinhos	--	01
		Costurar às vezes para casa	--	01
		Ajeitar costuras aos domingos	--	01
		Tratar cachorros, galinhas	--	01
		Tratar porco	--	01
		Cuidar de plantas	01	01
		Cuidar de netos	--	01
Descanso	01	Descansar em casa	--	01
Práticas Religiosas	15	Missa	--	07
		Ir à Igreja	01	03
		Rezar terço com amigas	--	01
		Rezar só	--	01
		Reunião Legião Maria	--	01
		Obras sociais na igreja	--	01
		Trabalho voluntário com carentes	--	01
		Campanha do quilo	--	01
Cinema	09	Cinema	02	07
Leitura	06	Leitura	03	03
Práticas culturais diversas	09	Assistir TV	--	03
		Ouvir rádio	01	02
		Teatro	01	01
		Boate	--	01
		Ouvir música	01	01
Baile	08	Baile	05	03
Dançar	04	Dançar	02	02
Festas	09	Carnaval	01	01
		Festa	01	-
		Festas cívicas	01	01
		Festa junina	--	01
		Festa de aniversário	--	01
		Festas de rua	--	01
		Festas de igreja	--	01
		Festas de família	--	02
Visitas	07	Visitar doentes (Santa Casa)	--	01
		Visitar amigos	--	03
		Visitar familiares	--	04
Passeios	16	Passear	02	08
		Passear com filhos	01	01
		Piquenique	--	01
		Ir à praia	01	02
		Ir ao shopping	--	01
Viagens	07	Viagens	--	07
		Excursão	--	01
		Fazer amizades	01	--
		Encontro com amigos	01	01
		Fazer roda com colegas	--	01
		Conversar com amigos idosos	--	01
		Conversar com pessoas	01	--
		Namorar	02	03

TABELA 3
Práticas dos residentes no tempo livre pré-aposentadoria

(conclusão)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Relacionamentos Interpessoais	11	Fazer amizades	01	--
		Encontro com amigos	01	01
		Fazer roda com colegas	--	01
		Conversar com amigos idosos	--	01
		Conversar com pessoas	01	--
		Namorar	02	03
Jogos	10	Assistir futebol	04	--
		Ir ao estádio de futebol	01	01
		Jogar futebol	08	--
		Jogar cartas	01	--
Beber	04	Beber	04	--
Outras práticas	06	Pescar	01	--
		Observar animais	01	--
		Capinar	--	01
		Soletrar	--	01
		Estudar	02	--
		Hora recreio (ficar calada)	--	01
Não tinham diversão	05	Não tinham diversão	01	04

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A participação em práticas de lazer que requer mais contatos sociais são percebidas em maior escala nas práticas religiosas, festas e relacionamentos interpessoais, com uma maior participação do sexo feminino. Para o sexo masculino observa-se uma maior concentração nas práticas que envolviam os jogos e bailes, enquanto para o público feminino as práticas de lazer mais frequentes ocorriam nos espaços domésticos. A atividade mais citada pelos entrevistados foi passeios, geralmente realizados na própria cidade ou em seus arredores.

3.2.2 Experiências de lazer no tempo livre no momento da aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI

Nesta seção serão apresentados os resultados para as perguntas 4, 5 e 6 da entrevista. A TAB. 4 mostra a percepção do futuro tempo livre a partir da aposentadoria, ou seja, se o residente pensava sobre o que faria após a aposentadoria, logo antes de ela ocorrer. Alguns residentes tiveram dificuldades em precisar exatamente o que faziam no tempo livre no período próximo da aposentadoria, por não refletirem sobre a aproximação da mesma. A

TAB. 5 mostra os tipos de aposentadoria dos residentes, conforme a categorização de P. B. Baltes seguida por Néri (2002).

TABELA 4

Percepção dos residentes sobre o futuro tempo livre decorrente da aposentadoria

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Não pensaram	24	Não pensaram sobre o novo tempo livre	08	16
Preocuparam-se	06	Preocuparam-se com o tempo livre	02	04
Não avaliaram	15	Não avaliaram	04	11
Continuaram a trabalhar	02	Sentiram que poderiam trabalhar mais	--	02

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

TABELA 5

Tipo de aposentadoria dos residentes

TIPO DE APOSENTADORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Não normativa	19	Problemas de saúde	04	06
		Fragilização da saúde antecipou a institucionalização	01	02
		Morte do esposo	--	02
		Interrompeu trabalho formal	--	01
		Despedido (a)	01	02
		Não lembra quando ocorreu aposentadoria	--	01
Normativa	09	Continuou trabalhando	01	08
Normativa	14	Aposentou-se em tempo normal	05	09
Outras formas	05	Pensionistas	01	03
		Aposentadoria LOAS	01	--

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

As TAB. 6 e 7 mostram como os residentes perceberam o tempo livre a partir da aposentadoria, e quais suas práticas de lazer como cidadãos aposentados. Em um primeiro momento os idosos avaliaram o novo tempo livre (TAB. 6), e somente após esta reflexão conseguiram mencionar quais práticas de lazer possuíam neste tempo (TAB. 7).

Como se pode observar na TAB. 6, foram 19 os participantes que avaliaram positivamente a aposentadoria em virtude da garantia de renda mínima, da disponibilidade de tempo e/ ou como um processo natural da vida. Dezoito não se manifestaram por adoecimento repentino. No entanto, nenhum entrevistado mencionou as novas possibilidades de tempo livre após a aposentadoria.

TABELA 6
Avaliação dos residentes sobre o tempo livre pós-aposentadoria

AVALIAÇÃO	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Positiva	19	ótimo, muito bom, natural	07	12
Negativa	08	não ficou animada, achou ruim	04	04
Não avaliou	18	Não se manifestou	02	16
Outra resposta	02	Passou a se preocupar com a família	--	01
		Não se aposentou	01	--

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A TAB. 7 mostra que as mulheres foram as únicas a emitir respostas contendo práticas domésticas específicas e “serviços de casa”. Ver TV e ouvir rádio, práticas mais comuns no espaço doméstico, também tiveram mais respostas de mulheres. Já as respostas dos homens envolveram mais atividades fora da rotina do lar, como jogos e bailes.

TABELA 7
Práticas dos residentes no tempo livre pós-aposentadoria

(continua)				
CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Práticas culturais diversas	05	Bailes	02	--
		Passeios	01	--
		Cinema	--	01
		Tocar violão	01	--
		Rádio	--	01
Serviços de casa	07	Serviços de casa em geral	--	07
Assistir TV	04	Assistir TV	01	03
Práticas domésticas específicas	12	Costuras de mão	--	03
		Confeção de bolo, broa no fogão à lenha	--	01
		Confeção de doces, bolos, aniversários de família	--	01
		Confeção de enxoval para irmã	--	01
		Ajudar à irmã	--	01
		Cuidar de netos, mãe	--	04
		Tratar de criações, animais	--	02
Trabalho	03	Trabalho em casas de família	--	03
Saúde	14	Cuidar da saúde	07	07
Voluntariado	03	Trabalho voluntário na igreja	--	01
		Trabalho voluntário com carentes/ Aldeias SOS	--	01
		Trabalho voluntário ILPI	--	01
Outras práticas	05	Trabalhos manuais: ponto cruz, vagonite	--	01
		Ginástica, hidroginástica, yoga	--	01
		Missa	--	01
		Leitura	--	01
		Jogar futebol	01	--
		Jogar cartas	01	--
		Divertir com colegas	01	--
		Não pensou sobre isso	01	--
		Não teve tempo livre	--	01

TABELA 7
Práticas dos residentes no tempo livre pós-aposentadoria

(conclusão)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Outras Respostas	09	Bebida	02	--
		Ficaram parados	01	02
		Não lembrava	--	01
		Não mencionou o que fazia	--	01
		Não pensou sobre isso	01	--
		Não teve tempo livre	--	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A TAB. 8 mostra as atividades desenvolvidas no tempo livre no momento mais próximo à entrada na ILPI (pergunta 6). As práticas religiosas se mostraram mais frequentes em mulheres. Alguns idosos admitiram receio diante da perspectiva de mudança para uma ILPI, na expectativa de como seria o ambiente, enquanto outros nem mesmo puderam pensar sobre isso, devido a enfermidades repentinas que aceleraram a institucionalização.

TABELA 8
Práticas dos residentes no tempo livre pré-ILPI

(continua)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Práticas religiosas	06	Missa	--	03
		Igreja	01	01
		Assistir coroação	--	01
		Grupo de oração	--	01
		Ajuda nas missas	--	01
		Campanha do quilo	--	01
		Angariar fundos para creche	--	01
Cuidados com saúde	11	Cuidar da saúde	03	08
Serviços de casa	08	Serviços de casa em geral	--	08
Práticas domésticas específicas	08	Cuidar de animais	--	02
		Cuidar de plantas	--	02
		Ajudar a irmã	--	01
		Cuidar dos netos	--	02
		Confecção de enxoval para sobrinhos	--	01
		Assar	--	01
Práticas Culturais Diversas	05	Bailes	02	--
		Cinema	01	--
		Tocar violão	01	--
		Jogar baralho	--	01
Assistir TV	05	Assistir TV	01	04
Leitura	04	Leitura	02	02
Passeios	05	Passeios	02	01
		Ir à praia	02	--
		Visitar irmãs	--	01
		Festas de família	--	02
		Viagem	--	02

TABELA 8
Práticas dos residentes no tempo livre pré-ILPI

(conclusão)

Outras práticas	09	Fazer compras	01	--
		Aniversários de amigos	--	01
		Conversa com amigos	02	--
		Visitar irmãs	--	01
		Festas de família	--	02
		Viagem	--	02
		Tricô	--	01
		Trabalhos manuais: vagonite, ponto cruz	--	01
		Ginástica, hidroginástica, yoga	--	01
Outras respostas	12	Bebida	03	--
		Trabalhava pros outros	--	01
		Não tinha tempo livre	--	02
		Não havia diversão	--	01
		Não se lembra	--	01
		Ficou parado	01	01
		Não mencionou	01	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.2.3 Experiências de lazer no tempo livre atual na ILPI

Nesta seção serão apresentados os resultados para as questões 7 e 8 da entrevista, que abordam as práticas de lazer no tempo livre a partir do ingresso na ILPI. A TAB. 9 apresenta as respostas sobre a percepção do novo tempo livre comparado ao tempo livre anterior à institucionalização.

TABELA 9
Percepção dos residentes sobre o tempo livre na ILPI

(continua)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Não mudou	04	Tempo é o mesmo de antes/ não mudou	02	02
Avaliação positiva	09	Sempre há algo a fazer, várias atividades	--	03
		Vantagens: estudo, diversão	02	03
		Tenho tudo, são bons para mim	01	--
Liberdade condicionada	07	Liberdade é condicionada	03	04
Adaptação	15	Adaptou-se a ILPI	01	14
Descanso	03	Descanso	01	02
Avaliação Negativa	12	Deslocamento ruim, longe do centro	--	02
		Sem liberdade/ preso	01	--
		Solidão	01	--
		Longe/ sem família	01	01
		Conflito com funcionário	01	--
		Monótono, à toa	--	04
		Tempo com muitas atividades/ excesso	--	01
		“Vive o tempo dos idosos”	--	02

TABELA 9
Percepção dos residentes sobre o tempo livre na ILPI

(conclusão)				
Outras respostas	07	Diferente	--	01
		“Vive o tempo dos idosos”	--	02
		Tempo para ajudar na ILPI	--	01
		Não avaliou	--	03

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A TAB. 9 indica que 15 participantes conseguiram se adaptar à residência coletiva pela facilidade de ajustamento às rotinas do lar em função da escolha refletida de residir na ILPI. No entanto, 12 entrevistados avaliaram negativamente o tempo livre residindo na ILPI, em função de afastamento da família, falta de liberdade, solidão e conflitos com funcionários. Aqueles que avaliaram positivamente o ingresso na ILPI (09 pessoas) sentem que o local oferece comodidade, melhores cuidados, tranquilidade e segurança.

As TAB. 10, 11 e 12 mostram as práticas de lazer atuais na ILPI. As TAB.s 10 e 11 mostram as atividades realizadas no espaço físico da ILPI – a primeira apresenta as categorias com maior quantidade de respostas; a segunda, com menor quantidade de respostas. A TAB. 12 refere-se a atividades realizadas fora do espaço institucional.

A TAB. 10 mostra que atividades antes não mencionadas em períodos anteriores à institucionalização atualmente são praticadas nas ILPIs, como a ginástica (especialmente por mulheres). Houve uma diversificação maior, com o ingresso na ILPI, das práticas manuais, artesanais e religiosas. Comparativamente ao período anterior à institucionalização, os entrevistados passaram a assistir mais TV, sendo que os homens passaram a assistir mais TV que as mulheres. Na categoria práticas religiosas a unidade temática “Terço Humano” refere-se a um evento católico em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, no qual várias pessoas se reúnem para rezar o terço.

TABELA 10

Práticas mais citadas pelos residentes realizadas no tempo livre dentro da ILPI

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Práticas religiosas	19	Rezar	02	04
		“Terço Humano”	01	01
		Rezar terço com outros residentes	01	02
		Novena	--	01
		Via sacra	--	02
		Missa	01	05
		Ajuda no culto	--	01
		Reunião Legião de Maria	--	02
		Ministra da eucaristia	--	01
		Festas da igreja	01	01
		Grupo de orações	--	02
		Ir à Igreja	--	01
Relações interpessoais	18	Fazer amizades	02	01
		Bater papo com outros residentes	01	09
		Conversar com visitas	01	03
		Estava sempre com filhos	--	01
		Contar piadas	01	--
		Participar de grupo Convivência na ILPI	--	01
		Participar de lanche/ confraternização	--	01
Ginástica	18	Separar brigas de idosas	--	01
		Ginástica	03	15
Assistir TV	16	Assistir TV	07	09
Práticas manuais e artesanais	15	Confecção de toalhas	--	02
		Costura	--	03
		Fuxico	--	01
		Pintura em tecido	--	01
		Abrir rosa, desfiar pano	--	01
		Tapete em tela	--	02
		Trabalhos manuais (não especificado)	--	03
		Confecção almofadas	--	01
		Croché	--	01
		Bordado	--	01
		Ponto cruz	--	01
		Tricô	--	03
		Trabalhos em retalho	--	01
		Artesanato (confecção colar, brinco)	01	01
Festas/ Comemorações	13	Festas na ILPI (sem especificação)	--	03
		Festa junina	01	06
		Festa de Natal	--	02
		Carnaval	--	01
		Aniversários do mês	01	03
		Dia das mães	--	01
		Festa da família	--	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

Com a TAB. 11 é possível notar uma redução gradativa de participantes nas práticas listadas em função de motivos como a distribuição desigual do voluntariado, e práticas que dependem de grau de instrução e/ ou de profissionais especializados. Também fica evidente

que, enquanto homens se dedicam mais a práticas educacionais, leitura, oficinas e exercício aeróbico rítmico, as mulheres se dedicam a cuidados domésticos, práticas musicais e bingo. O jogo de bingo indica pouca participação masculina, mas as oficinas que se assemelham a práticas de lazer de outros momentos da vida (como oficinas de reciclagem, jardinagem, teatro) parecem despertar maior interesse nestes homens.

TABELA 11

Práticas menos citadas pelos residentes realizadas no tempo livre dentro da ILPI

(continua)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Leitura	11	Leitura	06	04
		Folhear revistas	--	01
Cuidados domésticos	11	Varrer folhas	--	01
		Cuidar do jardim	01	01
		Ajudar às vezes na cozinha	--	01
		Arrumar o quarto	--	01
		Enxugar louça, varrer cozinha	--	01
		Cuidar das violetas	--	01
		Arrumar a cama	--	03
		Cuidar da capela	--	01
		Lavar pequenas peças de roupas	--	04
		Catálogo de livros	01	--
Práticas educacionais	11	Soletrar	--	01
		Escrever	02	01
		Estudar	01	--
		Aulas EJA	03	02
		Assistir palestras	02	01
Bingo	10	Bingo	--	10
Dança	10	Dança	02	08
Exercício aeróbico rítmico	09	Caminhada	03	04
		Bicicleta ergométrica	02	02
Outras práticas musicais	10	Tocar violão	01	--
		Cantar	--	03
		Tocar instrumento de corda	--	01
		Ensaiar em coral	--	01
		Ouvir apresentação musicistas	--	02
		Ouvir música (CD)	02	01
Práticas recreativas	10	Participar de algum lazer	--	01
		Participar de gincana	01	01
		Cine-pipoca	--	01
		Feira de trabalhos da ILPI	--	01
		Recreação – escolas/ voluntários	01	02
		Recreação – brincadeiras	01	02
		Participar de algum lazer (não especificado)	--	01
Ouvir rádio	07	Ouvir rádio	03	04
Cuidados com saúde	07	Cuidava da saúde	02	03
		Ir à fisioterapia	--	04
Ajuda a outros residentes	06	Auxílio a outros residentes	01	05
Descansar	06	Descansar (repouso)	01	05
Baile	06	Baile/ forró	01	05
Desenho	04	Desenho	--	04

TABELA 11

Práticas menos citadas pelos residentes realizadas no tempo livre dentro da ILPI

(conclusão)				
CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Oficinas	04	Oficina de Reciclagem	01	01
		Jardinagem	01	--
		Terapia com cães	01	01
		Oficina de Teatro	01	--
		Oficina de memória	01	--
		Pintura de bonecos em jardim	01	--
Jogos cognitivos	04	Jogo dama	01	--
		Jogo de paciência no computador	--	01
		Palavras cruzadas	01	01
		Caça-palavras	01	01
		Sudoku	--	01
Outras ocupações	04	Refletir sobre a vida	01	--
		Conversar sozinha	--	01
		Navegar na internet	--	01
		Se maquiar	--	01
Outras respostas	12	Não teve entusiasmo	--	02
		Viver o tempo dos idosos	--	01
		Isolou-se	01	--
		Não fez nada	01	01
		Não saiu mais	01	01
		Ficou parado (a)	--	02
		Não mencionou	01	--
		Não compreendeu a pergunta	01	--

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A TAB. 12 indica as possibilidades de contato com o ambiente externo à ILPI através de práticas de lazer. Percebe-se que as práticas mais frequentadas são aquelas ofertadas pela própria ILPI, com apoio do voluntariado. As práticas de lazer junto a familiares necessitam ainda de maior estímulo, se comparadas às demais, nas quais o idoso tem contato com o ambiente externo à ILPI.

TABELA 12
Práticas dos residentes realizadas no tempo livre fora da ILPI

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Passeios ofertados pela ILPI	17	Passeios oferecidos pela ILPI	08	09
Passeios	05	Passeios com amigos	01	04
		Vai à casa de famílias que o convidam	01	--
		Visita a amigos	--	02
Interações com família	14	Visitas a familiares	02	03
		Viagens para casa da família	02	01
		Festas de família	--	03
		Jogo de baralho com família	--	01
		Passeios com familiares	02	06
Centros de Convivência	08	Ir ao Centro de Convivência Regional/ PBH (Trabalhos manuais, passeios)	--	01
		Ir ao Centro de Convivência ONG (Informática, Reiki, confecção de bonecas)	01	04
		Ginástica Posto de Saúde	01	--
		EJA	01	01
Outras práticas	08	Ir ao centro da cidade (compras)	01	02
		Ir ao banco anualmente	--	01
		Ginástica Unibios	--	01
		Jogar truco na casa de amigos	01	--
		Ir a apresentações de dança sênior	--	01
		Ir a apresentações do coral/ Dedo de prosa	--	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.2.4 Intenções futuras para práticas de lazer no tempo livre na ILPI

A TAB. 13 apresenta as perspectivas futuras dos residentes para a prática de lazer e se gostariam de resgatar alguma prática vivenciada no período anterior à institucionalização (perguntas 9a e 9b da entrevista). Constatou-se que a maioria dos entrevistados gostaria de realizar atividades fora do espaço institucional. Os homens ainda preferem jogos e práticas educacionais, enquanto as mulheres almejam atividades relacionadas a práticas domésticas, manuais e com ênfase em relacionamentos interpessoais.

TABELA 13

Práticas que os residentes gostariam de resgatar ou de experimentar no futuro

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Práticas Religiosas	04	Ir à missa fora da ILPI	--	01
		Visitar igreja	01	02
Jogos e práticas recreativas	06	Jogar baralho	--	01
		Jogar boliche	--	01
		Jogar futebol	02	--
		Jogar tênis de mesa	01	--
		Pescar	--	01
		Andar de bicicleta	01	--
		Nadar	01	--
		Andar de roda gigante	01	--
Dançar	05	Dançar	01	04
Passeios, viagens e outros locais da cidade	12	Passeio	03	03
		Excursão	--	01
		Ir ao cinema	01	01
		Viajar	--	03
		Ir ao clube esportivo	01	--
		Ir ao Parque Municipal, circo, Igreja da Pampulha	--	01
Práticas domésticas	03	Cuidar de plantas	--	01
		Assar	--	01
		Cozinhar a própria comida	--	01
Práticas manuais	06	Bordado	--	01
		Costura	--	02
		Trabalhos manuais	--	01
		Recordar crochê	--	01
		Curso de flores	--	01
Práticas musicais	05	Apresentar-se com coral	--	01
		Participar de charangas	01	--
		Música	--	02
		Ouvir rádio	--	01
Práticas de Aprendizagem	03	Curso de diretor de teatro	01	--
		Estudar	01	--
		Leitura de qualidade	01	--
Interações familiares	05	Ir à festa de família	--	01
		Ficar com netos	--	01
		Voltar para casa	02	01
Relacionamentos Interpessoais	08	Visitar amigos	--	01
		Ter amigos	01	--
		Ir a aniversário de filha da funcionária	--	01
		Fazer visita	--	01
		Bater papo	--	02
		Buscar relacionamento romântico	01	--
		Ter alguém	--	01
Outras Práticas	07	Trabalhar	--	01
		Prestar serviço voluntário na ILPI	01	--
		Ir ao carnaval	--	01
		Ter uma casa	--	02
		Realização de terceiros, formatura de familiares	--	02
		Realização de terceiros, filha ter casa	--	01
Sem intenção futura	15	Está satisfeito: "Meus desejos foram realizados"	--	03
		Não tem planos	01	05
		Não pensou nisso	01	02
		Não avaliou	01	02
Não foi perguntado	01	Não foi perguntado	01	--

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.3 Resultados para a percepção do residente sobre sua participação nas práticas de lazer na ILPI

A TAB. 14 mostra a percepção sobre a própria participação nas práticas de lazer na ILPI (pergunta 10 da entrevista). A maioria dos entrevistados participa de pelo menos 01 atividade ofertada na ILPI. Aqueles que disseram não participar, informaram não se sentirem bem no ambiente onde residem. Aqueles que informaram que às vezes participam sentem que o dia é bastante preenchido. Já os entrevistados que dizem participar de algumas das atividades oferecidas apresentaram uma postura crítica em relação a determinadas práticas, considerando-as ora como desinteressantes, não atrativas, ora de caráter infantil.

TABELA 14

Percepção dos residentes sobre a própria participação nas práticas ofertadas pela ILPI

PARTICIPAÇÃO	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Sim	37	Sim	11	25
Não	03	Não	01	02
Às vezes	04	Às vezes	01	03
De algumas	05	Algumas que me interesse	01	04

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

A TAB. 15 mostra os dados sobre a importância que os residentes atribuem ao convite para participar das atividades propostas na ILPI, e a TAB. 16 mostra as justificativas (pergunta 11).

TABELA 15

Percepção dos residentes sobre a importância do convite individual às práticas ofertadas pela ILPI

CATEGORIA	f	M	F
Sim	41	14	27
Depende da atividade	02	--	02
Não entendeu a pergunta	03	--	03
Não foi perguntado	01	--	01

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

TABELA 16

Justificativa dos residentes para a importância do convite individual às práticas ofertadas pela ILPI

CATEGORIA	F	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Eleva autoestima	19	Sentem-se lembrados	02	04
		Sentem-se valorizados	04	03
		Sentem-se satisfeitos	03	01
		Anima-nos	--	02
		Distrai-nos	01	01
		Eles gostam da gente	--	02
Outras vantagens	11	Influi na minha saúde	01	01
		Não fico parado	01	02
		Tenho timidez	01	01
		Não exclui as pessoas	02	--
		Às vezes estou distraída	--	02
Outras justificativas	03	É o regime da casa	--	01
		Depende da atividade	--	02
Outras respostas	05	Não soube dizer	--	01
		Não justificou	--	01
		Não foi perguntado	--	03

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.4 Resultados para as sugestões do residente sobre práticas de lazer na ILPI

A TAB. 17 exhibe os resultados para sugestões de atividades de lazer para a ILPI, de forma que atendesse os interesses dos residentes (pergunta 9c). As atividades sugeridas são práticas comuns nas ILPIs, que já foram oferecidas. Em algumas ILPIs da amostra, algumas das atividades sugeridas pelos residentes estão atualmente suspensas, como baile e dança.

TABELA 17

Propostas dos residentes para melhor ocupação do tempo livre na ILPI

(continua)

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Espaço físico	03	Biblioteca	01	--
		Melhorias no espaço físico	01	--
		Sala de música	01	--
Práticas internas na ILPI	12	Rezar terço em grupo	--	01
		Bingo	--	01
		Jogos diferentes de bingo	01	--
		Baile	01	--
		Dança	--	02
		Música	02	02
		Trabalhos manuais	--	01
		Diversificação de práticas religiosas	01	--
		Bordado	--	01
		Oficinas de oração próximas à ILPI	--	01
		"O que fizerem está bom"	--	02

TABELA 17
Propostas dos residentes para melhor ocupação do tempo livre na ILPI

(conclusão)				
CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Práticas externas	09	Passeios	03	04
		Cinema em tela	--	01
		Oficinas de oração próximas à ILPI	--	01
		"O que fizerem está bom"	--	02
Sem sugestão	15	Não precisa de mais atividades	03	07
		"O que fizerem está bom"	--	02
		Não tem sugestões	01	02
Baixa expectativa quanto à instituição	06	Não há como fazer na ILPI o que gostaria	01	--
		"Idosos não aceitam"	--	01
		Falta empenho dos idosos	01	02
		Saúde frágil dos idosos dificulta o lazer	--	01
Outras respostas	07	Não compreenderam a questão	02	01
		Sente-se desmotivado	01	--
		Ofertar reabilitação	01	--
		Não foi perguntado	--	02

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.5 Manifestações dos residentes ao final da entrevista

Ao final da entrevista, foi dada aos residentes a oportunidade de se expressarem. Estes resultados são apresentados na TAB. 18.

Dos que se manifestaram, a maioria reconhece que é importante manter-se ativo. Muitos percebem o pouco envolvimento de colegas residentes em relação às possibilidades que ainda dispõem na vida. Talvez pensando nestes colegas, alguns entrevistados recomendaram diversão, leitura, dança, e participação da forma que for possível. Alguns demonstraram gratidão pelo local onde residem e, em alguns casos, enfatizaram a opção por residir na ILPI, mas não deixaram de comentar sobre o pouco compromisso que percebem com os residentes.

Críticas importantes foram emitidas, lembrando a necessidade de os profissionais refletirem, por exemplo, sobre práticas recreativas infantilizadas ofertadas nas ILPIs. Na percepção deste entrevistado, pensante as práticas recreativas que ele contempla são agressivas ao idoso, tratando-os como sujeitos desconectados da realidade. Observa que os recreadores que atuam em sua residência simplesmente transferem atividades de crianças para os idosos. Este entrevistado chama a atenção para a necessidade de preparação dos profissionais para trabalhar com idosos. Como afirma Barreto (1997), o importante é mudar a

forma de perceber o idoso, buscando ofertar-lhe atividades significativas que possam trazer sentido para sua vida.

TABELA 18
Manifestações finais dos residentes à entrevista

CATEGORIA	f	UNIDADES TEMÁTICAS	M	F
Recomendações ILPI	02	Melhor administração	--	01
		Refletir sobre infantilização das práticas	--	01
Recomendações colegas	08	Deveriam participar mais	01	07
Conselho moral	07	Diminuir ansiedade e aproveitar momentos	01	--
		Valorizar família e amigos	--	01
		Amar as coisas de Deus	--	01
		Votos de fé	01	--
		Votos de paz, saúde e harmonia	01	01
		Tratar os idosos com carinho	01	--
Dicas para colegas	09	Conversar	--	01
		Dançar	--	02
		Ler	--	01
		Se divertir	--	02
		Aproveitar as oportunidades	01	01
		Colaborar com a administração da casa	--	02
Satisfação/ gratidão	11	Estão satisfeitos com a ILPI	03	08
		Agradecem a residência	--	03
Não	03	Não tem mensagens	01	01
		Não quis dizer nada	--	01
Não entendeu a pergunta	03	-	01	02
Comentários diversos	10	Nunca pensou que iria precisar residir em ILPI	01	01
		Falta integração entre família e governo	01	--
		Idosos são desanimados	--	01
		As pessoas da ILPI são minha família	--	01
		Tenho receio de a ILPI acabar	--	01
		Sente saudades da família (pai e mãe)	--	02
		Não liga mais para diversões	01	--
		Nunca experimentou tempo de diversão	--	01
Não foi perguntado	06	-	01	05

Nota. M = Masculino; F = Feminino.

3.6 Resultados das entrevistas com os coordenadores das ILPIs

Dos 15 coordenadores entrevistados, 13 são do sexo feminino (86,7%), e 02 do sexo masculino (13,3%). Quanto ao grau de instrução, 10 coordenadores possuem curso superior, 03 ensino médio completo e 02 ensino fundamental completo. Predominam assistentes sociais, seguidos por uma distribuição equilibrada de profissões da área da saúde, das ciências humanas e das ciências sociais aplicadas. A representatividade de assistentes sociais em ILPIs é referida por Lafin (2004), que destaca a contribuição no que diz respeito às melhorias

ocorridas nas ILPIs brasileiras ao longo do tempo, especialmente nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A entrevista com os coordenadores de ILPIs objetivou conhecer quais práticas de lazer são propostas aos residentes, a fim de compará-las com as respostas dos idosos entrevistados. Mediante as informações dos coordenadores foi possível também analisar os espaços de lazer nas ILPIs, bem como as práticas de lazer ofertadas com parcerias, voluntariados e estágios de ensino superior.

As TAB. 19, 20, 21 e 22 mostram as práticas de lazer ofertadas na ILPI de acordo com as informações fornecidas pelos coordenadores. Há indicação da especificação da prática, origem (quem oferece), frequência, local (dentro ou fora da ILPI) e a quantidade de ILPIs.

TABELA 19

Práticas corporais, manuais e religiosas ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores

PRÁTICA DE LAZER	ESPECIFICAÇÃO	ORIGEM	FREQUÊNCIA	LOCAL	TOTAL ILPIS
Práticas Corporais	Vida Ativa	PBH	Semanal	ILPI	14
	Baile	Anjos da Dança	Mensal	ILPI	04
	Dança Sênior	EJA	Semanal	ILPI	01
		PBH	Semanal	Fora ILPI	01
	Dança em geral (forró, seresta)	Voluntariado	Semanal	ILPI	01
		Instituição	Mensal	ILPI	02
	Caminhada	Instituição	Diário	ILPI	01
			Semanal	ILPI	02
			Semanal	Fora ILPI	02
	Ginástica/UBS*	PBH/UBS	Semanal	Fora ILPI	02
Trabalhos Manuais		Instituição	Semanal	ILPI	04
		Voluntariado			05
Práticas religiosas	Missa	Voluntariado	Mensal	ILPI	04
			Semanal		01
	Cultos variados		Semanal		02
			Quinzenal		01
	Rezar o terço	Instituição	Diário		01
		Voluntariado	Semanal		02
	Grupo de oração	Instituição	Diário		01

Nota. UBS = Unidade Básica de Saúde (“posto de saúde”).

A TAB. 19 mostra as práticas corporais, manuais e religiosas ofertadas na ILPI de acordo com informações dos coordenadores. São três grupos de categorias cujas atividades são mais frequentes e mais conhecidas pelos residentes. Nas práticas corporais, embora o

Programa Vida Ativa da PBH tenha sido mencionado por 14 coordenadores, tem-se conhecimento de que o programa ocorre em todas as 15 ILPIs envolvidas nesta pesquisa.

A categoria trabalhos manuais inclui as seguintes unidades temáticas: Origami, caixinhas, tricô, crochê, colagens, dobraduras de papel, artesanato, pintura, cerâmica, e manuseio com argila. Nas duas sub-categorias de Dança e Vida Ativa tais práticas procuram envolver idosos dependentes e independentes. As sub-categorias caminhada e ginástica ocorrem em menor quantidade de ILPIs e envolvem apenas idosos independentes. Nas três categorias mostradas na TAB. percebe-se uma distribuição equilibrada na oferta das práticas entre o voluntariado, instituição e parcerias.

Na TAB. 20 estão descritas as subcategorias que envolvem a categoria Práticas Sociais. Observa-se que a maior parte das ILPIs recebe o apoio do voluntariado para o desenvolvimento das mesmas, especialmente nas sub-categorias Passeios e Bingo. Percebe-se que, à medida que aumenta a diversificação de atividades na subcategoria Integração Social, diminui a frequência em que ocorrem as mesmas, bem como a quantidade de ILPIs que oferecem a prática. As Práticas de Convívio Comunitário se comparadas às demais da Categoria são as que acontecem com maior regularidade (semanal) fora da ILPI.

TABELA 20

Práticas sociais ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores

(continua)

CATEGORIA		ESPECIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES	QUEM OFERECE	FREQUÊNCIA	LOCAL	TOTAL DE ILPIS
Práticas Sociais	Passeios	Passeios externos (parques, reservas ecológicas, zoológico, shopping, circo, museus)	Instituição	Bimestral	Fora ILPI	02
				Anual	Fora ILPI	02
			Voluntariado	Mensal	Fora ILPI	01
				Variável		04
				Esporádico		04
	Bingo	Bingo	Voluntariado	Mensal	Dentro ILPI	07
			Voluntariado	Anual	Fora ILPI	01
			Voluntariado	Esporádico	Dentro ILPI	01
			Voluntariado Instituição	Semanal	Dentro ILPI	01

TABELA 20
Práticas sociais ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores

CATEGORIA		ESPECIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES	QUEM OFERECE	FREQUÊNCIA	LOCAL	TOTAL DE ILPIS
	Integração Social	Visitar familiar/ amigo	Instituição /família	Semanal	Fora ILPI	02
		Receber visitas de grupos de jovens	Voluntariado	Mensal	Dentro ILPI	01
		Gincana	Voluntariado	Esporádico	Dentro ILPI	01
		Rádio recordação	Instituição	Semanal	Dentro ILPI	01
		Recreação	Voluntariado	Semanal	Dentro da ILPI	01
		Conversar/ bater papo	Instituição	Diário	Dentro ILPI	01
		Dinâmica integração grupos	Instituição	Mensal	Dentro ILPI	02
		Participação Fórum do Idoso	Prefeitura /Instituição	Mensal	Fora ILPI	01
		Contação estórias	Voluntariado	Mensal	Dentro ILPI	02
	Práticas de Convívio Comunitário	Visitar outra ILPI e creche	Instituição	Anual	Fora ILPI	01
		Participação em Centros de Convivência	Prefeitura BH	Semanal	Fora ILPI	03
		Participação Centros de Convivência	ONGs	Semanal	Fora ILPI	03

A TAB. 21 descreve as Comemorações que os coordenadores de ILPIs julgam importantes para incentivar a integração comunitária, envolvendo datas festivas populares como Natal, Dia das Mães, Festas Juninas e em sua maioria contam com o apoio do voluntariado. A comemoração que mais conta com o apoio do voluntariado refere-se ao Natal, seguida das festas juninas e comemorações de aniversários, ofertadas em 7 ILPIs. Observa-se que são práticas que em sua maioria necessitam do apoio do voluntariado para a realização das mesmas.

TABELA 21

Práticas referentes a comemorações ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores

CATEGORIA		ESPECIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES	QUEM OFERECE	FREQUÊNCIA	LOCAL	TOTAL ILPIS
Comemorações	Natal	Comemorações de Natal	Voluntariado / Instituição	Anual	Dentro ILPI	09
	Aniversários	Aniversariantes do mês	Voluntariado	Mensal	Dentro ILPI	01
			Instituição	Mensal		07
	Festa junina		Voluntariado	Anual	Dentro ILPI	07
			Instituição		Fora ILPI	01
	Outras datas	Dias das Mães	Instituição/ Voluntariado	Anual	Dentro ILPI	02
		Dia da Vovó	Voluntariado	Anual	Dentro ILPI	01
		Dia do Idoso	Voluntariado	Anual	Dentro ILPI	01
		Semana do Idoso	Prefeitura BH	Anual	Fora ILPI	01
		Dia do voluntariado	Instituição	Anual	Dentro ILPI	01
		Festa de São Francisco	Instituição/ Voluntariado	Anual	Fora ILPI	01
		Festa da Primavera	Instituição/ Voluntariado	Anual	Dentro ILPI	01

As categorias mais específicas como Aprendizagem, Práticas Estéticas e Outras, destacadas na TAB. 22, mostra que a oferta destas práticas tem uma distribuição mais equilibrada entre ILPI e voluntariado. Porém quanto mais específicas as práticas do voluntariado, como no caso da Categoria Oficinas e Outras (Terapia Assistida com animais), menor a quantidade de ILPIs que recebem estes serviços.

TABELA 22.

Práticas de aprendizagem, estéticas e outras práticas ofertadas nas ILPIs segundo os coordenadores

Categoria		Especificação das Atividades	Quem oferece	Frequência	Local	Total ILPIs
Aprendizagem	Oficinas	Coral	Instituição/ Voluntariado	Semanal	Dentro ILPI	03
		Teatro	Voluntariado	Semanal	Dentro ILPI	01
			EJA/ Pref. BH	Semanal		01
		Desenho	Voluntariado	Semanal	Dentro ILPI	01
			Instituição	Esporádico		01
		Jardinagem	Instituição	Mensal	Dentro ILPI	01
		Culinária	Instituição	Mensal	Dentro ILPI	01
	EJA	EJA	Prefeitura BH/ EJA	Semanal	Dentro ILPI	04
					Fora ILPI	02
Práticas estéticas	Música	Apresentações de musicistas	Voluntariado	Semanal	Dentro ILPI	04
				Mensal		01
				Esporádico		03
	Filme	Cine-pipoca	Voluntariado	Mensal	Dentro ILPI	01
		Filme/ cinema em casa	Instituição	Esporádico	Dentro ILPI	03
Outras		Bazar	Voluntariado /Instituição	Semestral	Dentro ILPI	01
				Bimestral		02
		Almoço de confraternização	Voluntariado (empresa)	Anual	Fora	01
			Voluntariado (Trib. Justiça)		Dentro	01
		Churrasco	Voluntariado	Semestral	Dentro ILPI	02
		Terapia assistida com cães	Voluntariado	Semanal	Dentro ILPI	01
		Ginástica Participativa	Instituição	Semanal	Dentro ILPI	01
		Jogo da Memória	Instituição	Mensal	Dentro ILPI	01
		Cuidar do jardim	Instituição	Diário	Dentro ILPI	01

Quanto à pergunta 3, sobre os espaços disponíveis para o lazer nas ILPIs, das 15 instituições pesquisadas, 80% possuem pátio, 66,6% contam com refeitório, 33,3% têm sala de convivência/ estar/ visita; 26,6% dispõem de jardim, salão de festas, sala de atendimentos para Fisioterapia e Terapia ocupacional, cada; 20% possuem sala de TV/ som/ DVD e aula EJA, cada; 13,3% possuem praça e 6,6% contam com horta, varanda, sala de leitura, capela, quiosque, área de lazer pequena, e espaço externo para caminhada, cada. Observa-se que no conjunto de ILPIs pesquisadas há pouca variabilidade dos espaços de lazer, especialmente nos espaços externos, o que confirma o que Tomasini; Fedrizzi (2003) encontraram em seu

trabalho. Deve-se levar em conta que espaço físico e equipamentos e materiais para o lazer são determinantes para melhorar a qualidade de vida e evitar o isolamento social (CREUTZBERG, 2005).

Quanto à oferta de atividades de lazer, os coordenadores informaram que as mesmas são oferecidas em sua maioria pelo voluntariado, e em menor escala por convênio e parcerias. Através da análise dos dados, constatou-se que os serviços voluntários não ocorrem de forma igualitária nas ILPIs envolvidas no estudo.

4 DISCUSSÃO

A presente dissertação amparou-se em dois objetivos principais: 1) Descrever a trajetória das experiências de lazer de idosos e idosas independentes e residentes em ILPIs filantrópicas conveniadas de Belo Horizonte com atenção a momentos diferentes da vida: pré-aposentadoria, transição para a aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI, ILPI, e perspectivas futuras; e 2) Descrever as práticas de lazer ofertadas pelas ILPIs, comparando-as com os interesses atuais dos residentes.

A descrição das experiências de lazer amparou-se na análise do conteúdo de respostas a uma entrevista semi-estruturada com residentes e com coordenadores. A análise gerou unidades temáticas que foram agrupadas em categorias.

Procurando seguir uma abordagem equilibrada entre qualidades e quantidades, foram discutidas as categorias: a) com maior quantidade de unidades temáticas (que, portanto, representam pontos em comum entre os residentes das ILPIs abordadas) (atenção às quantidades); e b) categorias com poucas respostas ou mesmo unidades temáticas significativas porque representam experiências relatadas na literatura científica ou observadas na prática profissional (atenção às qualidades). Com este segundo tipo de discussão buscou-se valorizar as experiências únicas e individuais que, mesmo não se repetindo ao longo da amostra, podem contribuir para a reflexão sobre políticas para o lazer em ILPIs.

A discussão dos resultados obtidos a partir das entrevistas com os idosos inicia com a concepção destes residentes sobre o que é tempo livre. A seguir, são discutidos os resultados encontrados para experiências de lazer no tempo livre pré-aposentadoria, experiências de lazer no tempo livre no momento da aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI, experiências de lazer no tempo livre atual na ILPI, e intenções futuras para a prática de lazer no tempo livre na ILPI. Em seguida, dois tópicos abordados na entrevista com os residentes são discutidos: a participação dos residentes nas práticas de lazer e suas sugestões para a ILPI. São traçadas conclusões sobre o lazer do residente de ILPI.

Já a discussão dos resultados obtidos a partir das entrevistas com os coordenadores inicia com a percepção do coordenador sobre as práticas de lazer ofertadas pela instituição, e sobre a participação do residente nestas práticas. Em seguida, são debatidos os tópicos da inclusão, das parcerias e voluntariado, do espaço físico da ILPI e sua acessibilidade, e das práticas de lazer realizadas fora do espaço físico da ILPI. Por fim, depoimentos espontâneos dos coordenadores ao final da entrevista são discutidos, seguidos das conclusões.

Comparações entre a percepção do coordenador, do residente e da pesquisadora sobre os tópicos analisados perpassam a discussão.

Após a discussão dos resultados, e com base na pesquisa desenvolvida, serão realizadas considerações voltadas para o profissional que busca proporcionar experiências de lazer para a população idosa institucionalizada. Considerações finais encerram esta dissertação, abrangendo as limitações da pesquisa e ideias para futuros estudos científicos no tema.

4.1. A concepção de tempo livre do residente de ILPI

Na velhice o tempo livre adquire outras funções pelo próprio estabelecimento de outras prioridades na vida. Em consequência da aposentadoria e de mudanças nos padrões familiares, as situações do cotidiano também sofrem alterações. Pode-se dizer que idosos institucionalizados passam pelo ponto máximo em relação à transição do tempo livre. Primeiramente lidam com o tempo livre durante a aposentadoria, e posteriormente passam pela separação da vida familiar, tendo que se adaptar a outros padrões de vida cotidiana. No caso específico das ILPIs, pela sua própria característica, geralmente os ritmos são marcados pelas refeições, pelos cuidados com a saúde e os cuidados pessoais. Nessa dinâmica, o que está em questão é o grau de autonomia e escolha das atividades que são ofertadas após cumprir estes tempos ritmados.

Como apresentado na TAB. 6 do Capítulo 3, a primeira questão da entrevista procurou compreender a concepção dos idosos sobre o tempo livre. Esta pergunta possibilita perceber aspectos associados ao estilo de vida dos diferentes entrevistados baseados nas suas experiências (MCPHERSON, 2000). Os termos liberdade e obrigação estão presentes no conteúdo de diferentes categorias. De acordo com Waichman (1997, 2002) estes termos podem ser compreendidos como formas de condicionamento. A obrigação pode estar associada a um caráter exterior da conduta como, por exemplo, o trabalho, as obrigações domésticas; enquanto a livre escolha e a reflexão se referem a um condicionamento de nós mesmos, podendo basear-se no desejo pessoal.

É interessante observar que as categorias de respostas sobre o conceito de tempo livre se assemelham quando caracterizadas por “libertar-se do tempo obrigado”. Além disso, revelam como as vivências ao longo da vida (trabalho, vida conjugal, experiências domésticas e sociais) integram-se em diferentes perspectivas com o lazer na vida destes entrevistados.

A **livre escolha** envolveu o entendimento de ser independente e autônomo para escolher atividades que atendam os próprios interesses em um dado momento. Como afirma Debert (1999), o mundo contemporâneo é assim compreendido como um novo espaço onde os sujeitos podem criar novas regras e estilos de vida para alcançar sua subjetividade. Apenas 02 entrevistados relataram o pouco aproveitamento do tempo livre e o impedimento a uma maior socialização em função de pressões familiares.

Ociosidade/ descanso abrangeu valorizações positivas e negativas em relação ao tempo livre. Pensando no tempo livre como descanso, “seu aspecto positivo está no caráter liberador, numa conduta de direito a não fazer nada e poder desfrutar do momento” (WAICHMAN, 1997, 2002, p.104). No entanto, para idosos afastados do trabalho e fora da “lógica do sistema”, o tempo livre é um tempo vazio (MAGNANI, 2009).

A categoria **sem preocupação nem obrigação** remeteu a uma sensação de liberdade pela possibilidade de ser dono do próprio tempo, livre das obrigações de casa e do cumprimento de horários. Mais mulheres, do que homens, forneceram respostas deste tipo, movidas por um sentimento de liberdade, uma vez que foram pessoas educadas para sempre estarem ocupadas. Na atualidade, algumas entrevistadas tem a clareza de que precisam reeducar seu tempo, como na fala de E53:

Me lembro que o meu tempo era tempo de novela com rádio, antes da televisão. A minha mãe nunca permitiu que a gente ouvisse rádio de braço cruzado, sempre fazendo um bordadozinho, um tricô, um crochê, e eu me habituei tanto, que às vezes eu preciso me dominar para não ficar presa ao tricô, ao bordado, ao ponto cruz, porque eu não sei ficar de braços cruzados.

Na categoria **ação** o tempo livre representa uma oportunidade para fazer algo significativo e que promova desenvolvimento pessoal, na busca por um sentimento de utilidade e de valor. Ferrari (2007) concorda com Bruhns (2000) ao compreender este fazer como atitude saudável e necessária à vida humana, pois favorece o crescimento afetivo, social e intelectual, como por exemplo, a participação em trabalhos voluntários e ideais de altruísmo de ajudar uns aos outros.

Relacionamentos interpessoais abordou respostas simplificadas sobre a vida anterior ao período institucional. Por outro lado, sugere a possibilidade de visitar amigos e estabelecer contatos com outras pessoas.

Interessante destacar que a categoria **reflexão** uniu respostas como a do entrevistado E42, para quem o tempo para refletir não significa a privação de companhia, mas a possibilidade de conectar-se consigo mesma. Rhoden (2008) cita que a introspecção e a

intimidade consigo mesmo contribuem para o desenvolvimento pessoal pela possibilidade de liberar-se dos automatismos e hábitos mentais. Gomes (2011) também reconhece a importância destas experiências reflexivas, mas ressalta que muitas dessas possibilidades são vistas com preconceito por afrontar a lógica produtivista.

Em relação ao gênero, pode-se inferir que as respostas femininas estão relacionadas à vontade de escolher livremente a melhor forma de utilizar o tempo livre, citando ações ou exemplos de atividades que possam ser significativas de acordo com suas experiências de vida. Já o grupo masculino apresentou respostas mais relacionadas a descanso, liberação do trabalho ou momento para diversões, e suas atividades experimentadas no tempo livre provavelmente estavam ligadas a ambientes fora da rotina do lar.

Todas as categorias apontadas neste estudo indicam o lazer como uma possibilidade de ocupar o tempo livre, pois convergem para as duas grandes linhas (tempo e atitude) citadas por Marcellino (1996, 2000). Dessa forma, nas categorias **ação** e **reflexão**, pode-se encontrar atitudes com ênfase na satisfação provocada pelas atividades; nas categorias **livre escolha**, **livre do trabalho** e **sem preocupação** há a relação com o tempo, que pode ser aquele liberado do trabalho e/ ou das obrigações (conjugais, domésticas).

4.2 A trajetória das experiências de lazer do residente de ILPI

O trabalho também pode ser visto como algo bom para o ser humano porque proporciona desenvolver habilidades, experiências, e satisfação de necessidades materiais e afetivas (D'ALENCAR; CAMPOS, 2006). Na velhice, o trabalho, além de ser considerado um ponto central na construção da identidade, confere uma sensação de “estar integrado na sociedade” (DOLL, 2007, p.11). A título de exemplo, as lembranças de trabalho na infância para auxiliar a família foi uma constante na fala dos entrevistados: “Tudo pra mim na minha vida, eu gostava era de trabalhar, e com garra e dedicação” (E77); “Eu candeiei boi pro meu pai. Então eu ajudava em tudo” (E44).

Vinculado ao contexto do trabalho, a aposentadoria vem sendo bastante discutida atualmente no Brasil em virtude do crescimento da população idosa. O termo aposentadoria está associado, ao mesmo tempo, a conotações negativas, como inatividade e perda de papéis sociais (SOARES *et al.*, 2007), e a um evento normal e típico da vida adulta (NERI, 2002). O impacto desse processo na vida das pessoas vem sendo estudado amplamente. Nesse contexto, parece importante analisar como diferentes momentos que circundam a aposentadoria afetam o tempo livre e as experiências de lazer do indivíduo: o tempo que antecede a aposentadoria, o

momento da aposentadoria e o período após a aposentadoria (TAVARES; NERI; CUPERTINO, 2004). Já no que diz respeito ao indivíduo residente em ILPI, também é importante analisar a conjunção do tempo pós-aposentadoria com o tempo vivido na instituição, bem como as intenções futuras para vivenciar o lazer neste espaço residencial coletivo.

4.2.1 Experiências de lazer no tempo livre pré-aposentadoria

Moragas (1997, p.152) define a pré-aposentadoria como o momento em que os “trabalhadores começam a pensar na possibilidade de aposentar”. Este autor sugere que, além do planejamento econômico, deve haver também um planejamento de atividades, interesses e ocupações que permitam uma organização harmoniosa da vida.

Na atualidade há uma maior preocupação em oferecer programas de preparação para a aposentadoria – importantes para a organização do cotidiano dos futuros aposentados. Estes programas procuram promover inserção social, novas formas de aprendizado e meios de ressignificação da vida (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010). Além disso, os programas de preparação para a aposentadoria favorecem o compartilhamento de vivências, criação de novos vínculos, ajudando a superar os mitos da aposentadoria e ruptura com o mundo do trabalho (SOARES *et al.*, 2007).

Contudo, esses programas de preparação para a aposentadoria não parecem ser o tipo de oportunidade que os idosos residentes em ILPI vivenciaram na época da aposentadoria. Ademais, mesmo que fossem oferecidos, esses programas poderiam parecer deslocados da trajetória de trabalho, e de tempo livre e lazer, destes idosos.

Procurando compreender de forma mais detalhada a participação atual dos residentes em ILPIs filantrópicas conveniadas de Belo Horizonte em práticas de lazer, buscou-se primeiro compreender o passado destas práticas no período que antecedeu a aposentadoria destas pessoas. Para fundamentar as reflexões geradas com a descrição feita a literatura científica foi retomada a partir do capítulo 1 e novas leituras foram incorporadas.

A maioria dos entrevistados tinha um perfil de mão-de-obra não-especializada (serviços), o que pode indicar menor condição socioeconômica, fato também observado por Herédia; Cortelletti; Casara (2004) em idosos institucionalizado do Sul do Brasil. Para Marcellino (2008) o fator econômico é um componente que interfere nas práticas de lazer, pois estas poderão ser menos aproveitadas em função da disponibilidade do tempo e oportunidades educacionais.

Com base nas profissões dos entrevistados, percebe-se que a maioria disponibilizava de poucos recursos financeiros, além de vivenciarem períodos de maior dificuldade econômica. Provavelmente seria uma das justificativas pelas quais estes idosos se envolviam em atividades mais simples, que não envolviam grandes gastos.

Os idosos entrevistados nasceram entre 1910 e 1940 e pertenceram a uma geração para a qual o lazer na velhice não era prioridade, especialmente pela centralidade do trabalho na vida humana. A valorização do trabalho atribuída pelo ser humano faz com que o trabalho se constitua como principal fonte de significados na vida das pessoas, principalmente pelo senso de utilidade. No entanto, ao mesmo tempo em que é necessário à sobrevivência e pode provocar sofrimento, o trabalho oferece desenvolvimento pessoal e elevação da autoestima (SOARES *et al.*, 2007).

Por outro lado, o envelhecimento populacional brasileiro iniciou-se a partir de 1960 em regiões mais desenvolvidas, e as políticas públicas voltadas para o atendimento da população idosa somente foram intensificadas a partir da década de 90 (CHAIMOWICZ, 1997). Os resultados (TAB. 9) mostram um considerável número de entrevistados que não pensaram em relação ao tempo livre enquanto promoção de qualidade de vida.

Muitos residentes se aposentaram por problemas de saúde, um dos motivos de aposentadoria precoce e de institucionalização, o que acompanha a realidade de idosos institucionalizados relatada por Davim *et al.* (2004). Estes motivos de saúde podem ser considerados um dos impedimentos concretos que dificultam a participação dos idosos em práticas de lazer (DOLL, 2007). As pessoas que se aposentaram em tempo normal não permaneceram no mercado de trabalho. No entanto alguns idosos ainda necessitaram continuar no mercado de trabalho para complementação de renda e manutenção da moradia. Esta realidade do idoso brasileiro foi constatada na primeira parte do estudo por (CALEGARI, 1997; MELO, 2003; RODRIGUES, 2002). No estudo em questão o perfil do grupo pesquisado constituiu-se na sua maioria por idosos com recursos insuficientes e falta de autonomia, o que pode sugerir que o tempo disponível nem sempre pôde ser ocupado com atividades de lazer.

Como ocupação do tempo antes de aposentar-se, 13 respondentes, a maioria mulheres, situou-se no **espaço doméstico** (cuidar de casa e realizar tarefas). Este resultado vai ao encontro de Bassit (2002), que destaca que a maior ocupação feminina no espaço doméstico é atribuída a uma herança cultural na qual as mulheres dedicavam-se aos trabalhos manuais e os homens à produção. Aliado a isso, esta lógica produtivista, que valoriza(va) apenas o tempo do trabalho (PINTO, 2008), invadia o espaço doméstico, como se vê na fala de E53: “Me

lembro que o meu tempo era tempo de novela no rádio, antes da televisão. A minha mãe nunca permitiu que a gente ouvisse rádio de braço cruzado, sempre fazendo um bordadozinho, um tricô, um crochê...”. Isso possivelmente também explique a dificuldade demonstrada por muitos entrevistados em perceber sua participação em práticas de lazer. Rezende (2008) relata esta dificuldade de os idosos se engajarem em práticas de lazer em função tanto da ausência de direito ao lazer como da desvalorização de seus interesses no passado de suas vidas. O direito de organizar o próprio tempo, levando em conta a liberdade de escolher aquilo que se gosta, é necessário para elaborar um novo estilo de vida (OLIVEIRA, 1996).

Citadas por 15 idosos, as **práticas religiosas** foram referidas como participação em obras sociais (trabalho voluntário) e/ ou preservação de tradições e costumes. Exemplificam esta última unidade temática os seguintes trechos de entrevistas: “E no domingo era ir à missa primeiro, o principal” (E66); “Eu ia à missa dia de domingo, vinha para casa, cuidava da minha obrigação” (E23). Uma idosa mencionou o convite a amigas para rezar o terço em sua casa (E65). Goldstein; Neri (2007) entendem que o envolvimento interpessoal aliado à espiritualidade é um importante recurso para a adaptação às limitações advindas com o envelhecimento. De modo mais amplo, além do benefício de estimular contato social, manter-se engajado em atividades pode funcionar como mecanismo que melhora as condições de saúde e qualidade de vida (SOUZA; LAUTERT, 2008).

As categorias **viagens** e **visitas** ficaram restritas ao público feminino. Sete respondentes informaram que participavam de viagens na companhia de familiares, ou durante as férias de trabalho. As visitas foram citadas por sete entrevistadas e envolviam amigos e familiares. Estes dados estão em consonância com França (1988, 1989).

No que se refere a **práticas culturais**, o cinema foi uma prática lembrada como prazerosa, geralmente envolvendo a companhia de um amigo(a); em menor escala, familiares. De acordo com Melo (2005), o cinema foi uma das manifestações culturais mais importantes das primeiras décadas do séc. XX no Brasil – época em que os entrevistados da presente pesquisa eram adolescentes ou jovens adultos. Enquanto prática de lazer foi amplamente estimulada a partir da década de 60 por possibilitar a participação de todas as classes sociais (REQUIXA, 1977).

Já o **teatro** foi uma prática de lazer pouco citada. Dois motivos podem explicar a reduzida participação dos idosos nesta manifestação cultural: por se tratar de prática de lazer cujo acesso era mais facilitado à fatia mais abastada da sociedade (REQUIXA, 1977); e/ ou por sofrer intervenções durante o período da ditadura militar (CORÔA; SANTOS, 2009).

Estudos mais recentes, no entanto, apontam que na atualidade ainda há pouca participação de idosos em atividades sócio-culturais (ALMEIDA *et al.*, 2005).

A menção da **leitura** como prática de lazer pareceu atrelada à escolaridade do entrevistado e a seu interesse pessoal: “Minha diversão principal, desde a minha juventude, era ler. Sempre gostei muito de ler” (E45). Requixa (1977) atribui a pouca participação dos brasileiros na prática de leitura às altas taxas de analfabetismo que apresentava o país nesta época a qual os entrevistados se referem. Como reflexo disso, Doll (2007) aponta que o hábito da leitura em idosos ainda é dependente da escolaridade.

A participação em **práticas de atividade física e desportivas** foi restrita ao público masculino, possivelmente porque a cultura esportiva da década de 70 envolvia basicamente homens jovens de regiões urbanas (REQUIXA, 1977). Dez respondentes citaram jogos de futebol como atividades praticadas no tempo livre e sua preferência pode ser atribuída à cultura esportiva referida. Para o sexo masculino, o futebol, além de ser compreendido como uma prática natural, representava uma oportunidade de se divertir com amigos e pertencer a um grupo: “Então lá eu trabalhei na (nome da empresa retirado), e lá eu arrumei uma turma de gente que gostava de bater bola, e a gente ia bater bola aos sábados e domingos” (E31). Porém, em uma grande capital brasileira era possível que mulheres pudessem assistir partidas de futebol, como mencionou a idosa E76: “No (nome do estádio retirado) eu ia com amigos”.

Neste período anterior à aposentadoria, 04 idosos indicaram fazer uso de **bebida alcoólica** em seu tempo livre, por falta de expectativas na vida, desavenças familiares, e/ ou por perda do trabalho e/ ou de saúde. O entrevistado E7 mencionou nunca reservar um tempo para si mesmo na época em que trabalhava, pois se dedicava inteiramente à profissão: “Pra sarar tem uma série de fatores. Eu não tinha ninguém, eu tomava era golo, bastante golo. Eu durmia mais em função disso”.

As **festas**, citadas por 09 idosos, eram em família ou de cunho social, religioso, cívico ou popular. Apesar de pouco frequentadas pelo grupo pesquisado, as festas reúnem pessoas e integram comunidades, estimulando a solidariedade humana (REQUIXA, 1977). Os **passeios** (10 entrevistados) eram realizados na própria cidade onde residiam ou nas proximidades, na companhia de amigos ou familiares.

O **baile** (08 respondentes) era frequentado tanto pelo público masculino quanto pelo feminino. Enquanto os homens participar desta atividade quase sempre acompanhado de amigos, as mulheres, em razão dos costumes da época, quase sempre dependiam da companhia de um familiar: “Quando eu era moça eu ia nos bailes com minha mãe e minhas irmãs” (E4). Para Borini; Cintra (2002) os bailes, além de fonte de bem-estar, permitem ao

idoso organizar o seu tempo e ressignificar o cotidiano. Nele os idosos podem receber apoio emocional, fazer contatos interpessoais e manter a identidade social. Por esta razão, àqueles para os quais o baile era, no passado, uma experiência de lazer importante, justifica retomá-la na atualidade.

Os resultados para a ocupação do tempo livre dos idosos do presente estudo vão ao encontro de o que Requixa (1977) analisou em sua obra “O Lazer no Brasil” sobre as práticas de lazer na década de 70. Para este autor as manifestações de lazer nos anos 70, concentravam-se mais nas regiões com vida urbana mais moderna, enquanto nas demais regiões prevaleciam práticas culturais mais locais. Requixa (1977) descreve que naquela época o lazer fora do espaço doméstico diminuía à medida que a aposentadoria se aproximava. Isto porque uma das barreiras foi a insuficiência de equipamentos de lazer públicos nas cidades e a carência de políticas públicas que incentivassem a prática do lazer nesse âmbito. Quanto aos bens culturais, o contexto político também influenciava no direito à participação e ao acesso a determinados tipos de lazer. Estudos posteriores, como os de Callegari (1997) e de Marcellino (2004), apesar de indicarem algumas melhorias na acessibilidade ao lazer, ainda ressaltam a necessidade de ações educativas para vivenciar o lazer, levando em conta a busca de práticas significativas para o idoso.

Um estudo realizado na cidade do Rio de Janeiro com pessoas em idade de aposentar demonstrou pequena a expectativa quanto à diversificação de práticas de lazer pós-aposentadoria (FRANÇA, 1988, 1989). No tempo livre, a maioria das pessoas entrevistadas visitavam parentes e amigos, assistiam TV e se dedicavam à leitura. Para a autora, as respostas eram atreladas ao mundo familiar ou refletiam incerteza e acomodação em relação ao futuro.

Os dados apresentados no presente estudo indicaram que, de maneira geral, o período de pré-aposentadoria dos entrevistados apontou pouca variabilidade nas práticas de lazer ao observarmos o conjunto de atividades. Segundo Sarriera *et al.* (2007), as práticas de lazer no tempo livre ocorrem de acordo com as experiências culturais, hábitos e processos sociológicos das pessoas. As novas fundamentações para o campo do lazer a partir da década de 70 (REQUIXA, 1977; GOMES, 2008) se concentraram nas capitais mais industrializadas, como São Paulo. No entanto, políticas públicas que preparassem os cidadãos para a aposentadoria, especialmente aquelas que ainda não eram polos industriais, eram praticamente inexistentes naquela época.

4.2.2 Experiências de lazer no tempo livre no momento da aposentadoria e aposentadoria pré-ILPI

Neri (2002), adotando a perspectiva de P. B. Baltes, classifica a aposentadoria como normativa ou não-normativa. De acordo com esta autora “eventos normativos são aqueles que tendem a acontecer em uma mesma época e com a mesma duração para a maioria dos indivíduos” (NERI, 2006, p. 19). Nesta perspectiva a aposentadoria pode ser considerada como normativa quando ocorrer normalmente pela idade, e não-normativa quando ocorrer por situações que não atinjam o grupo etário ao mesmo tempo. Por exemplo, as aposentadorias antecipadas por motivo de saúde ou situações do contexto social ou ambiental podem ser consideradas como não-normativas. A aposentadoria não-normativa é mais recorrente na velhice, e mais preocupante por exigir maior adaptação e controle pessoal, pois influencia a integridade do autoconceito, da autoestima e da capacidade de enfrentamento a dificuldades na vida. Um dos motivos para o asilamento de alguns dos idosos entrevistados na presente pesquisa coincidiu com a aposentadoria não-normativa (fragilização da saúde, morte do esposo, perda de emprego). Herédia; Cortelletti; Casara (2004) também encontraram estas causas ao estudarem ILPIs no município de Caxias do Sul (RS).

Dos 47 idosos entrevistados, 20 informaram aposentar-se de forma não-normativa: destes 20, apenas 02 relataram terem sentido preocupação com o tempo livre após a aposentadoria; os demais (18) sentiram-se despreparados e desanimados, não sabendo como aproveitariam o tempo livre. Parker (1978) menciona que a aposentadoria traz mais possibilidades de tempo e variabilidade de práticas de lazer para idosos saudáveis e independentes; para idosos dependentes e/ ou que não gozam de boa saúde, a quantidade e a qualidade do lazer ficam comprometidas. Concordando com Parker (1978), um dos problemas denotados nas ILPIs desta pesquisa foi a acessibilidade aos espaços físicos externos à instituição. Três coordenadores de ILPIs que possuem muitos idosos dependentes se referiram à dificuldade na programação de passeios por motivos de transporte e deslocamento.

Dos 14 entrevistados que se aposentaram de forma normativa, 02 compreenderam a aposentadoria como algo positivo, encarando-a de forma natural e possível para uma melhor qualidade de vida. Aproveitavam o tempo buscando atividades para ocupar a mente, como ler, tocar violão, ou estar mais tempo com a família. Estes comportamentos são também descritos em Soares *et al.* (2007), que enfatizam a importância de buscar na aposentadoria novas fontes de satisfação, promotoras de desenvolvimento pessoal e autoestima. No entanto, Bruhns (1997) lembra que distintas situações podem interferir no bom aproveitamento do tempo livre,

como baixos salários, preconceito, desrespeito, abandono e estereótipos (idoso é carente, passivo ou desinteressado da própria vida).

Apenas 01 idosa decidiu aposentar-se por opção, após completar o tempo de serviço. Ela programou novas atividades e experiências, dedicando-se ao voluntariado em outra cidade do Brasil. Moragas (1997) classifica este tipo de aposentadoria como voluntária e cita que uma das motivações para esta escolha é a preparação de novos projetos de vida. Para este autor, este ajuste a novas situações da vida torna as aposentadorias mais exitosas. Segundo Neri (2002), e na perspectiva de P. B. Baltes, este tipo de aposentadoria pode ser classificada como normativa.

Neri (2007) aponta que, tanto em empresas privadas quanto públicas, existem poucas preparações específicas para a aposentadoria no Brasil. Além disso, o nível de participação em práticas de lazer, bem como o processo de adaptação à aposentadoria, podem ser influenciados pelo gênero, classe social e cultura (PARKER, 1978; D'ALENCAR; CAMPOS, 2006).

Referindo-se às práticas de lazer desenvolvidas pelos entrevistados após a aposentadoria, observou-se que o grupo feminino vinculou suas práticas a atividades domésticas específicas, tais como cuidados com familiares (especialmente netos), costuras de mão ou serviços de casa. Naturalmente, após a aposentadoria é maior o número de idosas voltadas para o cuidado com os netos, na comparação com a fase de pré-aposentadoria. O cuidado com os netos, descrito nos depoimentos destas mulheres, fortalecem vínculos familiares (por exemplo, o apoio aos filhos). A Teoria da Seletividade Socioemocional enfatiza o papel destas trocas socioemocionais (CARVALHO; AZEVEDO, 2006; CARSTENSEN, 1992, 1995). As redes de parentesco têm papel relevante na organização do tempo livre dos idosos por estimularem o sentido de utilidade e responsabilidade. Pedrozo; Portella (2005) confirmam estas afirmações ao citarem os valores positivos do convívio com familiares para uma melhor qualidade de vida.

Atividades de **lazer compartilhado** que estimulam a sociabilidade, por exemplo, em grupos de convivência, eram pouco vivenciadas pelas idosas. Apenas 01 entrevistada, residente em uma capital, mencionou participar de um grupo de convivência onde praticava yoga, ginástica e hidroginástica (atividades pagas). Nenhum idoso mencionou participar de grupos de convivência ofertados pelo poder público. Em relação às práticas de lazer doméstico, Camargo (2001) argumenta a respeito dos estereótipos atribuídos a estas práticas de lazer. Para este autor o mais importante é considerar as escalas de atitudes destas práticas:

se as escolhas são voluntárias, realizadas com prazer, ou rotineiras, com tendências a reduzir o nível de sociabilidade.

As atividades voltadas para **práticas culturais diversas**, como cinema, passeios, bailes, bem como **práticas esportivas**, eram mais praticadas pelos entrevistados do sexo masculino. Paschoal (2006) atribui estes padrões a valores culturais da sociedade que atribuíam ao homem idoso valorização pelas conquistas sociais e uma postura ativa diante da aposentadoria.

Na categoria **cuidados com a saúde**, os idosos que lidaram com enfermidades (14) citaram que as práticas de lazer nesta fase entre a aposentadoria e a entrada na ILPI se resumiram em assistir TV. A maior preocupação dos entrevistados era a recuperação da saúde, e alguns se sentiram “pegos de surpresa” pelo adoecimento, como na fala de E33: “Minha aposentadoria me aconteceu, de modo que eu, quando dei conta de mim, eu tava no caminho da aposentadoria por causa de um AVC”. Assim, uma vez que autonomia e independência ficam comprometidas, as peculiaridades dos idosos devem ser tratadas caso a caso para estimular melhor qualidade de vida (MORAGAS, 1997).

Ainda no período que antecede a institucionalização, 03 entrevistados ainda **permaneceram no mercado de trabalho** para complementação de renda e manutenção da residência. Percebendo que gozavam de boa saúde, estes idosos sentiam que poderiam trabalhar mais. D'Alencar; Campos (2006), ao estudar idosos no trabalho informal em Itabuna (BA), encontraram justificativas semelhantes. Carlos *et al.* (1999) pontuam que, além das baixas aposentadorias, os idosos continuam trabalhando pelo desejo de ser útil à sociedade. Assim, permanecer no trabalho é um modo possível de evitar a marginalização social.

As **práticas religiosas** ainda representam um meio de sociabilidade dos entrevistados, porém estão mais voltadas para o apoio em trabalhos voluntários. Goldstein; Neri (2007) denominam estas práticas como institucionais por envolverem a frequência a templos, igrejas e outras atividades religiosas organizadas, com apoio de amigos e envolvimento em atividades. Uma entrevistada que relatou nunca ter tempo de folga mencionou que após a aposentadoria conseguiu realizar o desejo de frequentar festas religiosas e de participar de grupos de orações, uma vez que na sua cultura familiar o tempo livre era reservado apenas para a reza no espaço doméstico ou no trabalho.

Pode-se inferir que, no período que antecede à mudança para a ILPI, as práticas de lazer vivenciadas nos espaços fora do ambiente doméstico eram mais realizadas por idosos do sexo masculino, na comparação com o público feminino. As práticas de lazer compartilhadas

para o sexo feminino eram mais comuns nos espaços religiosos e familiares, enquanto o sexo masculino usufruía mais de passeios, bailes e conversas com amigos.

4.2.3 Experiências de lazer no tempo livre atual na ILPI

A mudança para a ILPI pode romper com várias situações positivas ou negativas na vida do idoso, como solidão, descuidos familiares, liberdade de escolha, descanso, proximidade familiar. Em todo esse processo de mudanças, a aprendizagem de convívio é essencial para o processo adaptativo. A percepção da possibilidade de aproveitamento do tempo livre na ILPI pode também depender das atividades experimentadas nos momentos anteriores ao período de institucionalização. Assim, as avaliações positivas ou negativas, bem como a capacidade de usufruir das atividades oferecidas, também possuem relação com o que foi vivenciado ao longo da vida.

As opiniões dos entrevistados relativas ao tempo livre residindo nas ILPIs foram diversificadas e muitas vezes comparadas com o tempo fora do ambiente institucional. De modo geral, as opiniões emitidas pelo grupo feminino foram mais positivas do que as do grupo masculino, tais como: o tempo é a mesma coisa de antes, sempre há algo a fazer, agora há mais tempo que antes, não há com que se preocupar. A entrevistada E44, apesar de indicar a limitação da visão, relata participar de práticas de ginástica, dança, pequenos jogos e ainda menciona a continuidade de práticas que tinha em casa, como assistir TV e ouvir rádio. Sente-se satisfeita na ILPI porque percebe que tem mais liberdade na instituição do que tinha em sua residência anterior.

Os entrevistados que afirmaram que “sempre há algo a fazer” (E26, E48, E68) participam das práticas de lazer propostas pela ILPI e ainda executam outras por iniciativa própria, que podem ou não ser realizadas em conjunto com outros residentes. Neste caso, os idosos reconhecem que as vivências de lazer também dependem da vontade própria, interna. A aceitação e interação com novas oportunidades ofertadas pela ILPI, bem como o ajustamento às exigências institucionais, são compreendidas por Clos (2010) como um processo adaptativo. Ainda no campo das percepções positivas, a vida institucional trouxe novas oportunidades para alguns residentes, como a participação no EJA.

Há entrevistados que tem a clareza da liberdade condicionada como norma da ILPI. Apesar de reconhecerem que o ambiente institui regras e que estas precisam ser observadas para o bom funcionamento institucional, há outra dinâmica em relação ao meio externo: “Lá fora você está livre e aqui não. Aqui você tem que fazer dentro da norma da casa” (E77). É

claro que, de um lado, temos a severidade das leis quanto às responsabilidades das ILPIs para com os idosos; de outro, as condições de saúde nem sempre são bem assistidas, e criam situações desfavoráveis à independência do idoso. Os coordenadores entrevistados reconhecem o desejo e o “direito de ir e vir” dos idosos, mas julgam necessário o estabelecimento de normas para garantir a segurança e integridade dos moradores.

No entanto, há avaliações negativas feitas pelos idosos entrevistados, como solidão e ausência da família. Tal fato é confirmado pelos coordenadores, que relatam a pouca participação das famílias no acompanhamento dos residentes. As percepções controversas dos idosos de que o tempo é monótono ou com excesso de atividades são percebidas pelos coordenadores como desinteresse e apatia, e revelam a constante dificuldade para mobilizá-los. Duas das ILPIs envolvidas na pesquisa formaram exceção a isso.

O sentido de mal-estar no ambiente institucional foi apresentado por um idoso como um dos fatores que lhe causam desânimo e desinteresse por tudo na residência. Como evidenciado por Clos (2010), aprender a conviver não é tarefa fácil, e os opostos buscar harmonia e isolar-se possuem o mesmo grau de dificuldade. O afastamento familiar, a não aceitação do ambiente institucional e o adoecimento são apontados como elementos que contribuem para o isolamento do idoso.

A distância da ILPI do centro da cidade e os percursos muito acidentados fora do espaço institucional foram citados por 02 idosos como obstáculos para a realização de atividades externas. Para estes entrevistados, a distância entre a ILPI e os demais espaços urbanos inviabilizam o acesso regular a pontos mais centrais da cidade. Caso queiram ir ao centro da cidade, em função das dificuldades de transporte eles precisam optar entre sair ou participar das atividades na ILPI. Há também os que já se sentem cansados com a movimentação da área central.

De forma geral a percepção que o idoso tem acerca do tempo livre na ILPI é dependente do maior ou menor grau de aceitação do ambiente institucional. A ampliação do nível de participação dos idosos em atividades de lazer/ recreação ofertadas na ILPI dependerá de um trabalho interdisciplinar, visando a educabilidade dos idosos para melhoria na qualidade das relações. Oferecer diversas atividades não é condição única para envolver participantes, mas sim o trabalho em equipe que favoreça suporte às interações entre os residentes.

Entende-se que a mencionada educabilidade se aproxima com a educação para o lazer, a qual, no entender de Marcellino (1996, 2000), refere-se à compreensão do significado do lazer e de sua valorização para o alcance da autonomia. Para tanto, este processo

educacional deverá envolver o contato com atividades que atendam diferentes interesses, a fim de permitir às pessoas exercer a livre escolha e serem ativas no processo.

A questão da ocupação do tempo livre permite visualizar que práticas de lazer são ofertadas nas ILPIs de acordo com a percepção dos idosos. As práticas de lazer/ recreação citadas pelos idosos, em seu conjunto, indicam maior número de atividades que as experimentadas pela maioria dos idosos ao longo da vida. Porém, levando-se em conta as atividades de lazer/ recreação ofertadas que promovem qualidade de vida, pode-se observar que nem sempre as atividades são suficientes. Pelo menos 01 idoso de 07 ILPIs informou que a instituição onde residem oferece muitas atividades para os residentes, mas reconhecem que o interesse dos residentes é pequeno. Nenhum idoso informou que a casa nada oferece, e todos os coordenadores das ILPIs envolvidas no estudo informaram que são oferecidas atividades diversificadas.

Dentro do espaço institucional, duas categorias foram mais numerosas: **práticas religiosas** e **relações interpessoais**. Na categoria práticas religiosas, 20 entrevistados usufruem desta atividade. De forma diferente do período pré-institucional, as práticas religiosas na ILPI tem como ponto central a oração e leituras religiosas, em função da diminuição da mobilidade física (GOLDSTEIN; NERI, 2007). Há que se considerar que situações da cultura local e do idoso reforçam esta característica, por exemplo, nos casos em que a administração da residência pertence a alguma ordem religiosa. Por outro lado, é fato que as ILPIs asseguram aos idosos a liberdade de crença, como previsto no Estatuto do Idoso, Capítulo II, Art. 10, § 1º, III.

Na relação entre saúde e religiosidade, há estudos científicos que evidenciam o bem-estar dos indivíduos que participam de práticas religiosas, sendo este um dos componentes utilizados para avaliar o estado de saúde do idoso (DUARTE; LEBRÃO; LAURENTI, 2008). Em termos psicológicos, a religiosidade oferece aos idosos uma base emocional para lidar com os medos e as perdas, motivando-os a encontrar um significado para a vida (ALVES, 2006). Hill *et al.* (2006, citados por RIBEIRO; YASSUDA, 2007) demonstraram o benefício da redução na velocidade das perdas cognitivas em idosos com participação regular em práticas religiosas.

No ambiente institucional a prática religiosa é uma das atividades que mobiliza o maior número de idosos. O trabalho contínuo ofertado por grupos de voluntariados, ligados a congregações religiosas ou grupos de cultos ecumênicos, incentivam a participação de todos os residentes. Na percepção dos idosos, os encontros religiosos e grupos de orações fortalecem os vínculos de amizade, o senso de comunidade e altruísmo, como ilustra a fala de

E45: “Até alguns aqui que estão acamados, eu procuro ajudá-los, sabe. Rezo com eles, eu sou católico e tenho uma fé muito viva com relação à oração. Eu acho que a oração ajuda muito a gente sabe”. Outros idosos, além de reconhecerem os benefícios da oração, sentem-se valorizados por contribuir com pequenas tarefas na manutenção dos espaços de oração e pela oportunidade de encontrar colegas mais próximos para orações especiais. Um dos coordenadores entrevistados (E64), por exemplo, costuma incentivar os grupos de orações, reunindo os interessados. O objetivo, segundo ele, é aumentar a motivação e o convívio entre os residentes. Fora do espaço institucional, os Centros de Convivência gerenciados por ONGs também oferecem práticas religiosas para os idosos durante a semana, conforme informou o coordenador E60; porém, os residentes não se lembraram destes detalhes durante a entrevista.

Na categoria **relações interpessoais** foram incluídos 20 participantes, que admitiram a vontade de se relacionar com outros residentes ou voluntários e de fazer amizades. Por ser gregário, o ser humano tem necessidade de contato um com o outro. É na possibilidade de maior aproximação, intimidade e proximidade que vão se formar os vínculos. Os vínculos se refletem na vida de cada pessoa, porque a qualidade destas relações é que irão contribuir para a sensação de bem-estar, felicidade e capacidade de interação (HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004). A unidade temática que mais contribuiu para a construção da categoria foi “bater papo com outros residentes” (citada por 10 pessoas). No entanto, durante a coleta de dados, não se constatou muita interação entre os idosos. Uma idosa informou que tem seu grupo de pessoas com as quais se identifica, e outro residente constata que a proximidade leva à afeição de alguns em relação a outros.

As oportunidades para se relacionar não são bem percebidas pelos idosos em diversas situações nas ILPIs. De acordo com Moragas (1997), as refeições representam um dos momentos mais oportunos para as relações sociais dentro das ILPIs e, como observou o entrevistado E45, elas são pouco aproveitadas pelos residentes: “Comem de repente, comem com depressa. Não tem lugar nenhum pra ir, sabe. Ficam ansiosos. Alguns fazem até tratamento, mas não funciona muito não” (E45). A oferta de atividades que possam estimular a interação faz-se necessária, mas exige atuação interdisciplinar para ser bem-sucedida. Na experiência profissional, constata-se que muitos idosos institucionalizados apresentam dificuldades com trocas afetivas, apesar de dizer que gostariam de fazer amizades. Os dados apresentados anteriormente (lazer na pré-aposentadoria e na aposentadoria pré-ILPI) demonstram a pouca experiência de lazer compartilhado no período pré-institucional. Por isso esta experiência compartilhada deve ser ofertada aos interessados mediante uma educação para o lazer.

Ainda nas relações interpessoais, é polêmica a integração de idosos dependentes e independentes. Nas ILPIs, os graus de dependência são variados e todos necessitam do convívio social, especialmente aquelas que envolvem práticas de lazer. Porém, o contato entre diferentes graus de dependência pode ser vivenciado e compreendido de forma negativa ou positiva pelos residentes, variando de pessoa para pessoa. Idosos que são mais cooperativos e altruístas podem agir de forma positiva oferecendo ajuda, apoio e acolhimento ao idoso dependente. Idosos mais fragilizados em termos sócio-afetivos podem não conseguir interagir de forma positiva no convívio com idosos dependentes. Assim, o processo de inclusão deve envolver profissional qualificado, pois, como afirma Debert (1999), lidar com a senilidade e invalidez é uma das maiores dificuldades para o idoso institucionalizado.

Atividades relacionadas à **mobilidade física**, como ginástica e caminhada, são também bastante frequentadas pelos idosos. Predominam participantes do sexo feminino devido à maior conscientização quanto a cuidados com a saúde e senso de autocuidado. Para Afonso (2003, p.11) autocuidado “é o desempenho ou a prática de atividades que os indivíduos realizam em seu benefício para manter a vida, a saúde e o bem-estar”. Uma idosa que se diz pouco participativa assim se manifesta frente a esta questão: “Ginástica eu gosto, porque é muito bom pra pessoa de idade, né. Eu reconheço que é” (E66). É interessante observar que no discurso desta idosa os cuidados com a saúde já estão sendo compreendidos de forma mais ampla, ou seja, cuidar da saúde de forma preventiva.

Um fator que contribui para o maior número de participantes nas práticas de lazer é a regularidade de oferta. Herédia; Cortelletti; Casara (2004) perceberam que idosos institucionalizados no município de Caxias do Sul citam somente a caminhada porque é a atividade que o espaço institucional oferece. Okuma; Miranda; Velardi (2007) recomendam que informar os riscos à saúde pela inatividade física é uma maneira de motivar os idosos; porém advertem que, além da informação, é preciso que o idoso possa fazer uso desse conhecimento.

Uma idosa entrevistada menciona a divergência entre sua compreensão da ginástica e a dos profissionais ofertantes: “Olha, elas falam que é tratamento de saúde. Pra mim, eu vejo mais como uma brincadeira” (E26). Abreu (2009) e Plati *et al.* (2006) comprovam os benefícios da atividade física para a melhoria da qualidade do sono e da saúde dos idosos. No entanto, a compreensão da atividade como elemento lúdico não exclui os benefícios para o bem-estar subjetivo dos idosos.

Outras categorias que envolvem mobilidade física, tais como **dança, baile e práticas recreativas**, são dependentes de serviço voluntariado ou da própria ILPI e tem frequência

variável (semanal, mensal), conforme indicaram os coordenadores. Os bailes oferecidos mensalmente por voluntariados despertam a atenção até mesmo de quem pouco participa de práticas recreativas ou de outras formas de lazer na ILPI. No caso do baile ofertado pelo voluntariado, o grupo consiste de profissionais da música e dança que objetivam integrar os residentes. São convidados todos os idosos (cadeirantes ou não) para diferentes formas de participação (cantando, dançando, batendo palmas, olhando). Há casos em que o baile é promovido pela própria ILPI, mas envolve apenas a comunidade institucional. Para Moraes; Salvajolli (2007), os benefícios dos bailes e da música no âmbito interno da ILPI são o estímulo para o relacionamento interpessoal e redução da ansiedade.

Atividades não relacionadas à mobilidade física indicaram interesses variados. A categoria **festas/ comemorações** (13 participantes) representa espaços potenciais para estimular a sociabilidade e vivências de lazer compartilhado. As festas de Natal são descritas como animadas em virtude do grande número de visitas e distribuição de presentes, mas não envolvem os residentes na organização da festa: “Natal é muito animado aqui: tem presente, visita a valer, né. Presente de roupa, de perfume, de tudo” (E39). Os coordenadores E75 e E16 indicaram convidar familiares para uma comemoração especial do Natal, mas afirmam que são poucos os que aparecem na festa. Os idosos não mencionaram a presença de seus familiares no Natal. Alguns estudos descreveram experiências de festa natalina envolvendo os idosos na organização e participação na festa (MORAES; SALVAJOLLI, 2006; GRAEFF, 2005).

O trabalho de campo (coleta de dados) da presente pesquisa coincidiu com a época das comemorações juninas. Dois idosos de ILPIs diferentes comentaram mais detalhadamente sobre o evento na entrevista e sua participação na organização do mesmo, cortando bandeirinhas para enfeitar os espaços da festa na ILPI. Segundo a entrevistada E63, a comunidade externa é convidada a participar e são oferecidas comidas típicas pelo voluntariado.

Assistir TV foi uma prática de lazer bastante citada tanto pelo grupo masculino quanto feminino. Em 06 ILPIs das 15 entrevistadas, os idosos dispõem de TV no próprio quarto, na maioria das vezes oferecida pelos familiares. Nas demais ILPIs a televisão é de uso coletivo. Assim aqueles idosos que possuem seu próprio aparelho tem liberdade de escolher programas que mais os agrada, e na entrevista se mostraram seletivos em relação às programações ofertadas, como também aponta Acosta-Orjuela (2001). Alguns escolhem programas mais suaves, de caráter religioso, enquanto outros preferem programas mais informativos. Idosos cadeirantes com elevado grau de comprometimento informaram que

ocupam a maior parte do tempo assistindo TV. Para Acosta-Orjuela (2001) e Polaro (2001), o contato com ambientes restritos e pouco favoráveis à socialização induz à maior utilização da TV. Além disso, o avanço etário e o tempo de institucionalização influenciam o tempo de permanência em frente à TV até mesmo para idosos mais críticos (ACOSTA-ORJUELA, 2001). Uma idosa afirmou receber no seu quarto outras residentes que não possuem TV, a fim de assistirem novela.

As condições de saúde que envolvem perdas, como da visão, limitam o idoso a usufruir efetivamente da prática de ver TV, como cita E4: “Uma que eu tenho problema sério nos olhos né... O que tem aqui é a televisão, eles põe lá no quarto. Não posso olhar, mas tô escutando”. Além da TV, o uso do rádio foi citado por 07 idosos que disseram já ter este costume antes de residir na ILPI: “Eu sou muito ligada ao rádio, esse aí eu não dispense” (E73). De outro lado, na percepção de Groenwald (2004) o uso excessivo de rádio e TV nas ILPIs não são interessantes por induzir o aumento da ociosidade e isolamento dos idosos.

Leitura e práticas educacionais (escrever, estudar, aulas do EJA) foram mais apontadas pelo sexo masculino que o feminino. Um dos motivos prováveis é a maior escolarização do sexo masculino (HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004). Quanto ao tipo de leitura, os homens indicaram se dedicar mais a jornais, enquanto as mulheres preferem textos religiosos. Para 02 idosos que frequentam EJA, esta prática é uma forma de adquirir conhecimento e ocupar o tempo de forma significativa: “Ah, meu tempo tá sempre ocupado, né, porque eu não paro de estudar... Num paro de ler e escrever de jeito nenhum” (E47). Porém, condições de saúde como os déficits visuais reduzem o número de participantes nas práticas educacionais e na leitura. Há idosos que aguardam por tratamentos ou então faltam recursos para a aquisição de óculos: “Não participo de mais nada. Eu tô com catarata, tem quatro anos que eu to esperando... Agora veio o glaucoma... Essas leituras eu num consigo. Só letra grande no computador” (E44). No entanto, apenas 01 coordenador, e em conversa informal (fora do contexto de entrevista), relatou a demora de saúde dos idosos, mas não as relacionou com menor ou maior participação nas práticas de lazer.

Oliveira; Cruvinel (2007) indicaram que o hábito de leitura contribui para a diminuição dos lapsos de memória e déficits de atenção. Além disso, as leituras prazerosas podem despertar reflexões que estimulem o bem-estar subjetivo, como ilustra a fala de E45: “Um tempo atrás eu li um livro falando que os amigos são os irmãos que a vida nos permite escolher. Então eu tenho muitos amigos que são verdadeiros irmãos para mim”.

Pouquíssimos participantes mencionaram **jogos cognitivos** como prática de lazer na ILPI. Interessantemente os entrevistados que praticam estes jogos já possuíam este hábito

anteriormente e trabalhavam em serviços especializados que exigiam maior escolarização. As práticas mais citadas foram palavras-cruzadas e caça-palavras, adquiridas atualmente em jornais ou com recursos do próprio idoso, como cita E53: “A hora que você me chamou mesmo, eu estava fazendo uma palavra-cruzada, depois de haver terminado, concluído um sudoku... Acabei de fazer um do (jornal) Estado de Minas”. Ressalta-se que estas práticas não foram citadas pelos coordenadores das ILPIs, de forma que não é possível informar se algum serviço de voluntariado oferece este tipo de jogos. Cabe destacar que há estudos científicos bem documentados que se referem à importância da estimulação cognitiva para idosos por meio dos jogos como os citados, a fim de aumentar as reservas cognitivas e manter o bom funcionamento intelectual na velhice (ARGIMON *et al.*, 2004; PALMINI, 2010; RIBEIRO; YASSUDA, 2007).

O jogo de **bingo** foi indicado por 10 participantes idosos, todos mulheres. Supostamente esta prática é mais frequente pela grande quantidade de voluntários e estágios que oferecem este tipo de jogo. Na descrição dos próprios idosos, este jogo sempre é acompanhado de oferta de brindes e presentes, e sua frequência é variável (semanal, mensal). Um entrevistado justificou sua ausência nesta prática por não se identificar com a mesma (E26), enquanto outro idoso observou a pouca paciência dos companheiros para participar: “Mas esta diversão de bingo, essas coisas, eles não tem muita paciência não. Jogam duas, três rodadas e também já tão querendo sair... Eles são muito ansiosos” (E45). Porém, Moraes; Salvajolli (2006) se referem ao bingo como um jogo competitivo simples cuja finalidade é divertir e integrar os idosos, envolvendo os independentes e os mais fragilizados com apoio de cuidadores. Na percepção destas autoras esta modalidade de jogo é bem aceita pelos idosos em uma ILPI não filantrópica no Rio de Janeiro. Outros estudos identificaram a prática do bingo como uma atividade bastante comum nas ILPIs filantrópicas de outras cidades brasileiras como em Campinas (SP) (FREITAS, 2010); Brasília (DF) (FALEIROS; MORANO, 2009); e Rio Grande (RS) (LOPES *et al.* 2007). Na percepção de outro pesquisador (GRAEFF, 2005) o jogo de bingo caracteriza-se pela sua simplicidade e não exige um maior grau de destreza dos participantes.

Mesmo com todas estas resultados de pesquisas, de diferentes cidades localizadas em distintas partes do Brasil, a prática do bingo deveria ser melhor analisada enquanto prática integrativa e de real interesse dos idosos. Isto porque, com base na leitura das pesquisas citadas, não é possível identificar se os idosos realmente se interessam pela prática, ou se participam impulsionados pela distribuição de brindes ou outra motivação. Na presente

pesquisa, os depoimentos dos próprios residentes são claros para justificar a preferência ou não pelo bingo como lazer na ILPI.

O jogo de **damas** foi citado por apenas 01 idoso. Para Campagna; Schwartz (2010) a experiência de jogos de estratégia, como dama e xadrez, são favoráveis aos idosos porque, além de desenvolver estratégias de ação, propiciam a vivência do lúdico. Santos Filho (2004) argumenta que as atividades lúdicas devem fazer parte do conteúdo cultural no qual o indivíduo está inserido, considerando que cada grupo tem sua forma particular de ludicidade. Para este autor a maior parte da literatura compreende a ludicidade apenas como manifestação de jogos, porém em sua análise o lúdico é compreendido como uma experiência ou vivência que, em determinado momento, proporciona a manifestação do prazer, satisfação, alegria, desprazer, levando o indivíduo à capacidade de encontrar alegria e propósito nas atividades escolhidas.

Práticas manuais e artesanais teve participação somente do público feminino (15 pessoas). Em sua maioria são realizadas de forma independente pelo próprio sujeito, por experiência prévia, como costura, “fuxico”, ou confecção de toalhas. De outro lado, 02 ILPIs oferecem estas práticas de modo organizado por profissionais especializados.

A categoria **oficinas** foi citada por 04 idosos de 02 ILPIs, as quais possuem quadro permanente de profissionais especializados ou com acompanhamento de estágios universitários que atuam regularmente. O diferencial das oficinas, como reciclagem, jardinagem, ou pintura de bonecos em jardim, se dá pelo fato de oferecer atividades nas quais o grupo masculino encontra maior identificação e interesse em participar; contudo somente 01 ILPI oferece este tipo de oficina. Práticas recreativas foram relatadas por entrevistados de mais ILPIs na comparação com práticas manuais, artesanais e oficinas; no entanto, estas práticas recreativas são menos frequentadas pelos residentes. *Recreação* foi o termo utilizado pelo coordenador E67 ao se referir às atividades ofertadas pelo voluntariado: “Nas terças-feiras já tem há muito tempo um grupo de senhoras voluntárias que fazem uma hora de recreação com elas, um momento recreativo”. Outras atividades que estão incluídas nesta categoria, como brincadeiras, cine-pipoca ou gincana, sempre são organizadas e dirigidas por um profissional ou voluntário.

Na categoria de **cuidados domésticos** os idosos demonstraram satisfação e espontaneidade na participação das mesmas, pois se sentem motivados a colaborar com alguma coisa na ILPI: “Eu ajudo alguém aí, algum igual já me aconteceu, mas por minha livre e espontânea vontade” (E54); “Aí minha roupa eu continuo lavando... E sem que ninguém mandasse... Ninguém mandou eu ir trabalhar na capela. Mas eu mesmo que quis” (E66); “Eu

lavo a minha roupa, depois que ta tudo sequinha eu tiro do varal, dobro e ponho no guarda-roupa... Arrumo minha cama, que eu acho que é uma coisa boa de fazer, pra mexer com alguma coisa” (E36). Herédia; Cortelletti; Casara (2004) mencionam que, diferente dos idosos que residem em domicílio, os idosos institucionalizados referem-se a estas práticas como opção de ocupar o tempo. Esta é uma situação bastante recorrente naqueles idosos que foram despedidos de seu trabalho, e por não possuírem condições financeiras e/ ou físicas de residir sozinhos não têm outra escolha senão a ILPI. Ao se depararem com a proibição de trabalho nas ILPIs, parecem perder um pouco do controle sobre suas vidas, sentindo-se inúteis: “Peguei a ajudar aqui. Aí falou assim: 'Ocês agora não pode trabalhar mais, ocês aposentou, num pode trabalhar mais'. Tamo aí parada, né” (E5). O estudo do IPARDES (2008) sobre a ocupação de idosos em 229 ILPIs no estado do Paraná demonstrou que a vontade de grande parte dos idosos era ocupar-se com alguma atividade doméstica. Porém, o rigor da legislação em relação à exploração do trabalho do idoso colabora com o aumento no grau de ociosidade dos residentes, impedindo-os de executar atividades que possam ser significativas para suas vidas.

Quanto às **práticas de lazer no ambiente externo à ILPI**, observou-se que os **passeios** ofertados pelas ILPIs são bem aproveitados pelos idosos, porém acontecem com pouca frequência em virtude da precariedade de transporte e falta de pessoal, como mencionado pelos coordenadores. Outra constatação é que, quanto maior o número de idosos dependentes, menor é a frequência de passeios no âmbito externo pelas mesmas dificuldades com recursos. As interações com familiares nos passeios foi mencionada e estão associadas ao interesse entre as partes para vivenciar momentos de lazer. Para Zingoni (2008) a importância do tempo de lazer em casa é a possibilidade de estreitamento das relações sociais. Uma idosa explicou que possui um interessante encontro familiar que lhe proporciona a vivência do lazer, e assim não fica tão dependente das atividades ofertadas pela ILPI, podendo escolher o que mais lhe agrada: “Toda terça à tarde eu tenho o compromisso de encontrar com dois irmãos e suas esposas... Formamos um grupo de seis pra gente jogar baralho, e jogamos de uma às cinco” (E53). Parker (1978), ao estudar lazer e família, relata as possibilidades de descanso que o lar propicia aos seus membros, assim como momentos de sociabilidade e prática de *hobbies* como descrito no exemplo desta entrevistada.

A participação dos idosos em práticas externas às ILPIs que ocorrem em Centros de Convivência e projeto EJA ficou restrita a apenas 04 ILPIs (citadas por 08 participantes). Nestes espaços são ofertadas **práticas educacionais**, como palestras, aulas EJA, informática e

oficinas de confecção de bonecas. Como relatado pelos coordenadores, a vantagem dos Centros de Convivência vinculados à ONG é a oferta de transporte dos idosos.

4.2.4 Intenções futuras para práticas de lazer no tempo livre na ILPI

O intuito desta questão foi verificar se os idosos gostariam de resgatar alguma atividade de lazer vivenciada em outras fases da vida e seus planos futuros para vivenciar o lazer na instituição. Segundo Erbolato (2000), os planos e objetivos que estabelecemos para nós estão muito ligados à autoestima e são estas ações que dão significado à vida. No entanto, Freitas (2010) associa a capacidade de estabelecer metas às condições sociais experimentadas pelos idosos no decorrer da vida.

Ao serem perguntados a respeito de atividades que gostariam de resgatar, os idosos encontraram dificuldades para a resposta. Muitas vezes a atividade citada já não era possível pela limitação física, por exemplo o **futebol** (especificamente o público masculino), ou **práticas domésticas** como cozinhar a própria comida, assar, costurar (especificamente o público feminino). Sete idosos indicaram práticas executadas anteriormente, com **caráter interativo** (visitar amigos, E42; fazer visitas, E4; buscar relacionamento romântico, E50; ter alguém, E54; participar de charangas, jogar tênis de mesa, E33; jogar baralho, E29).

Trinta e três idosos manifestaram intenções futuras para práticas de lazer, mas enfatizaram que seus planos eram a curto prazo, como na fala de E53: “Olha eu não faço plano a longo prazo. Eu não sei o dia de amanhã! A curto prazo eu faço”. Esta atitude é explicada pela Teoria da Seletividade Socioemocional de Carstensen (1992, 1995) na qual os idosos desejam viver o momento presente, por compreender que o futuro é limitado.

A categoria com a maior quantidade de respostas foi composta por idosos que não apresentam intenções futuras (15 pessoas). Doll (2007) acredita que além das barreiras externas que podem dificultar o desejo dos idosos, as barreiras internas tais como o pouco costume dos idosos com a ocupação do tempo livre de maneira proveitosa, e o desconhecimento da importância do lazer na promoção do bem-estar, inibem o desejo e a realização de atividades almejadas pelos idosos.

Passeios, viagens, ir a outros locais da cidade e relacionamentos interpessoais foram as categorias com maior número de respostas. O que estas categorias parecem ter em comum é a vontade de romper com a rotina institucional e a necessidade por contato externo para relacionar-se com outras pessoas. Para Souza; Hutz (2008), a procura por relacionamentos ocorrem em função das necessidades e preocupações das pessoas nos

diferentes estágios da vida. No caso dos idosos, Bulla; Mediondo (2004) compreendem que os relacionamentos interpessoais funcionam como suporte para enfrentar situações novas e estressantes; já os vínculos antigos oferecem aos idosos condições para enfrentar os desafios. O interesse por relacionamentos interpessoais foi mencionado por 08 idosos que desejavam visitar amigos e ter amizades.

Passeios e cinema foram citados igualmente por homens e mulheres, enquanto **viagens, excursões e visita a locais turísticos** foram apontados apenas por idosos. Tais interesses podem ser favorecidos pela vivência do lazer que oportuniza o estímulo de amizades, a recuperação da autoestima e integração social (ISAYAMA; GOMES, 2008). Em uma ILPI filantrópica da cidade de Campinas (SP), passeios a shopping, supermercados e passeios mensais em cidades vizinhas parecerem contribuir para estimular comportamentos mais resilientes nos residentes.

O interesse por **jogos e práticas recreativas** foram mais evidenciados pelo grupo masculino, e a maioria referiu-se a atividades praticadas em outras fases da vida (nadar, jogar tênis de mesa, andar de bicicleta, jogar futebol, andar de roda gigante). É interessante notar que todas são propostas lúdicas e esportivas, talvez mais permitidas ao sexo masculino na juventude. Santos Filho (2004, p.90) ao estudar o lúdico na vida dos idosos compreende esta manifestação como “uma satisfação positiva de realização de coisas impossibilitadas pelo trabalho precoce, pois algumas brincadeiras são vivenciadas pela primeira vez como se estivessem completando alguma ação que se iniciou há muito tempo atrás”. A fala de E78 expressa essa liberdade de vivenciar o lúdico: “Uma roda gigante! Mas isso era coisa quando a gente era criança. Até mais velho, se for. Me põe na roda gigante aí, ó! Sento nela tranquilo, deixo amarrar e, sentado, cruzo as pernas”. No caso feminino, 03 idosos manifestaram a vontade de ter experiências lúdicas como jogar baralho, jogar boliche e pescar.

Práticas manuais, como bordados, trabalhos manuais, crochê, curso de flores e práticas domésticas (assar, cozinhar, cuidar de plantas) foram mencionadas apenas pelo público feminino. São práticas bem conhecidas pelas entrevistadas. No entanto, além da manutenção de papéis sociais, a própria condição do asilamento faz com que o idoso valorize práticas mais passivas, que antes fazia em domicílio (HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004).

Já as **práticas de aprendizagem** foram apontadas por entrevistados cujas experiências anteriores estiveram ligadas à leitura ou atividades que hoje não estão vivenciando. Tais expectativas podem estar relacionadas à necessidade de interação com outras pessoas, outras gerações e convívio com meios de cultura mais exigente (HERÉDIA; CORTELLETTI;

CASARA, 2004). A fala de E7 ilustra esta afirmação: “Eu fazia um determinado trabalho que lia seis jornais por dia. Dessa meia dúzia de jornais, eu to lendo dois aqui que eu nunca tinha visto falar”.

Práticas musicais e dança também foram mais citadas por mulheres e justificadas por experiências bem sucedidas vivenciadas no passado. No caso de participar de apresentações com canto coral, esta prática possui planejamento de apresentações fora da ILPI, conforme informou o coordenado E64. Concordando com Graeff (2005, p.92) a importância do coral está em significar uma “saída temporária dos hábitos cotidianos”.

Treze entrevistados não apontaram intenções futuras por se sentirem satisfeitos, ou por não ter planos ou por não pensarem em futuro. Uma possível hipótese-explicativa para estas respostas é que, aqueles que disseram não ter planos, podem estar vivenciando uma situação de conformismo com o asilamento, gradativamente vão diminuindo a vontade de agir e interagir (HEREDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004). Outros que se dizem satisfeitos e apresentam gratidão (por vezes em excesso) sugerem dois outros comportamentos: apatia, que induz à submissão; e/ ou diminuição do senso crítico, por medo de que dizer o que se quer para lazer no futuro é uma forma de dizer que se está insatisfeito com o lazer atual na ILPI onde mora.

4.3 A percepção do residente sobre sua participação nas práticas de lazer na ILPI

A maioria dos entrevistados indicou participar de pelo menos uma atividade na ILPI. Somente 03 idosos disseram estar impossibilitados de participar por limitações de saúde e ou desinteresse. De acordo com Ferreira (2008, p.611) participar é: “informar, comunicar, ter parcela em um todo”. Pinto (2006, p.47) analisando o termo participação no sentido sócio-político, a define como “um processo de interação face a face que nasce de relações partilhadas com grupos organizados”.

Se as ações são compartilhadas, o ideal é envolver a participação de todos para decidirem juntos todos os processos que poderão constituir o planejamento para práticas de lazer. Neste sentido, observou-se que, comparando as entrevistas de coordenadores e de idosos, a participação efetiva dos idosos quanto ao planejamento de atividades para o lazer/recreação tem acontecido muito lentamente em 02 ILPIs através de atuações de estagiários e equipe multiprofissional. Na situação atual dos residentes de ILPIs, deve-se levar em conta que este exercício de cidadania ainda está em construção, pois os idosos de hoje pertenceram a uma geração que vivenciou um longo período histórico de repressão social, não tiveram

oportunidade de escolher, participar efetivamente de seus direitos sociais, e ainda hoje tem dificuldades em utilizá-los.

Por outro lado, a participação pode ser compreendida não somente sob o ponto de vista da ação de executar a atividade, mas também de observar. Bronfenbrenner (1979, 1996, citado por POLONIA; DESSEN; SILVA, 2005), que procurou compreender de forma ampliada o desenvolvimento humano com atenção às interações, apontou que o contexto permite não só o engajamento nas atividades, mas também a possibilidade de observá-las. Para o autor, as díades de interação interpessoal podem ser de atividade (realização conjunta de alguma atividade), primárias (quando os sentimentos sobre as interações prévias unem os sujeitos), ou observacionais (observação atenta e contínua de o que o outro faz). A fala de 02 entrevistadas sugere a importância das díades observacionais na vivência do lazer nas ILPIs no que diz respeito a como participar: “Olhando, assistindo. Eu participo olhando”(E4); “Eu ando com muita dificuldade, mas assisto” (E63).

Ainda sobre a participação dos idosos nas práticas de lazer oferecidas nas ILPIs, investigou-se também o valor que eles atribuem a ser convidado para participar. Identificou-se que 19 idosos indicaram que o convite é importante por elevar a autoestima (sentem-se lembrados, valorizados). Uma vez que muitos idosos institucionalizados enfrentam problemas de saúde e outros déficits funcionais, deve-se oferecer situações positivas que aumentem a autoestima a fim de aumentar a motivação e interesse dos idosos em estilos e hábitos de vida mais saudáveis (RABELO, 2008). E isso pode ser alcançado mediante simples comportamentos como o convite pessoal para participar de e/ ou assistir a uma determinada prática de lazer. Para Christophe; Camarano (2010), pela própria natureza das ILPIs, faz-se necessário estimular os residentes a partilhar o cotidiano (divertir-se, trabalhar e dormir) em grupo, a fim de estabelecer uma melhor convivência.

Na categoria **outras vantagens**, os idosos também percebem que, ao serem convidados para participar de atividades, este estímulo externo (convite) os incentiva a evitar a inatividade. Para aqueles idosos mais tímidos, o convite é uma oportunidade para novas relações sociais, favorecendo a autonomia. É interessante observar que as unidades temáticas ‘tenho timidez’ e ‘não exclui as pessoas’ revela que a experiência de cada um indica um modo de perceber o convite. Para este grupo, o convite remete à ideia de acolhimento e atenção, podendo evitar o isolamento, além de intermediar o estabelecimento de mecanismos de apoio.

4.4 Sugestões do residente sobre práticas de lazer na ILPI

Esta questão da entrevista fornecia a oportunidade de o participante dar sugestões à instituição com respeito a suas vivências de lazer. Muitas destas manifestações permitem avaliar como os participantes descrevem maneiras de ocupar o tempo livre nas ILPIs. Pensando em termos de qualidade de vida, a análise desta questão se baseará no modelo de Lawton, mediante a interpretação de Neri (1995). Este modelo aborda quatro dimensões conceituais: bem-estar subjetivo, competência comportamental, condições ambientais e qualidade de vida percebida. Baseado neste modelo procura-se compreender se estas dimensões tem sido contempladas nas propostas de lazer para os idosos institucionalizados.

A categoria **conselho moral** incluiu manifestações positivas com base nas experiências adquiridas ao longo da vida, até o momento atual em que residem na ILPI. Quando o entrevistado E45 diz “Diminuir a ansiedade e aproveitar os momentos”, pode-se inferir que o pouco aproveitamento do lazer se dá pela falta de percepção da importância do mesmo para uma melhor qualidade de vida. Outro aspecto é a presença de duas visões antagônicas (aproveitar o momento presente participando da atividade *versus* não participar), dependentes também de aspectos subjetivos de cada idoso e de sua trajetória de vida pessoal. Em conformidade com os relatos dos coordenadores, as práticas de lazer/ recreação são oferecidas nas ILPIs, mas pela análise feita pode-se inferir que o nível de participação depende também de características individuais de cada residente. Em outras categorias, a dimensão do bem-estar subjetivo está presente, como nas “dicas para idosos” e “recomendações para idosos”, mediante as diferentes opiniões emitidas pelos participantes. O bem-estar subjetivo não é uma condição isolada, mas um fator que interage com condições ambientais, competências comportamentais e qualidade de vida percebida. A pouca participação dos idosos em práticas de lazer ofertadas pelas ILPIs está em concordância com Davim *et al.* (2003).

As **dicas para idosos** e **recomendações para idosos** parecem abordar competências comportamentais. São práticas de lazer e atitudes que dependem de características da pessoa, como ler, dançar, divertir-se, aproveitar as oportunidades, e participar mais. Como atividades sociais, as dicas sugerem conversar e colaborar com a administração da casa. Os relacionamentos sociais são componentes muito importantes para a saúde do idoso, uma vez que podem evitar angústia e solidão. Estas categorias estão em conformidade com Argimon; Stein (2005), que indicam que a participação em práticas de lazer diversificadas melhora o desempenho cognitivo.

As **recomendações para a ILPI** estão diretamente associadas às condições ambientais. Apesar de o idoso entrevistado sentir-se bem adaptado na ILPI, sente-se ansioso devido à insegurança em relação à administração da ILPI, como na fala de E2: “Eu tenho receio é disso aqui desmoronar... Porque a administração roga muito, viu! Pra tudo ir em ordem”. Assim, enquanto em uns a preocupação com a administração da ILPI pode gerar desconforto, ansiedade e pouca motivação para participar de atividades de lazer, em outros, que não se adaptam à ILPI, a questão da administração não lhe causa preocupação. Esta categoria está em conformidade com Pelegrin *et al.* (2008), que indicaram a necessidade de equipe especializada para orientação, organização e planejamento conjunto de atenção à saúde e qualidade de vida dos idosos.

Satisfação e gratidão estão relacionados com a qualidade de vida percebida. Trata-se da satisfação dos idosos em relação ao local onde residem, sugerindo bem-estar e segurança, itens importantes para a autoeficácia. A satisfação no ambiente onde vivem na atualidade lhes proporciona tranquilidade por oferecer melhores condições de vida em relação ao ambiente em que anteriormente residiam. A gratidão pode ser manifestada no reconhecimento de serem bem cuidados nos aspectos da saúde, atendimento e segurança. Este resultado está em conformidade com os estudos de Camarano (2007) ao indicar a necessidade de rever visões preconceituosas sobre as ILPIs como lugar de abandono.

Como fator integrante da qualidade de vida, o lazer pode ser visualizado de forma multidimensional pelo modelo de Lawton. Assim, para que as pessoas possam usufruir das práticas de lazer, as condições ambientais poderão facilitar ou dificultar as interações sociais, as quais interferem na motivação para o envolvimento nas práticas. Associada às condições ambientais e interações sociais, a percepção da qualidade de vida e as crenças de autoeficácia poderão motivar em maior ou menor grau a participação nas práticas de lazer. O bem-estar subjetivo também inclui o quanto o indivíduo está satisfeito ou não com a vida, o que pode influenciar o nível de participação nas práticas de lazer.

Referindo-se ao contexto institucional e às práticas de lazer nele ofertados, estas poderão ser melhor vivenciadas pelos residentes se todas as quatro esferas conceituais propostas no modelo de Lawton estiverem em equilíbrio dinâmico. Caso alguma dimensão esteja desestabilizada, as práticas de lazer poderão ser mal compreendidas e/ ou nem praticadas pelos idosos. Assim, percebe-se que o lazer não é um elemento isolado e dependente de apenas uma dimensão, mas sim integrado às quatro dimensões conceituais, como proposto por Moura (2012, ou seja, na presente Dissertação de Mestrado) na FIG. 2:

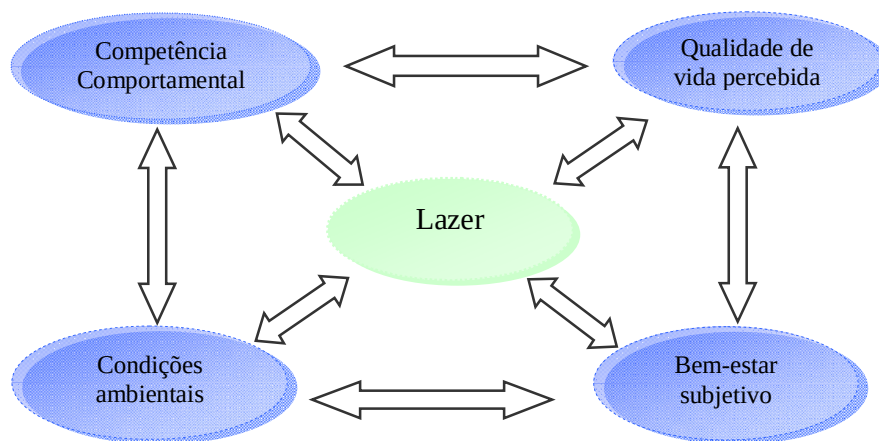


FIGURA 2. Diagrama adaptado por Moura (2012) a partir do modelo de Lawton, conforme apresentado em Neri (1995)

4.5 Conclusões acerca das experiências de lazer do residente de ILPI

Constatou-se neste estudo que as atividades de lazer experimentadas pelos idosos na vida pré-institucional não apresentaram variabilidade e na sua maioria ocorriam nos espaços domésticos e na companhia de familiares. Houve diferenças no tipo de atividades praticadas por homens e mulheres. Enquanto as práticas femininas eram mais voltadas para o cuidado doméstico, aos homens era possível a companhia de amigos e vivências no espaço fora da rotina do lar.

Para a maioria dos entrevistados não houve preparação para a aposentadoria por diversos motivos: carência de políticas públicas que os preparassem para a vida de aposentados, más condições de saúde e/ ou dificuldades financeiras. No período que correspondeu à aposentadoria alguns idosos passaram a residir diretamente na ILPI por não ter onde residir e/ ou por necessitar de cuidados com a saúde. Outros vivenciaram a fase de aposentadoria com práticas de lazer mais voltadas para o contexto do próprio lar. Em geral, o grupo de idosos pouco apresentou atividades de lazer compartilhadas.

Em relação a práticas de lazer vivenciadas na ILPI, se comparadas com as experiências anteriores da maioria dos idosos, a instituição oferece maior variabilidade de práticas. A elaboração de todas estas práticas são coordenadas por profissionais (voluntariado, estágio, funcionário da ILPI, convênio), porém com pouca participação dos idosos. O objetivo principal é manter o idoso ativo. No entanto, nem todas as ILPIs contam com apoio de equipe

multiprofissional, sem contar que muitas instituições possuem grande quantidade de idosos sem condições de saúde para usufruir do lazer oferecido. De modo geral, o idoso tem a liberdade de escolher se quer praticar ou não a atividade oferecida, mas as propostas de atividades não partem do idoso. Os coordenadores relatam que os idosos são desinteressados e os próprios idosos também percebem as dificuldades que enfrentam os profissionais em motivá-los.

Em relação à participação dos idosos nas atividades oferecidas, observou-se que aos poucos está se formando uma nova consciência pela equipe de profissionais para incentivar os idosos. Se de um lado há o idoso resistente a vivenciar novas situações e alheio às atividades propostas da ILPI, por outro há idosos que ingressam nas instituições com interesse de participar e consciência crítica. Mesmo assim, a atenção da instituição ainda tem sido dedicada aos cuidados essenciais. Como citado neste estudo, os déficits cognitivos ocorrem de forma mais lenta nos idosos que praticam a leitura, mas muitos carecem de óculos, leituras que interessem ou mesmo serviços de apoio educacional que os auxilie nessa prática.

Os interesses dos idosos ainda não têm sido contemplados, pois eles mesmos apresentam dificuldades em expressar e refletir a respeito do uso do tempo. As atividades lúdicas e interativas tão necessárias ao bem-estar tem sido pouco exploradas. Cavalcante; Freitas (2007) indicam que a verbalização das experiências, costumes e tradições pode ser um bom caminho para captar atividades significativas para os idosos. Isto foi buscado na presente pesquisa através da investigação da trajetória de experiências de lazer dos residentes.

Percebeu-se que poucos idosos se vinculam ao mundo externo, fora da ILPI, em parte pelas condições de saúde, além da carência de recursos e pouco apoio dos familiares. As práticas de lazer não devem ser responsabilidade somente da ILPI, mas também dos familiares ou responsáveis. Estas famílias deveriam estar mais integradas na participação do lazer externo e interno à ILPI para aumentar o nível de participação daqueles que se sentem ressentidos pela falta de companhia.

4.6 A visão da ILPI sobre as práticas de lazer do residente

Considerando que ofertar práticas de lazer não envolve apenas os usuários, este estudo também analisou a visão dos coordenadores sobre o lazer nas ILPIs que gerenciam: espaço físico interno e externo para o lazer, recursos humanos, transporte e recursos financeiros, práticas de lazer ofertadas aos residentes e sua participação. Ademais, vivenciar experiências de lazer nas ILPIs é algo recente na realidade brasileira, haja vista que os cuidados com os

idosos ainda são pautados em serviços médicos, e pouco tem evoluído para cuidar do ser humano no sentido mais amplo e preventivo.

Não foram encontrados estudos que tratassem diretamente da percepção de coordenadores de ILPIs sobre lazer e que colaborassem para fundamentar as interpretações que serão apresentadas a seguir. Assim, a interpretação dos resultados será baseada em trabalhos citados na introdução, no conhecimento prévio da pesquisadora sobre as ILPIs estudadas, e em textos encontrados posteriormente à revisão da literatura descrita na introdução desta dissertação.

Os estudos do IPEA (2010) sobre as ILPIs nas diversas regiões do Brasil apontam a escolaridade dos gerentes e administradores como indicador da qualidade de recursos humanos. Nas ILPIs mineiras estudadas pelo IPEA, 26,7% dos gerentes possuíam curso superior. Comparando a amostra do presente estudo às demais ILPIs mineiras, quase a totalidade dos coordenadores que atuam nas ILPIs filantrópicas de Belo Horizonte possuem ensino superior. Esta maior qualificação profissional em ILPIs filantrópicas tem substituído aos poucos os serviços de coordenação feitos por voluntários, e podem ser consideradas como avanços por oferecer melhorias na qualidade dos serviços, indicando fator de proteção aos idosos.

4.6.1 A percepção do coordenador sobre as práticas de lazer proporcionadas ao residente

De um modo geral pode-se constatar uma discrepância entre informações dadas pelo coordenador de cada ILPI, seus residentes, os conhecimentos prévios da pesquisadora sobre estas instituições e as anotações no caderno de campo realizadas durante a coleta de dados. Também é importante ressaltar que o fato de os coordenadores entrevistados não mencionarem determinadas práticas de lazer não significa que elas não existam nas ILPIs. Estas discordâncias nos levam a levantar algumas hipóteses-explicativas, tais como: 1) em um primeiro momento, a percepção da prática de lazer geralmente conduz a uma compreensão baseada no senso comum, sem uma reflexão atenta à realidade do residente; 2) nem todas as práticas ofertadas pela instituição foram lembradas pelos coordenadores durante a entrevista; 3) a rede de serviços que envolve a ILPI pode não estar funcionando de forma integrada; ou 4) as práticas de lazer não são tão valorizadas quanto os serviços essenciais, portanto foram menos citadas.

Um exemplo de divergência entre as distintas fontes de informação sobre as práticas de lazer na ILPI se observa no dado obtido com 14 coordenadores que indicaram receber o Programa Vida Ativa da PBH; na verdade, as 15 ILPIs pesquisadas usufruem do programa. Trata-se de um serviço oferecido mediante convênio com a PBH, com atendimento semanal permanente. No depoimento de uma idosa entrevistada, os dias citados e a modalidade confirmam a prestação deste serviço: “Ginástica é terça e quinta (...). É o pessoal da prefeitura que vem” (E54).

Outra discordância no que se refere ao Programa Vida Ativa é o entendimento da forma de prestação deste serviço. Alguns coordenadores não sabiam informar se programa é uma ação voluntária, de convênio ou de parceria com outra instituição. Todavia a Secretaria Municipal de Assistência Social da PBH informa aos coordenadores que o pré-requisito para o recebimento do serviço é a comprovação de convênio com a prefeitura, como relata o coordenador E70: “Inclusive demorou elas estar vindo aqui por que tinha que comprovar que tinha convênio aqui”. A observação demonstra que apesar de ser de conhecimento de todos, nem sempre os processos de convênios ou parcerias são bem esclarecidos entre as partes. Estes dados ilustram a constatação de Santos, (2007) de que um dos desafios dos gestores é a manutenção das redes de suporte de prestação de serviços e programas existentes. Logo, uma administração participativa não deve considerar apenas o “fazer pelo asilo”, mas o “fazer pelos asilados”, o que requer uma compreensão mais dedicada à natureza e ao funcionamento dos serviços ofertados para os idosos.

Quanto aos tipos de práticas de lazer nas ILPIs, a maioria dos coordenadores se referiu a alguma comemoração. Porém, neste tópico também houve discrepâncias entre as informações dos coordenadores e outras fontes. Como exemplo, uma festa realizada anualmente com as famílias dos residentes foi mencionada por um entrevistado, mas não pela coordenação da ILPI na qual ele reside. Cabe lembrar que comemorações deste tipo são muito significativas dentro do contexto institucional, e fundamentais porque lidam com emoções, vínculos familiares desgastados, perdidos ou que estão sendo reconstruídos.

A respeito das festas natalinas, Dumazedier (1976) entende que possibilitam mudanças no cotidiano das sociedades modernas por envolverem uma quantidade significativa de participantes; isto é, inicialmente de caráter familiar, tornar-se, então, coletiva. Portanto, este entendimento de Dumazedier (1976) sugere que tais comemorações deveriam fazer parte do calendário de atividades da instituição. Além disso, quando realizada, Moraes; Salvajolli (2006) avaliam que a festa de Natal só tem a verdadeira participação dos residentes quando estes são incluídos ou no planejamento da festa, na decoração, no convite de amigos e

familiares. O pouco envolvimento dos idosos na organização de festas pode contribuir para a apatia e o desinteresse dos residentes nestes eventos (FALEIROS; MORANO, 2009). Curiosamente, Oliveira; Veras; Prado (2010) descobriram, em uma pesquisa sobre a alimentação em duas ILPIs da cidade do Rio de Janeiro, pouca diferença entre os alimentos oferecidos em datas festivas, como o Natal, e a comida do dia-a-dia. Esta aparente indiferença com um aspecto importante do Natal (a ceia) remete a uma desvalorização de um evento fortemente cultural com potencial de fortalecer a identidade do asilado como pessoa e como cidadão.

Também com a proximidade do Natal aumenta o número de visitantes, trazendo presentes e ofertas caritativas às ILPIs, especialmente em virtude de campanhas específicas para esta data. No entanto, a pouca presença das famílias nas festas natalinas intensifica o grau de frustração dos idosos, como mencionam os coordenadores E75 (“Eu tenho aqui setenta idosos, se tiver dez famílias que participam é muito”) e E16 (“As famílias que participam são as mesmas”). Apesar das dificuldades, há coordenadores que buscam, juntamente com outros profissionais, como o assistente social, motivar familiares à participação nas festas de Natal, como mencionado nas entrevistas. Outra iniciativa positiva e interessante de uma ILPI com idosos mais dependentes são passeios promovidos por voluntários para que os residentes possam apreciar os enfeites natalinos nas casas e pontos turísticos da cidade.

Com relação às comemorações de aniversário, nas ILPIs de forma geral fazem parte do grupo de festas comemoradas ao mês. Estas comemorações mensais são explicadas pela inviabilidade de recursos para organizar festas separadamente por aniversariante, além do raro apoio das famílias. Algumas ILPIs contam com voluntariado nestas comemorações. Além disso, as comemorações de aniversários não são cumpridas com regularidade (mensalmente). Deixar de incluir um aniversariante ou outra mudança na rotina de festas mensais de aniversário pode contribuir para o clima de anonimato que muitas ILPIs possuem, alimentando uma forma de interação massificada e homogênea, sem atenção às individualidades de cada um dos residentes que ali vive.

É necessário considerar que as comemorações de Natal e de aniversários podem estar sendo oferecidas não com o intuito de promover lazer, mas de tão somente cumprir normas da fiscalização vigente quanto ao quesito “promover a socialização dos idosos” (Estatuto do Idoso, Artigo 2º e 3º; RDC/ ANVISA nº 283 de 26/09/2005, item 4.3). Cabe frisar, também, que o pouco envolvimento das famílias contribui para o desânimo dos profissionais da ILPI e,

consequentemente, dos idosos, aumentando a apatia e o enfraquecimento dos vínculos de modo generalizado.

Observando-se murais de avisos, quadros ou outros cartazes afixados nas áreas sociais das ILPIs analisadas, percebe-se que alguns indicam dia e/ ou mês dos aniversários. Estes quadros não são usados em todas as instituições, embora o uso deste recurso seja uma recomendação da Vigilância Sanitária de Belo Horizonte. O quadro de avisos, além da exposição das datas de aniversários, ilustrava acontecimentos diversos ocorridos na ILPI através de fotografias de aniversários, festa junina e oficinas nas quais os idosos participaram. Ressalta-se que estes são exemplos de recursos observados pela pesquisadora em algumas ILPIs durante a coleta de dados.

Quanto às informações de outros eventos e programação das atividades da semana na ILPI, somente 06 instituições, das 15 analisadas, expõem a programação em local visível. A meu ver estes quadros, além de informar sobre a organização das atividades pelos profissionais, permitem ao usuário escolher o que deseja fazer naquele dia. Mas na visão do coordenador E28, estes quadros tem a função de lembrar aos idosos a programação de atividades da semana elaborada pela equipe técnica. Moraes; Salvajolli (2006) explicam que uma boa divulgação aumenta a participação dos idosos. Para tanto, o material de divulgação deve levar em conta as dificuldades visuais, auditivas e cognitivas dos residentes. Estas mesmas autoras sugerem recursos de divulgação como convite verbal e individual além de cartazes, sendo que estes últimos precisam ser confeccionados com cuidado ao tamanho, tipo de letra e cores que facilitem a leitura.

A percepção dos coordenadores entrevistados sobre as práticas de lazer na ILPI, apesar de destacarem que é muito importante para os idosos e necessário na instituição, são bastante diferenciadas. A observação *in loco* permitiu constatar uma oferta desigual destas práticas. Em 02 ILPIs havia um único dia da semana disponível para a realização das entrevistas desta pesquisa com os residentes, tamanho era o preenchimento do tempo dos idosos. Porém, em 05 ILPIs a disponibilidade dos idosos era frequente e raros os momentos nos quais eles desfrutavam de alguma prática de lazer ou realizavam alguma atividade. A respeito disso, enquanto alguns coordenadores demonstravam uma preocupação maior em angariar serviços para a ILPI (“A gente fica muito preocupado com o cuidado dos acamados, dos dependentes, e o que é independente fica às vezes ocioso. Por isso, essa minha preocupação de conseguir voluntários”, E16), outros demonstravam certa resignação (“Nós temos nossas necessidades, e a gente tem também a consciência de que elas não podem ser atendidas”, E3).

No entanto, há coordenadores que valorizam o lazer nas ILPIs, por compreenderem que estas práticas contribuem para a melhoria da qualidade de vida do idoso, como diz E30: “Eu vou considerar lazer tudo que é prazeroso e que a gente promove para o idoso, não só pra inserção no ambiente, na sociedade, e na socialização”. Pinto; Camarinha (2006) também reconhecem o valor das práticas de lazer e mencionam que atividades diversificadas são ofertadas em uma Casa Gerontológica privada no município do Rio de Janeiro com o objetivo de fomentar a participação dos residentes em atividades externas e internas promovidas pela Seção de Recreação e Lazer, priorizando o prazer e a liberdade de escolha dos participantes.

De acordo com Moraes; Salvajolli (2006), a Seção de Recreação e Lazer é constituída por uma equipe de profissionais que organiza e oferece práticas de lazer aos idosos residentes em ILPI. São atividades significativas para o residente, que podem ser modificadas de acordo com sua vontade e necessidade: práticas culturais, festivas, de integração, jogos e passeios desenvolvidas no ambiente interno e externo à ILPI, com periodicidade semanal, mensal e anual. O trabalho também objetiva proporcionar integração dos residentes, envolvendo também a equipe multidisciplinar, os funcionários e os cuidadores.

Outros coordenadores entrevistados referiram-se às práticas de lazer na ILPI como todo e qualquer tipo de serviço oferecido na residência. São dois exemplos a citação de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de terapia assistida por animais, ambas como práticas de lazer oferecidas pela instituição. Ademais, foram referidas sem mencionar se são vividas de forma prazerosa pelo idoso, dado que o prazer advindo pelo divertimento ou pelo descanso são elementos fundamentais de uma vivência de lazer (BRUHNS, 1997; DUMAZEDIER, 1976; MARCELLINO, 1996).

As entrevistas com idosos das instituições cujos coordenadores indicaram EJA e terapia com animais evidenciaram a experiência prazerosa com estas práticas. Um idoso participante da terapia assistida por animais a qualifica como uma prática que lhe proporciona prazer. Este residente explica que a equipe do voluntariado está preparando uma peça de teatro para o final do ano, incluindo atores (idosos) e os cães. Ainda relata que encontra dois bons motivos para participar destas atividades: vivenciar a experiência de terapia com animais, que não conhecia antes; e atuar na peça de teatro, despertando-lhe o desejo de ser, ainda, um diretor de teatro. A iniciativa de elaborar novos projetos atende dessa forma uma das finalidades da prática, que é lidar com diversão e realização pessoal, como menciona E45: “Estamos tendo aí um grupo de terapeutas com cães adestrados (...) Estamos montando um grupo de teatro (...) os cães também vão participar da peça (...) Eu estou muito entusiasmado com essa história”.

Com relação à EJA como prática de lazer na percepção do idoso, Campagna; Schwartz (2010) entendem que, a partir da vertente intelectual do lazer, este processo educacional tem a capacidade de alterar o cenário excludente inscrito pela sociedade que estigmatiza a pessoa idosa. Na fala do entrevistado E47 é possível denotar esta transformação na percepção de si através da EJA: “Eu ainda penso em futuro, sim. E aí eu posso até talvez seguir uma carreira de jornalismo”. Esta perspectiva de futuro e possibilidade de avanço pessoal revela que estas pessoas, estes asilados, tem interesse em inserção social e, provavelmente, vontade política, que se constroem nas relações com outras pessoas (FREIRE, 1996). Pensando em um tempo que não é linear e que o futuro indica possibilidades, Freire (1996) aponta que a educação possibilita o diálogo para partilhar as diversas formas de perceber o mundo e de poder construir significados positivos para a vida. Esta percepção é que instiga a analisar criticamente a realidade e modificar o que está condicionado.

Alguns coordenadores demonstraram compreender que fisioterapia não é prática de lazer. Ao perguntar para um coordenador se a ILPI possuía profissional pago para ofertar atividades de lazer, ele indicou que apenas a fisioterapia era paga: “Não, não. Não temos, por que a fisioterapia não é um lazer” (E25). Outros coordenadores reconhecem que a fisioterapia e a terapia ocupacional tem como objetivo principal a reabilitação, mas não descartam que estas práticas incluem uma dimensão do lazer: “Nós temos a terapeuta ocupacional (...). A função específica dela não é lazer. É claro que a atividade que ela desenvolve, muitas vezes a gente pode relacionar com o lazer” (E28); “Embora eles estejam fazendo um trabalho todo terapêutico, tem também a parte de lazer, as oficinas diárias com eles” (E60).

Por outro lado, é muito curioso perceber, na fala de um coordenador, práticas recreativas (como cantar, dançar) citadas como práticas fisioterapêuticas. É claro que, na visão do fisioterapeuta, é possível que estas atividades estejam sendo usadas com a finalidade de reabilitação. No entanto, na visão dos residentes e dos gestores elas estão sendo compreendidas como atividades de lazer. Ao questionar a respeito de práticas de lazer em espaços abertos o coordenador assim explicou: “Lá na área da frente, ali, elas fazem com a fisioterapia a roda, dançam, cantam” (E58).

As normas de fiscalização vigentes para ILPIs contribuem para a dificuldade de compreensão dos coordenadores a respeito do que sejam práticas de lazer. A ANVISA, de acordo com a RDC Nº 283 de 26/09/2005, recomenda, no item 4.6.1.3, o seguinte: “Para as atividades de lazer: um profissional com formação de nível superior para cada 40 idosos, com carga horária de 12 horas por semana”. Apesar de estar sendo garantido o direito ao lazer a todo cidadão idoso residente em ILPI, observa-se uma lacuna nesta recomendação em virtude

de ela não especificar quais profissionais de nível superior devem organizar e ofertar práticas de lazer. Além disso, não é evidente a necessidade de desenvolver ações complementares e integradas, e o lazer não é bem compreendido para melhor aplicabilidade. Sem entrar no mérito das discussões sobre competências profissionais, as práticas de lazer precisam ser melhor discutidas pela equipe técnica da ILPI a fim de não gerar as mesmas dificuldades de compreensão para os idosos. Esta é uma situação complexa, fruto de várias divergências em todo o sistema, mas é perceptível que as normas da ANVISA abrem precedentes para que a oferta de lazer nas ILPIs seja assim disponibilizada.

4.6.2 A percepção do coordenador sobre a participação do residente na organização das práticas de lazer

Quando os coordenadores foram questionados a respeito da participação dos idosos na organização das atividades, o termo foi compreendido de forma bastante diferenciada pelos entrevistados. Estes diferentes entendimentos sobre participação são resumidos a seguir, alguns dos quais ilustrados com falas de coordenadores:

- participar como *ajudar*: “Eles ajudam, não só como práticas de lazer, mas como práticas do cotidiano que é arrumação do quarto, arrumação do refeitório” (E74).
- participar como *estar presente* nas atividades oferecidas.
- participar como *receber sugestões ou opiniões*. Neste caso, os idosos traziam sugestões de shows, atrações e eventos à medida que ouviam em noticiários de rádio, avaliadas pelo coordenador em sua viabilidade.
- participar como *emitir apreciações negativas ou positivas* sobre passeios realizados experimentados, e se gostariam de repetir a programação.
- participar da organização das práticas mediante *crítica, reivindicação* de o que não obtiveram ou *auxílio direto* nos projetos das atividades a serem oferecidas. Este entendimento de participação foi demonstrado por 02 coordenadores.
- participar através de *reunião* com os residentes a fim de escolher um lugar para passeio, conforme opções viáveis para a instituição. Um único coordenador mencionou esta reunião. Além disso, esta mesma ILPI faz uma pesquisa informal sobre as preferências de lazer destes idosos em outros momentos da vida, a fim de elaborar programações de atividades.

Sete coordenadores referiram que os residentes não participam da organização das atividades porque não tem condição física ou cognitiva para auxiliar, ou porque são poucos os que têm interesse em participar. Um dos coordenadores utiliza uma metáfora bastante interessante para se referir à praticidade em não envolver os idosos no planejamento das práticas de lazer ofertadas: “Normalmente se deixa isso pronto. É como se fosse um prato feito, né” (E3).

A carência de recursos financeiros, técnicos e humanos foi apontada pelos coordenadores como fatores limitantes à oferta de práticas de lazer. Alguns entrevistados sugeriram a quase impossibilidade de satisfazer a vontade dos idosos pela falta de recurso humano (voluntário ou pago) para auxiliar, por exemplo, nas práticas externas de lazer, principalmente passeios. A fala de E61 expressa a dificuldade em priorizar o lazer no âmbito institucional, embora ele o reconheça como muito importante na vida dos idosos: “Muitas vezes queremos oferecer pros nossos idosos um lazer digno, mas a gente não tem onde tirar esse dinheiro para estar custeando, porque as necessidades são grandes” (E61). Isso evidencia o que constatou Bulla; Mediondo (2004) em relação aos principais serviços oferecidos pelas instituições, nas quais a saúde se coloca como uma prioridade no atendimento, e somente após suprir esta demanda é que visualizam as ofertas de recreação.

Como afirma Faleiros; Morano (2009), a não participação dos idosos sugere não só a morte física como também a morte civil e política do indivíduo longo, num descompasso entre experiências passadas e atuais. Estes mesmos autores lembram que a aceitação de ordens estabelecidas no ambiente institucional não se funda em alternativas de escolha, mas num contexto de dominação, pois os residentes não têm participação na elaboração de convenções ou regulamentos.

O aspecto da livre escolha, da liberdade, associado ao lazer é referido pelos próprios idosos entrevistados. Uma idosa entrevistada fez menção a esta liberdade no contexto de sua família nuclear (pais e irmãos): “Quando a gente queria fazer uma viagem, a gente discutia aquilo, pra onde que queria ir. O que tivesse mais votos ia” (E14). Em sua vida familiar, havia oportunidades de interação entre os membros mediante respeito às individualidades, às vontades. Esta postura, cedo na vida da criança, colabora para a autoestima, a autonomia, a iniciativa e o culto ao respeito às vontades e opiniões. Ora, ações educativas independentes de recursos financeiros podem estimular a participação de todos, como no exemplo de reuniões democráticas onde os envolvidos podem discutir opções. Posturas institucionais desta monta tem o potencial de promover autonomia, autoconfiança e autoestima nos participantes.

Em determinadas entrevistas com coordenadores percebe-se o choque entre a intenção de proporcionar lazer ao residente e a pouca disposição do idoso, que gera uma crescente acomodação. Os conflitos se acentuam na medida em que a imposição predomina no lugar de um simples convite, na intenção de tirar os residentes, a qualquer custo, de uma postura de inércia. O coordenador E64 exemplifica seu esforço: “Eu tive que pegar no pé mesmo pra (nome do residente) ir pra capela”.

Para Tirado (2004) é fundamental que o idoso se mantenha ativo, mas não por imposição. Para que as vivências de lazer sejam prazerosas, há que se retirar o sentimento de obrigatoriedade. O convite atencioso e o entendimento da história de vida de cada residente são recursos auxiliares a uma participação agradável. A fala do idoso E36 expressa este respeito, cultivado na ILPI em que ele vive: “Se a gente falar assim, não quero ir, eles não obriga. Eles não tem isso de obrigá a gente a ir não”.

Apesar de tentativas bem intencionadas dos profissionais, os conflitos e desavenças na comunidade institucional precisam ser corrigidos, posto que existem e atravessam a vida do sujeito mais importante, *a priori*, para a instituição: o residente. O uso de abordagens interacionais adequadas e cuidadosas nas diversas situações e o fomento à convivência respeitosa entre os residentes são recursos imprescindíveis para a autoestima e o senso de dignidade destas pessoas (DEBERT, 1999).

Em sua maioria os idosos do presente estudo não experimentaram a oportunidade de vivenciar lazer em suas vidas e/ ou de exercer livre escolha com relação a ele. Por isso, nesta fase da vida eles não sabem o que é o *tempo de lazer*. Logo, iniciativas para reorganizar a participação e a interação destes indivíduos devem tomar parte em um processo educativo. Marcellino (1996) menciona que ações educativas sensibilizadoras são estratégias fundamentais para a prática do lazer. De acordo com Pinto (2004), estas ações podem ocorrer de diversas formas, como palestras, capacitação de lideranças, campanhas educativas. E ainda, para garantir esta intencionalidade educativa, deve-se cumprir três etapas: 1) *fazer*, para possibilitar o conhecimento de diferentes manifestações culturais; 2) *refletir* sobre a própria atividade, para compreender suas finalidades; e 3) *refazer*, para estimular a formação de hábitos de lazer.

Interessantemente, até mesmo os idosos reconhecem as dificuldades encontradas pela equipe técnica para mobilizar os residentes: “Não tem muita colaboração, gente boa que anda aí o dia inteiro. Na hora das atividades! Ah, por que eu tô com isso, tô com aquilo e não vai. Se vai, também não faz nada...” (E42). Por outro lado, há coordenadores que, apesar de admitir esta dificuldade, acreditam que o envolvimento de toda a equipe de trabalho

influencia na adesão às práticas de lazer, como na fala de E30: “No início, às vezes tem um desânimo, falando assim: 'Ah, eu não quero, eu não gosto', mas depois eles mesmo procuram (...) E a equipe procura estar envolvida.” Esta fala remete às três etapas descritas por Pinto (2004) para a promoção da intencionalidade educativa: promover, refletir e habituar-se à participação nas práticas de lazer.

A realização de tarefas ou atividades que influenciam na tomada de decisões da instituição são muito importantes na vida destes sujeitos. A participação constrói significados, estabelecendo contato com a realidade (BULLA; MEDIONDO, 2004). Estabelecer relações interpessoais, engajar-se em atividades e participar das tarefas nas ILPIs remete também à questão da representação do trabalho na vida dos idosos. Para Iwanowicz (2000), o afastamento do mundo do trabalho, além de romper com os vínculos sociais, também afasta o idoso das relações com o mundo social e material. Por isso atividades que auxiliam na reconstrução e aproximação destes valores são tão importantes. Ademais, os estudos de Ribeiro; Yassuda (2007) indicaram que o engajamento em atividades mentais, sociais, religiosas e de lazer são relevantes para manter o bom funcionamento mental na velhice, criando uma visão positiva de si mesmo.

4.6.3 Limitações à inclusão do residente dependente nas práticas de lazer na ILPI

As ILPIs envolvidas na pesquisa apresentaram diferenças importantes no quesito “participação dos idosos nas práticas de lazer”, como já discutido. Uma delas, no entanto, ainda não foi discutida. Duas ILPIs conveniadas com a PBH foram excluídas na amostra porque nelas não foram encontrados idosos em condições cognitivas de atender aos critérios de seleção. Dados do IPEA (2010) indicam 30,1% de idosos dependentes nas ILPIs mineiras, dos quais 56,5% são demenciados. O coordenador E25 pontua a dificuldade de envolver os idosos no planejamento das atividades de lazer pelo alto grau de dependência cognitiva: “Elas não têm condição mais de planejar. Se você fala uma coisa com elas aqui, agora, daqui a dez minutos elas não sabem mais”.

Em ILPIs nas quais predominam residentes dependentes, é pouca a receptividade a iniciativas que estimulem a convivência e participação dos moradores. Um profissional da equipe técnica relatou que ao ingressar na ILPI tinha muitos planos para ofertar práticas de lazer aos residentes mas que, ao deparar-se com a realidade da moradia coletiva, foi percebendo as dificuldades em razão do elevado grau de dependência. Esta é uma situação preocupante para o idoso dependente, pois aliada à falta de recursos, a diminuição de relações

interpessoais induz o idoso a uma constante apatia, desânimo e redução na qualidade de vida, sem condições de dar significado a seu viver (HERÉDIA; CORTELLETTI; CASARA, 2004).

Pinto; Camarinha (2006) consideram necessária, no caso de idosos mais dependentes, uma assistência mais aproximada à do ambiente hospitalar, com recursos médicos e psicossociais. Nesse sentido, a oferta de práticas de lazer realmente passa a figurar em último plano diante do alto grau de dependência.

Outro aspecto a ser debatido é a reunião, no mesmo espaço residencial, de pessoas com graus de autonomia e dependência diferentes. Isto pode auxiliar a minimizar efeitos negativos de convivência. Agich (2008) chama a atenção para a promoção de autonomia e participação através das relações mais estreitas entre cuidadores e pessoas cuidadas. Durante a coleta de dados para a presente pesquisa, foi possível observar que uma ILPI com elevado número de idosos dependentes mobiliza esforços para estimular a convivência entre todos os residentes. O voluntariado promove festividades, especialmente em datas comemorativas, para oportunizar a integração entre idosos, visitantes e funcionários. São providenciados eventos, em parceria com iniciativa privada, para entreter tardes de sábados, domingos e feriados.

Sabe-se que, com o aumento da expectativa de vida no Brasil, os avanços tecnológicos e médicos também proporcionaram um aumento do número de pessoas que envelhecem com deficiência física (RESENDE; NERI, 2007). Para idosos com dificuldade de locomoção ou outras limitações físicas, alguns coordenadores entrevistados apontaram restrições às oportunidades de lazer que integrem os moradores à comunidade. Um dos coordenadores revela sua indignação em relação aos passeios ofertados pelo poder público, que priorizam somente idosos independentes: “A gente sente assim que há uma exclusão dos cadeirantes. Tanto às vezes, pelo pessoal da Prefeitura mesmo, às vezes eu peço ônibus que tenha elevador e não vem... Eu acho que se um passeio é pra ser promovido dentro da instituição, é pra todos” (E57).

4.6.4 Parcerias e voluntariado nas práticas de lazer da ILPI

Nas entrevistas realizadas se pôde perceber tentativas de integrar os residentes à comunidade ao redor das ILPIs. As parcerias com EJA, por exemplo, incluem passeios fora da instituição, que são oportunidades de contato com a cidade, com o mundo externo. O idoso E71 demonstra sua satisfação sobre a ida a um concerto de música erudita: “Foi a professora que teve essa ideia (...) Mas um concerto formidável! A gente ficou à vontade, confortável.

Lá o local é ótimo”. Organizações não-governamentais (ONGs) situadas nos bairros próximos também oferecem atividade fora do espaço institucional. De acordo com os coordenadores das ILPIs, estas ONGs garantem o transporte do idoso, embora com poucos assentos no veículo. Além das ONGs, outros serviços externos estão disponíveis, como atividade física nas unidades básicas de saúde (UBSs) e nos Centros de Convivência da PBH – todos próximos às ILPIs, mas sem a oferta de transporte. Neste caso, somente idosos em boas condições físicas têm condições de deslocar a pé ou com transporte coletivo, o que reduz muito o número de participantes. Outra prática de lazer externo e referida por uma ILPI envolve a Pastoral da Saúde ligada à Igreja Católica, que leva os idosos à missa ou a comemorações especiais, ainda que esporadicamente.

Além de atividades externas, as ILPIs parecem promover o contato intergeracional. Há escolas de ensino fundamental e médio que visitam ou recebem as instituições, como refere o coordenador E75: “Quinta-feira eu vou levar eles numa escola, no (nome da escola retirado), eles convidaram pra eles participarem de uma atividade lá”. Nas interações dentro do espaço institucional, é oferecida contação de estórias, ou grupos organizados de visitas que geralmente levam donativos ou apenas conversam com os idosos. As escolas envolvidas são da rede particular de ensino e vinculadas à Igreja Católica. A ILPI e a escola pertencem à mesma ordem religiosa e a programação das atividades é definida entre os coordenadores de ambas. Além disso, um coordenador entrevistado informou que em datas específicas do ano os idosos recebem ou fazem visitas a uma creche da cidade.

Na prática profissional de dez anos com ILPIs, pude constatar a pouca organização dos grupos de adolescentes para visitas às ILPIs. Não há indicadores, nem por parte da ILPI, nem por requisição do grupo que faz a visita, sobre quais espaços da instituição estão disponíveis para visitação ou mesmo se são adequados para tal. Este despreparo fere, frequentemente, a privacidade dos residentes. Ademais, a abordagem ao residente é infantilizada, sem uma orientação aos adolescentes e jovens a respeito de que, mesmo no contato com o morador com alto grau de dependência, é necessário ter em mente que se trata de pessoas adultas, idosas, e que devem ser tratadas como tal. Dessa forma, as visitas sem orientação aos grupos de escolares, e sem objetivos claros e pré-estabelecidos, findam em críticas negativas de ambas as partes, não atendendo o propósito de integrar gerações.

A maioria das ILPIs conta com serviços de voluntariado para o desenvolvimento das práticas de lazer, em consonância com o que Bulla; Mediondo (2004) relatam. No entanto, as ILPIs abordadas no presente estudo diferem no que tange às parcerias com centros de convivência da PBH, ONGs, empresas e UBSs. Enquanto algumas ILPIs tem a semana quase

totalmente preenchida com atividades (inclusive nos finais de semana), outras recebem raros voluntários e contam, basicamente, com a comunidade no entorno, a qual ou visita os residentes, acompanha-os a práticas de lazer externas, ou oferece passeios esporádicos para os mais independentes. É importante mencionar, também, que a oferta de serviços voluntários diminui à medida que a ILPI se situa longe da região central da cidade. A título de exemplo, a região microrregião do Barreiro concentra o maior número de idosos institucionalizados de Belo Horizonte, mas desfruta da menor quantidade de serviços do voluntariado.

O trabalho voluntário envolve “ações direcionadas a comunidades, pessoas, grupos ou organizações em que o ofertante doa seu tempo para beneficiar outros, não envolvendo retribuição financeira; ou seja, supõe a gratuidade” (SOUZA; LAUTERT, 2008, p. 372). Na cultura brasileira o voluntariado remete à caridade, com a falsa ideia de ausência de obrigação. É também por esta razão que ocorre uma sucessão de mal-entendidos entre o voluntário e a ILPI. Estas ações voluntárias findam assistemáticas, sem frequência definida, com mudança constante de equipe e, conseqüentemente, desacreditadas. Os próprios coordenadores expressam a desconfiança nestes serviços: “Às vezes aparece alguém, fala que é um trabalho voluntário bater um papinho com o idoso. Isso aí pra mim é uma visita, não é?” (E64); “Isso tudo depende de pessoas, de voluntários dispostos a levar um trabalho a sério para fazer isso. Em vir uma vez, depois daí a três meses voltam. Aquela coisa...” (E23).

Por outro lado, o coordenador, quando depende principalmente de voluntários, se fixa em uma postura de gratidão e acríica para não correr o risco de perder o voluntário. É necessário, portanto, que se esclareça e se fomente, entre os envolvidos (coordenador e voluntariado), o entendimento de que este trabalho inclui uma terceira pessoa que deveria estar acima de todos – o idoso residente, que já é experiente em lidar com perdas sociais.

Faleiros; Morano (2009) julgam importantes as ações do voluntariado que colaboram com atividades diversificadas, desde que apresentem procedimentos claros, responsabilidade, frequência fixa e avaliação de resultados. Para estes autores as ações de voluntários são importantes porque rompem com o cotidiano homogêneo da ILPI e propiciam trocas por meio de conversas e companhia, mesmo que eventuais. São através destas trocas que o sujeito constrói novas interações sociais, amizades e ganham incentivo para manifestar suas vontades. É digno de nota que uma das ILPIs envolvida na pesquisa promove anualmente, juntamente com os residentes, o “Dia do Voluntariado”, como uma homenagem aos voluntários que colaboraram com a instituição.

A Lei do Voluntário, nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998, regulamenta a relação entre voluntários e organizações sociais, indicando os direitos e deveres dos interessados em

desenvolver este tipo de trabalho. Esta mesma lei recomenda que seja assinado um Termo de Adesão entre a entidade pública ou privada e o prestador do serviço voluntário, apresentando o objeto do serviço e as condições do seu exercício. Desse modo, ao assumir o compromisso, o voluntário estará ciente das responsabilidades a serem assumidas, para garantir a regularidade, o conhecimento e qualificação no desempenho dos serviços prestados.

Outro tipo de parceria bastante comum nas ILPIs é através de projetos de extensão, ensino e pesquisa de instituições de ensino superior. Há estagiários de distintas áreas do conhecimento praticando os procedimentos da futura profissão nas ILPIs filantrópicas de Belo Horizonte: medicina, psicologia, serviço social, fisioterapia, terapia ocupacional, enfermagem. Há, pelo menos, uma instituição privada ou pública de ensino superior em cada regional da cidade ou mesmo nas proximidades das ILPIs estudadas¹. Aparentemente, há um entendimento claro entre o local de estágio (a ILPI) e a instituição de ensino que oferta o estágio. No entanto, o que se observa, na prática, é uma dificuldade de compreensão do objetivo do estágio. De acordo com Cyrino; Toralles-Pereira (2004), o estágio curricular oportuniza o aprendizado no processo de formação profissional, mediante o conhecimento da prática e visualização das situações problema para intervir na realidade. É compreensível que os estágios despertem altas expectativas nos coordenadores das ILPIs, dada sua carência de recursos humanos. Por este motivo critérios claros entre as partes, com ênfase na troca de saberes, evitam experiências frustrantes tanto para o estagiário quanto para a instituição. Cyrino; Toralles-Pereira (2004) sugerem projetos de extensão e ações continuadas como recursos importantes para fundamentar e assegurar estas parcerias.

Em relação ao voluntariado/ estágios (XIMENES; CÔRTE, 2007) observaram, em uma ILPI de uma cidade de porte médio da região centro-oeste do estado de São Paulo, algumas limitações a respeito dos estágios. Primeiramente destacaram o desconhecimento dos estagiários sobre gerontologia, e inexperiência com idosos. Além disso, em relação ao planejamento de estágio, identificaram que a falta de um cronograma de atividades combinado previamente entre ILPIs e universidades provocou colisões entre as atividades de uma e de outra instituição. Consequentemente, um sentimento de frustração de ambas as partes interferiu tanto na vida diária e na autonomia dos residentes, bem como na respeitabilidade profissional entre estagiários e demais profissionais da ILPI.

Em uma das ILPIs envolvidas no estudo pôde-se evidenciar o importante papel das parcerias por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão do ensino superior. Uma

¹

Este dado foi coletado a partir da consulta aos sites das instituições de ensino.

interessante atuação de estagiários universitários junto aos idosos foi mencionada por um coordenador entrevistado. Reuniões semanais fixas com a equipe de estagiários e idosos eram realizadas, como se fosse um *conselho*, e nele eram discutidos assuntos diversos relativos à residência. Nessa oportunidade todos eram livres para emitir opiniões. É uma prática bem sucedida, segundo o coordenador E60:

Eles discutem o que eles querem. Além disso discutem coisas do lar. Eu acho ótimo, por que não tem como você ver tudo que ta acontecendo né! E através disso você tem uma visão melhor das coisas e vê a participação deles, por que eles se sentem importantes fazendo isso.

Há casos de ILPIs, situadas na região da cidade, que recusam solicitações de vagas para estágio em virtude do volume de pedidos. Este é mais um indicativo de que a localização da instituição é um dos fatores que interfere na composição da equipe que atende o residente. Também cabe relatar que 02 ILPIs localizadas em uma mesma região da cidade, em bairros vizinhos, dispõem de serviços voluntários muito diferenciados. Neste caso, portanto, não é a localização da ILPI que interfere na questão. O que está sendo mais evidente aqui é o nível de iniciativa do coordenador da residência em buscar recursos humanos disponíveis no bairro.

Há uma grave escassez de diálogo e troca de experiências entre os coordenadores e os profissionais ou instituições que oferecem práticas de lazer nas ILPIs. A título de exemplo, há nelas muitos serviços oferecidos pela PBH nas ILPIs, mas os profissionais envolvidos, que atuam em áreas como saúde, educação, serviço social, não trocam informações ou conhecimento científico; por vezes sequer se conhecem, o que dificulta ainda mais qualquer proposta de engajamento das ações efetivas.

4.6.5 O espaço físico da ILPI para a prática de lazer

A diversidade dos espaços físicos nas ILPIs pesquisadas é marcante. Algumas possuem espaços muito fechados e reduzidos, com perceptíveis adaptações feitas ao longo do tempo para atender à legislação vigente. Outras contam com espaços muito amplos, mas ainda assim inadequados por diferentes razões técnicas. A escassez de recursos financeiros explica o pouco investimento na qualidade e funcionalidade dos espaços físicos na ILPI.

Uma única ILPI da amostra foi planejada para ser uma residência de idosos e construída com o envolvimento de profissionais. Nesta casa todos os espaços (jardins, toaletes, quartos, varanda, recepção) são acessados por fácil deslocamento, tanto para idosos

independentes quanto dependentes. Há boa ventilação e iluminação, e cores brandas nas paredes. Com dois andares, possui elevador no lugar de escadas. Ademais, possibilita que aos residentes uma boa visualização da rua e do movimento de transeuntes nas calçadas.

Em outras instituições as adaptações feitas são inadequadas, com rampas muito íngremes ou um único elevador de acesso, e faltam cuidadores para auxiliar no deslocamento (empurrar cadeirantes ou amparar alguns caminhanes em dificuldade). Há casos em que cada ala da residência, por se tratar de uma ILPI de mais de um pavimento, tem sua própria sala de convivência. Isto seria bom, *a priori*, se na verdade não impedisse a convivência diária entre moradores nos casos em que as alas se separam por andares diferentes. Os próprios idosos reconhecem as limitações do ambiente e as consideram como barreiras ao convívio entre moradores: “Eu ainda falo com ela (a professora de ginástica): 'Vai lá embaixo, busca o R'. 'Ah, não! Ele vai cair na escada, na rampa'. (...) Puxa vida! Fica difícil” (E7).

Como espaço de convivência que abriga cidadãos idosos, o ambiente de uma ILPI deve estimular todos seus residentes a um posicionamento ativo e participante. O ambiente asilar e suas características arquitetônicas são importantes para potencializar a autonomia, favorecer a segurança psíquica, facilitar as relações sociais e o trabalho das equipes no desempenho das suas funções (PINTO *et al.*, 2006). Outro estudo apontou que as dificuldades de manter o idoso autônomo e independente também se relacionam à falta de infraestrutura em ILPIs (DAVIM *et al.*, 2004).

Também foram detectadas divergências entre as informações do coordenador e outras fontes a respeito do espaço físico. A maior parte das ILPIs possui pátio. Este espaço inclui todas as áreas externas da casa e em alguns casos são denominados por alguns coordenadores como quadra, quintal. Durante o período de realização das entrevistas pôde-se ver que a maioria destes espaços tem áreas pavimentadas, mas nem sempre com pisos adequados. Geralmente estas áreas também são aproveitadas para secagem de roupas, pequenos canteiros ou estacionamento. Em dias chuvosos estes espaços não são aproveitados por não possuírem cobertura. Há poucas interações com ambientes naturais planejados para servir como elementos atrativos.

Em um estudo realizado em 12 ILPIs na cidade de Porto Alegre (RS), Tomasini; Fedrizzi (2003) encontraram um panorama predominantemente diferente do esperado e ideal em relação à qualidade dos espaços abertos (funcionais e agradáveis para os idosos). Estes dados são semelhantes aos encontrados na maior parte das ILPIs do presente estudo, na cidade de Belo Horizonte, com pouca ou nenhuma infra-estrutura de apoio a espaços de lazer dentro

das ILPIs. Apenas uma ILPI apresentou uma pavimentação ideal de piso para caminhada na área externa, mas mesmo assim em dias chuvosos sua utilização é prejudicada.

Áreas com jardins são importantes espaços para o lazer. Estes espaços também existem em mais ILPIs do que foi informado pelos coordenadores entrevistados. Tomasini; Fedrizzi (2003) também observaram em sua pesquisa a ausência de planejamento paisagístico das áreas institucionais, o que coincide com a maioria das ILPIs envolvidas nesta dissertação, visto que apenas um coordenador indicou que os idosos usufruem do jardim. Por conhecimento prévio da pesquisadora, nas ILPIs que possuem áreas com jardins, ora os idosos a utilizam para tomar o sol da manhã, ora para estar a sós, ou até mesmo para ajudar em pequenas atividades de manutenção do espaço, como regar plantas.

Além dos jardins, as hortas existem em mais ILPIs do que foi indicada pelos coordenadores. Estudos do IPEA indicam a existência de horta/ pomar em maior quantidade nas ILPIs mineiras, comparadas às ILPIs deste estudo. Por se tratar de uma cidade urbana, Belo Horizonte possui menos espaços naturais ou menos pessoas com familiaridade com hortas, na comparação com os habitantes do interior do Estado. Isto provavelmente explica por que as ILPIs da capital disponibilizem menos este espaço. Ademais, na maior parte dos casos o cultivo de horta não envolve os residentes. Em uma das ILPIs, o espaço é aproveitado para ofertar oficinas de jardinagem a eles; enquanto em outra um único idoso, independente, se ocupa do cuidado com este espaço, por exemplo, aguçando as plantas diariamente.

Quanto aos espaços internos nas ILPIs, de acordo com informações dos coordenadores, 10 instituições dispõem de refeitórios mais amplos. Isto predomina nas ILPIs de médio e grande porte. Nas demais, de pequeno porte, os refeitórios contemplam outros usos, como sala de convivência e/ ou sala de TV, além de festas, comemorações, bingos, práticas recreativas, trabalhos manuais e aulas do EJA. Em uma ILPI de pequeno porte, a qual não dispõe de área externa ou quintal, o coordenador a denominou como “área de lazer pequena”: único local disponível na casa para a realização qualquer atividade. Nesta mesma área ocorre a maioria das ações do cotidiano desta ILPI. Às vezes algumas ações recreativas desenvolvidas por voluntários acontecem até mesmo no quarto dos próprios idosos pela falta de espaço adequado, como relata um idoso: “Traz som pra nós pra divertir com nós aqui. Leva nós pro quarto e fica lá, fica lá sossegado” (E6). Groenwald (2004), ao caracterizar ILPIs no município de Canoas (RS), encontrou características semelhantes, ou seja, com pouca disponibilidade de áreas de lazer e recreação.

As capelas ou espaços ecumênicos são também importantes locais de sociabilidade. Como a maioria das ILPIs envolvidas no estudo tem algum vínculo com a religião católica, é

comum a presença de imagens religiosas nas instituições. Em duas instituições coordenadas pela igreja católica foi possível reconhecer o espaço físico “capela”, com suas características tradicionais específicas, embora apenas um coordenador indicou este espaço como possibilidade para vivenciar momentos de lazer. Nas demais ILPIs não foram encontradas capelas, mas espaços físicos com mobiliário simples destinados à reflexão e meditação, ou seja, salas ecumênicas. Pinto; Camarinha (2006) consideram a atividade religiosa como um fator de bem-estar subjetivo. No modelo institucional descrito por estas autoras é previsto a liberdade de culto, por isto é garantido aos idosos um espaço físico para a prática da religiosidade.

As informações dos coordenadores a respeito de ambientes para leitura também apontaram discrepâncias com o observado pela pesquisadora ou relatado pelos residentes. A título de exemplo, o entendimento de cada coordenador foi diferente para o que seja uma biblioteca. Um coordenador demonstrou clara intenção em providenciar um espaço específico para biblioteca, incluindo a catalogação de livros com a colaboração de um residente idoso. Embora este espaço físico tenha sido mencionado por poucos coordenadores, constatou-se, através de anotações no diário de campo, que algumas ILPIs possuíam salas com livros aleatoriamente dispostos em estantes. Estes espaços eram também utilizados para outros fins, ou seja, não se destinavam apenas para leitura. Estudos do IPEA indicam que os ambientes de biblioteca e sala de leitura são pouco usuais nas ILPIs mineiras, o que coincide com os dados encontrados nas ILPIs filantrópicas da capital mineira abordadas nesta dissertação.

4.6.6 A acessibilidade aos diferentes espaços de lazer na ILPI

Para que os espaços físicos possam ser realmente inclusivos, a acessibilidade deve ser assegurada, garantindo a todos os usuários autonomia e segurança. Ademais, um espaço físico acessível tem o poder de modificar a integração dos idosos, tornando-os mais autônomos. As ILPIs recebem um contingente de pessoas com diferentes realidades e o que se espera é que estas instituições tenham estrutura adequada para recebê-los, coerentes com o princípio da inclusão.

Um grupo de coordenadores compreendeu a questão sobre a acessibilidade somente em relação aos espaços físicos internos das ILPIs, associando-os a equipamentos básicos de segurança, como rampas e corrimãos, não levando em conta a situação de residentes cadeirantes que necessitam de acompanhante nem de idosos dependentes. Na verdade, há sempre uma acessibilidade condicionada, especialmente quando se leva em consideração

variáveis como chuva e apoio de cuidadores. Um coordenador compreendeu acessibilidade como a capacidade de deslocamento do idoso até um espaço de lazer, sem levar em conta a infraestrutura da ILPI: “A maioria das idosas vão sozinhas. Agora outras precisam ser acompanhadas pelos técnicos e cuidadores” (E01). Houve caso em que o coordenador analisou apenas a situação atual de independência dos idosos: “Como o lar, a regra do lar, a norma, é idosos de grau I, no máximo grau II, aí pra mim eu acho que é fácil (a acessibilidade), é tranquilo” (E74). Salvo algumas exceções, à medida que aumenta a idade, as pessoas ficam mais propensas a fragilidades associadas à locomoção (Teixeira, 2007). Assim, é preciso avaliar as condições do ambiente físico para promover autonomia também a longo prazo, e especialmente nas ILPIs. As garantias de segurança, funcionalidade e atitudes positivas das pessoas frente às incapacidades devem ser asseguradas ao longo da vida, e por isto a acessibilidade aos espaços físicos torna-se fundamental (PRADO; PERRACINI, 2007).

É importante lembrar que *espaços livres* ou *liberados* não indicam necessariamente espaços acessíveis. Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), acessível é “o espaço, edificações, mobiliário, ou elemento que possa ser alcançado, visitado e utilizado por qualquer pessoa, inclusive aqueles com deficiência” (ABNT NBR 9050.2004, página 2). Para Tomasini; Alves (2007, p.98) o que se observa nas ILPIs é a “falta de condições ambientais adequadas que possam maximizar os ganhos e minimizar as perdas através da eliminação de barreiras físicas e garantia de acessibilidade nos ambientes”.

Sendo a ILPI também um ambiente de residência, ela deve propiciar aos idosos a oportunidade de reconstrução de seus espaços de moradia, ajustando preferências e segurança. Como menciona Faleiros; Morano (2009), é através da participação na organização das programações e normatizações que é possível estimular a autonomia, não ficando somente sujeito a regulamentos impostos pela instituição. Por exemplo, na elaboração de projetos arquitetônicos e reformas dos espaços institucionais, os idosos poderiam ser convidados para sugestões de espaços físicos que os agradassem e oferecessem segurança. Para Mercadante (2002) a existência de uma comunidade participativa faz-se necessária porque estabelece a ideia de pertencer ao grupo em que vive. Há outras ações citadas pelos coordenadores entrevistados que favorecem a autonomia no idoso. É exemplo disso o seguinte relato: “Por que muitas residentes, elas gostam de fazer sua caminhada na praça, elas tem um momento de oração, elas vão à Igreja. (...) Outras gostam de visitar amigos. Então a gente faz uma programação, deixando também horários livres para elas” (E61).

Em primeiro lugar, esta atitude remete ao direito, que deve ser sempre respeitado, de ir e vir dos idosos cognitivamente capazes (Pinto; Camarinha, 2006). Para a preservação deste

direito fundamental, estas autoras recomendam que as instituições, para evitar conduta irresponsável, mantenham um acompanhamento sistematizado com atenção individualizada, avaliando as condições cognitivas dos residentes por meio de protocolos validados e por meio de observação direta. De outro lado, este tempo livre é importante para o idoso institucionalizado porque contribui para o desenvolvimento do senso de autoeficácia. Neri (2007, p.34) cita Bandura ao definir que o “senso de auto-eficácia consiste em combinar o senso de competência e confiança nas próprias habilidades”, tão importante para o bem-estar do idoso. Esta mesma autora chama à atenção as pré-concepções sobre envelhecimento criadas pela sociedade, por exemplo, ao se acreditar que velhice conduz necessariamente a um declínio nas competências físicas e cognitivas. Deste modo, “ao longo de toda a vida as pessoas aprendem a ter expectativas compatíveis com essas crenças, ou seja, aprendem que é normal e esperado perder competências e passam a comportar-se de acordo com essas crenças” (NERI, 2006, p.4). À medida que estas pessoas têm a oportunidade de experimentar diferentes possibilidades de lazer, elas são estimuladas a visualizar novos desejos e formas de realizá-los (PINTO, 2008).

É importante considerar que as desigualdades nas oportunidades de lazer para os residentes, além da exclusão, aumentam o risco de isolamento, sensação de abandono e depressão. Gera-se um círculo vicioso: com a não participação nas atividades, especialmente as externas, diminui a interação com o grupo, potencializando a desvinculação das relações sociais. Para Marcellino (1996, 2006) há obstáculos, no plano cultural, que restringem a prática do lazer aos idosos, como a falta de acesso adequado a cinemas, teatros e bibliotecas. Estas limitações de oportunidades requerem políticas que viabilizem a democratização do lazer.

4.6.7 Práticas de lazer fora do espaço físico da ILPI

No caso de passeios externos à ILPI, apenas 02 coordenadores indicaram que a instituição busca incentivar familiares e amigos a passear com os residentes. Geralmente são os assistentes sociais que buscam estimular os vínculos familiares, por exemplo, mobilizando as famílias a acompanhar o idoso em jogos de bingo em festas promovidas em escolas. Faleiros; Morano (2009) destacam a importância destas ações de incentivo ao convívio social e familiares de origem por duas razões: primeiro por se tratar de um direito descrito no artigo 3º do Estatuto do Idoso, e que precisa ser cumprido pelas ILPIs; em segundo lugar, passeios

externos com familiares ou amigos rompem com o cotidiano estático e monótono da instituição.

A possibilidade de ir e vir, passear, visitar amigos auxilia na construção de novas estratégias de ação e melhores condições de lidar com estresse (CREUTZBERG, 2005). Além disso, como afirma Magnani (2009) é preciso que os idosos exerçam o “direito à cidade”, no qual possam usufruir os espaços de lazer construídos por gerações e ainda possam aproveitar para estabelecer contato com diferentes gerações.

A cidade dispõe de pouco ou nenhum espaço físico nas proximidades das residências pesquisadas, e em condições adequadas para o idoso com dificuldades de locomoção. O rigor das leis relativas à responsabilidade das ILPIs para com os idosos e ao mesmo tempo a fragilidade destes usuários exigem dos coordenadores atitudes de muita cautela, como cita E16: “Elas já não têm mais segurança pra andar. Os passeios (calçadas) são irregulares, e mesmo sendo um lazer próximo, há um risco muito grande de queda”. Esta observação do coordenador é bastante procedente, uma vez que a maior dificuldade de idosos institucionalizados é andar sem auxílio, devido à diminuição dos níveis de força muscular e dificuldades em mudar rapidamente de direção. Consequentemente, ocorrem alterações funcionais no andar e no equilíbrio, aumentando a incidência de queda, que são as maiores causas de morbidade e mortalidade em idosos (CARLOS *et al.*, 2009; REBELLATO; CASTRO; CHAN, 2004; SOUZA *et al.*, 2011). Apenas uma ILPI da região central situa-se próxima a uma praça, o que possibilita aos idosos mais independentes lá realizar caminhadas, uma vez que não há espaço adequado na instituição: “A solidão aqui é braba! Aí eu me viro, eu saio pra fazer a caminhada. Eu faço na rua aqui” (E7). Em geral os espaços físicos possíveis para a prática de lazer, por exemplo, praças, parques e pistas para caminhada, possuem pisos inadequados ou mal conservados, especialmente nas regiões mais periféricas da cidade.

As redondezas de muitas instituições são de ruas acidentadas com passeios irregulares e estreitos, sem praças nas proximidades e com trânsito de veículos intenso. Somada a estas dificuldades há a falta de acompanhantes/ cuidadores. Concordando com Marcellino (2005), a distância entre as moradias e os espaços específicos de lazer, as dificuldades de transporte e a falta de segurança contribuem para confinar cada vez mais estas pessoas ao ambiente em que residem. Esta carência quanto aos espaços públicos de lazer para atender o idoso é relatada em outras cidades brasileiras: Belo Horizonte (MG) (TIRADO, 2000); Jataí (GO) (RODRIGUES, 2002); Feira de Santana (BA) (ALMEIDA *et al.*, 2005); Ermelino Matarazzo

(SP) (SALVADOR, 2009); e um município de porte médio da região central do estado de São Paulo (INOYE; PEDRAZZANI, 2007).

4.6.8 Discussão da resposta dos coordenadores à questão final: “Você gostaria de dizer algo mais”?

Os coordenadores expressaram suas percepções a respeito do lazer nas ILPIs que muito contribuíram para o trabalho, possibilitando visualizar uma maior diversificação das práticas de lazer vivenciadas nestas ILPIs. No entanto, a última pergunta da entrevista foi importante porque deu liberdade ao entrevistado para falar algo mais sobre alguma pergunta anterior, ou para comentar algo não abordado na entrevista. Treze coordenadores aproveitaram a oportunidade para tal.

Há coordenadores que reconhecem a necessidade de práticas de lazer em suas ILPIs e acreditam que o lazer possa diminuir a inatividade: “Falta bastante atividade ainda. Por que eu acho que as idosas ficam muito paradas, levam uma vida muito sedentária, vivem no ócio” (E1). Embora os coordenadores usem o termo ócio, eles querem dizer ociosidade, ou seja, “tempo que se passa desocupado” (FERREIRA, 2008, p. 588). Também Marcellino (1987) frisa que é importante distinguir ócio de ociosidade. O ócio como valor positivo é fonte de satisfação vital, indispensável à vida, enquanto ociosidade traz uma conotação negativa, de “negação da operosidade” (MARCELLINO, 1987, 2004, p.33).

Na visão de três coordenadores, o lazer é compreendido como algo que possa “mobilizar as pessoas, para que no processo de cuidar do corpo elas construam novas relações de vínculo”, buscando uma “vida melhor” (CARVALHO, 2008, p.114). Assim, os coordenadores entrevistados creem que as práticas de lazer, enquanto complementares aos cuidados mais básicos em saúde, podem contribuir para amenizar os riscos que podem surgir com a fragilidade e com o declínio cognitivo. Isso é ilustrado pelo depoimento de alguns coordenadores: “Seria uma coisa maravilhosa, se a gente pudesse ter mais atividades de lazer. Realmente durante a semana elas ficam muito ociosas” (E25); “A gente fica muito preocupado com o cuidado às vezes dos acamados, dos dependentes, e o que é independente fica às vezes muito ocioso” (E16); “Por que isso melhora o humor, melhora as relações, evita a ociosidade... Também eles ficam mais participativos” (E30).

Por outro lado, dois coordenadores notaram que, além da carência de atividades, ainda são necessárias práticas mais envolventes, visto que a maioria dos idosos são resistentes à participação nas atividades oferecidas. As falas dos coordenadores remetem a esta

preocupação: “Eu acho que teria que ser implantadas mais atividades voltadas para elas: é crochê, é música, leitura para que elas possam exercer” (E1); “Uma dança sênior (...) A dança eu acho importante demais” (E25). Santos (2007) sugere que as ILPIs com idosos com pouca participação na vida institucional devem ser regidas por um estilo de gerenciamento que proporcione diálogo e autonomia. Assim, é preciso que toda a comunidade institucional se empenhe na construção de ações que sejam significativas para o idoso, seja através da observação diária das diferentes formas de interagir entre residentes, seja através de experiências práticas levando em conta suas opiniões e vontades.

Para Gomes; Pinheiro; Lacerda (2010) apenas “ocupar” o tempo livre não é o suficiente. Atividades dinâmicas e criativas, novas formas de experimentar práticas de lazer para oportunizar o aprendizado, devem ser pensadas para os idosos. Para tanto estes estudiosos enfatizam que se deve investir na formação de profissionais que interajam melhor com os idosos para construir coletivamente atividades que atendam os interesses desta população. No caso específico do lazer, as práticas precisam ser experimentadas nas suas diversas formas pelos “sujeitos e pela sua comunidade, através de manifestações lúdicas da cultura como festas, passeios, esporte, artesanato, desfrute da companhia de amigos, bate papo, a fim de construir redes de sociabilidade (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010, p.21).

Um coordenador indicou ao final da entrevista uma experiência muito interessante de encontro entre instituições com o objetivo de criar redes de suporte social. As redes de suporte social são definidas como um “conjunto hierarquizado de pessoas que mantêm entre si laços típicos de dar e receber que lhes permitem manter a identidade social, dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, e estabelecer novos contatos sociais” (CAPITANINI; NERI, 2005, p.73). Pessoas que experimentam e vivenciam contatos e trocas umas com as outras são beneficiadas por desenvolverem hábitos mais saudáveis regulando o estresse pela ajuda dada ou recebida, influenciando positivamente o bem-estar psicológico (RAMOS, 2002). O entrevistado explicou que, em outras épocas, a instituição disponibilizava de espaço para organização de um baile com o intuito de integrar idosos e comunidade asilar de diferentes ILPIs. Como evidenciado por Neri (2008), este exemplo de prática é relevante por estimular o senso de comunidade e de afirmação de identidade social enquanto grupo. O baile oportunizava troca de experiências e conquistas, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas para a promoção da boa autoimagem e autoestima (NERI, 2008). O coordenador reconhece os efeitos positivos desta interação social, mas lamenta os impedimentos para a continuidade do evento: “Antigamente vinha pessoas de outros lares.

Então aqui fazia o baile, mas agora não tá acontecendo isso. Não sei se é a dificuldade de locomoção, né, porque tem que ter ônibus” (E58) (para transportar os residentes das ILPIs ao local do baile).

Na amostra foram encontradas instituições que oportunizam ofertas satisfatórias de lazer, as quais contribuem para desmistificar a ideia de abandono ou de que nada pode ser feito em ILPIs filantrópicas. A diversificação destas atividades cumpre o importante papel de garantir a escolha verdadeira, autêntica, de práticas de lazer (MARCELLINO, 2008). Além disso, é importante destacar avaliações positivas das ILPIs, como a que fazem estes coordenadores: “Aqui, né, é um lugar que ele é muito privilegiado. Eu não sei se é o acesso que eles tem, se é as pessoas que tem na instituição. É uma instituição que tem bastante atividade. E a gente ta sempre aberto pra que tenha mais né. Tudo que é melhor pra eles a gente pensa né” (E60); “A gente tem dificuldades em estar encontrando lugares, atividades pelas limitações, mas nós não deixamos de fazer não. E a equipe procura estar envolvida”(E30).

Já que as interações da ILPI com o meio externo (o bairro, a cidade) são parte das necessidades dos residentes, os coordenadores acreditam que atividades externas podem melhorar a qualidade de vida dos idosos. Isto está claro no entendimento de dois coordenadores: “Lazer pra eles é muito importante principalmente fora da instituição” (E75); “Que as pessoas lá fora que têm uma área de lazer, que têm um sítio, um lugar que possa levá-los, que entre em contato conosco, fazendo um convite” (E64).

Embora as garantias legais do lazer como um direito de todos sejam previstas na Constituição Federal Brasileira (1988) e no Estatuto do Idoso (2003), são muitas as barreiras (carência de recursos financeiros, humanos, técnicos) no cotidiano destas ILPIs. O coordenador E57 acredita que há descaso por parte do poder público municipal em virtude da ausência de recursos para a oferta de lazer externo aos residentes, fora da residência. Isto porque o transporte é garantido somente para idosos independentes, sem cumprir com a inclusão dos cidadãos com dificuldades de locomoção, ou mesmo deficientes. Logo, a (ILPI é forçada a também excluir este idoso, e esta exclusão é fator de risco para a qualidade de vida do sujeito. Para Ortuzar (2008) a garantia de inclusão envolve três processos: a criação de projetos para todos; a reiteração da obrigação que o setor público tem quanto à viabilização de condições para a participação; e as parcerias com associações de pessoas com deficiência, com o intuito de amparar a intenção da ILPI em aumentar a participação social do idoso deficiente.

Outro coordenador se refere ao preconceito em relação às ILPIs e aos idosos institucionalizados, como se estes fossem pessoas que não fizessem parte da comunidade. Em sua fala o coordenador E75 expressa o incômodo ao perceber a indiferença e pouco acolhimento aos idosos: “Às vezes a gente sente um pouco de indiferença em determinados locais que a gente chega com eles, porque são pessoas que tem deficiência, por mais que você arrume, não tá bonita. (...) Não há acolhimento. E quando fala em instituição...” (E75).

Para Creutzberg; Gonçalves; Sobottka (2008), um dos motivos da estigmatização das ILPIs está na forma de veiculação das imagens na mídia, com matérias sensacionalistas e negativas que reforçam o imaginário social preconceituoso e discriminatório. Estas reportagens muitas vezes são um fator de risco que contribui para a perpetuação do estigma pejorativo e depreciativo que envolve o que seja uma residência coletiva para pessoas maiores de 60 anos de idade. Reconhece-se a importância de se denunciar o descaso com o idoso asilado, mas uma real mudança de atitude na sociedade implica debates mais aprofundados sobre o idoso e sobre alternativas e iniciativas que envolvam o poder público, a família e toda a sociedade.

Percebe-se um esforço de coordenadores em mudar essa imagem de abandono e caridade através de ações pequenas e internas à instituição e através da busca por recursos para a promoção de práticas de lazer. Um coordenador demonstrou procurar desconstruir as tradicionais ideias de caridade e de pena, que inundam a ILPI, através de mudanças no ambiente institucional, por exemplo, colocando nas paredes quadros decorativos que remetem à ideia de lar. Este mesmo coordenador também admite que sempre procura questionar com os visitantes a visão de abandono que trazem sobre os idosos institucionalizados.

4.6.9 Conclusões acerca da visão da ILPI sobre as práticas de lazer

Os resultados da pesquisa envolvendo coordenadores das ILPIs filantrópicas permitiram identificar aspectos importantes que podem contribuir para o planejamento de práticas de lazer envolvendo a comunidade institucional. A pesquisa também trouxe resultados que provocam reflexões a respeito da disponibilidade de espaços físicos para a prática do lazer tanto no ambiente interno quanto externo à ILPI.

Os coordenadores parecem reconhecer a importância e a necessidade do lazer nas ILPIs, mas encontram dificuldades semelhantes a ILPIs de outras cidades ou estados. As maiores dificuldades apontadas foram falta de recursos humanos, escassez de recursos financeiros, dificuldades em convencer os idosos a participar das práticas de lazer, grande

número de residentes enfermos, e pouca confiabilidade no serviço voluntariado (especialmente em virtude da cultura arraigada de caridade e favor). A carência de recursos humanos realmente dificulta a implantação regular das práticas de lazer. Por exemplo, práticas de lazer que realmente incluam os idosos precisam de cuidadores para auxiliar no deslocamento e acompanhamento de idosos dependentes até o local da atividade. Como as ILPIs possuem quadro funcional reduzido, o cuidador não pode ser disponibilizado para o apoio. Ademais, a falta de recursos humanos na ILPI gera um nível elevado de estresse nos trabalhadores, e as ofertas de lazer de origem externa à instituição são vistas pela já reduzida equipe como algo que desequilibra a rotina asilar.

Diferente do que ocorria em outras décadas, as ILPIs tem apresentado progressos, como evidenciado na entrevista com os coordenadores. Percebe-se que mesmo diante das dificuldades, as parcerias, estágios e convênios tem oferecido serviços que diminuem o isolamento dos idosos.

4.7 Orientações para o profissional que busca proporcionar experiências de lazer para o residente de ILPI

Apesar de todas as dificuldades de recursos enfrentadas pelas ILPIs, os cuidados essenciais já não são suficientes para manter a qualidade de vida de idosos institucionalizados. A diversidade de situações apresentadas atualmente no ambiente institucional torna as ILPIs da atualidade diferente das suas origens. Encontrou-se neste estudo uma população de idosos com diversas crenças, diferentes níveis culturais e econômicos, e distintos estilos de vida. Pela característica complexa destas instituições, o desempenho e a evolução de projetos de lazer dependerá de planejamento, organização e trabalho integrado com os demais profissionais destas instituições. As orientações descritas a seguir tiveram como referência o conhecimento da realidade institucional, a experiência prática e o conhecimento produzido neste estudo.

Os profissionais que desejam trabalhar com lazer em ILPIs devem refletir primeiramente a respeito das características do público a ser atendido e buscar aperfeiçoar os conhecimentos específicos na área da gerontologia e do lazer na velhice. Além disso, os princípios éticos são essenciais aos profissionais que lidam com idosos institucionalizados, pela sua especificidade. Assim, o vestir, o uso das palavras, o tom de voz, a cortesia, a formalidade, a paciência são atributos que demonstram respeito e atenção para com os idosos residentes em ILPIs.

É fundamental estabelecer uma relação de confiança e interação com a comunidade institucional na qual as práticas de lazer serão ofertadas. O bom desempenho do trabalho dependerá de bons vínculos estabelecidos entre o profissional de lazer, os idosos e outros profissionais da ILPI. Antes de iniciar qualquer trabalho deve-se primeiramente conhecer a instituição, sua coordenação, estrutura de funcionamento e rotina, bem como a administração e perfil dos idosos. É muito importante conhecer a condição de saúde dos residentes, os graus de dependência e fragilidade, para depois estruturar um plano de atividades. Assim, o profissional neste primeiro contato deve explicitar claramente ao coordenador da ILPI o objetivo principal da proposta de trabalho com lazer na ILPI, esclarecer sobre os compromissos que poderão ser firmados, analisar a disponibilidade de horários para a prática das atividades, além de conhecer as atividades já implantadas. Somente após o conhecimento do perfil dos idosos a serem atendidos e o interesse da ILPI é que deverá ser estruturada uma proposta de plano de trabalho. Em um segundo momento este plano de trabalho deve ser discutido em conjunto com a coordenação e visando atender as necessidades dos residentes; poderá ser convidado pelo menos 01 representante dos idosos para participar da discussão da proposta de trabalho. Muitas vezes a participação dos idosos em um primeiro momento não resulta em uma ação direta, mas produz reflexões. A partir de então, o projeto poderá ser construído e estruturado de acordo com a realidade institucional.

As vivências do lazer devem contemplar seus diversos aspectos e, para tanto, devem contar sempre com o diálogo estabelecido entre os diferentes profissionais das ILPIs que porventura possam dominar, por exemplo, conteúdos culturais, artísticos, intelectuais, sociais e outras áreas que possam contribuir para o lazer. A seleção de atividades deve ser criteriosa e não confundida com uma redução simplista de brincadeiras e jogos infantis para o mundo da velhice. A finalidade principal é despertar nestes sujeitos a capacidade de participar e desfrutar efetivamente daquela atividade que escolher (seja a dança, a música, a caminhada, as festas), não somente naquele momento de lazer, mas em outras oportunidades da vida. Nesta ação multidisciplinar a ampliação do espectro de atividades pode ser uma maneira de aumentar a adesão dos idosos a pelo menos um tipo de prática.

Outro aspecto importante para aqueles que desejam ofertar o lazer nas ILPIs é a conquista do apoio de cuidadores e demais profissionais da ILPI. Assim, um interessante recurso é a proposta de palestras para os trabalhadores nas ILPIs sobre a importância do lazer na vida humana. Estas iniciativas são recursos simples, mas que podem sensibilizar todos os envolvidos no cuidado para que se tornem aliados ao desenvolvimento do projeto proposto. Não se deve esquecer que a inclusão de cuidadores nas práticas de lazer, especialmente para o

acompanhamento de idosos mais fragilizados, é imprescindível, e pode funcionar como uma troca de saberes. Pelo contato mais próximo, estes cuidadores podem indicar caminhos que favoreçam uma melhor integração do participante.

Se os profissionais de lazer desejam estimular a autonomia dos idosos através das práticas de lazer e compreendê-las como promoção de qualidade de vida, devem trabalhar a educação pelo e para o lazer. Pinto (2008) cita que três aspectos devem ser trabalhados com os envolvidos: a educação, o acesso e a oportunidade ao lazer. Nas ILPIs os idosos precisam ser estimulados a se sentirem capazes de vivenciar o lazer e superar seus condicionamentos – de aproveitar os momentos de lazer que lhes são ofertados. Paralelamente é interessante que estes idosos tomem conhecimento sobre as possibilidades de lazer na ILPI, saber quais espaços de lazer a cidade oferece, quais são disponíveis, e os serviços oferecidos (por exemplo, ingressos que podem ser disponibilizados em espaços culturais). Também é possível despertar-lhes a consciência sobre os acesso aos espaços de lazer, os recursos disponíveis, os apoios e o que pode ser solicitado ao poder público. Assim, em uma ação conjunta é possível que ILPI e equipe interessada em ofertar lazer aos idosos possam favorecer o desenvolvimento humano. Práticas de lazer que envolvam os familiares também podem ser planejadas em conjunto com a coordenação, profissionais do lazer e parcerias com familiares.

Cabe aos profissionais envolver o maior número possível de interessados, ou pelo menos mobilizá-los. Um recurso interessante durante a realização das práticas de lazer seria a disponibilização de espaços, por exemplo, cadeiras em torno do local onde acontecem as atividades para aqueles idosos que gostam de observar, de “participar olhando”. Além disso, é interessante estimular os idosos a explorar espaços diferenciados na ILPI. Para tanto, a alternância dos locais onde ocorrerem as práticas de lazer é um recurso interessante.

Sugere-se também a avaliação do trabalho efetuado com a equipe institucional, inclusive com idosos participantes, para analisar as dificuldades e avanços em relação às práticas de lazer propostas, bem como elaborar novas sugestões. Poderá ser organizado um formulário juntamente com a instituição contendo os itens sobre a participação dos idosos, condições do espaço físico, desenvolvimento da metodologia de trabalho, satisfação dos idosos, novas propostas. Durante o desenvolvimento das práticas de lazer caberá discutir com os idosos sobre as atividades propostas e pedir sugestões a fim de provocar reflexões sobre as práticas ofertadas.

Finalmente, as orientações específicas para ILPIs são as seguintes:

- Organizar reuniões e encontros entre os profissionais que oferecem práticas de lazer/ recreação na ILPI (voluntariado, estagiários, parcerias, funcionários) para troca de experiências e discussão da realidade dos idosos;
- Estruturar juntamente com os profissionais que oferecem o lazer na ILPI um cronograma anual de atividades;
- Estimular a prática de jogos cognitivos no mínimo uma vez por semana;
- Como exemplificado por uma ILPI participante do estudo, criar o “Conselho”: reunião com idosos conduzida por um profissional treinado, para discutir propostas de práticas de lazer e assuntos pertinentes à instituição;
- Como exemplificado por uma ILPI envolvida no estudo, incluir nas Comemorações o “Dia do Voluntariado”;
- Visitar outras ILPIs que promovem o lazer para troca de experiências;
- Incluir nas comemorações a participação de outras ILPIs.

Para as instituições/ organizações que oferecem cursos de capacitação para ILPIs, a orientação é a seguinte:

- Incluir nos cursos de capacitação para cuidadores de idosos em ILPIs temas sobre o lazer e sua importância na qualidade de vida de idosos institucionalizados e do trabalhador em ILPIs.

4.8 Considerações finais

A realização desta pesquisa objetivou descrever a trajetória, a atualidade e as perspectivas futuras associadas a experiências de lazer de idosos independentes institucionalizados. Os conhecimentos apresentados nos quatro capítulos possibilitaram a compreensão, análise e discussão de dois objetivos principais: conhecer as experiências de lazer dos idosos e as práticas de lazer ofertadas pelas ILPIs, e comparar estas últimas com os interesses dos idosos. Estes objetivos foram alcançados com a descrição das experiências de lazer dos idosos na fase de pré-aposentadoria, aposentadoria, na aposentadoria pré-ILPI, na atualidade (em situação de institucionalização) e perspectivas futuras de lazer. O estudo permitiu constatar pouca variabilidade nas práticas de lazer dos idosos no período que antecede a institucionalização. A partir da institucionalização há maior diversificação de atividades para a maioria dos entrevistados. Quanto ao gênero, foi possível identificar mais oportunidades de lazer para os homens no período anterior à institucionalização, na

comparação com as mulheres. No entanto, as mulheres demonstraram atitudes mais positivas quanto à ocupação do tempo livre nas ILPIs do que os homens.

Outro objetivo alcançado refere-se à descrição das práticas de lazer existentes nas ILPIs. Todos os idosos entrevistados citaram no mínimo uma prática de lazer ofertada pela ILPI. Na entrevista com coordenadores foi possível constatar que estes reconhecem a importância do lazer para a qualidade de vida dos idosos, embora não seja prioridade da instituição. Na maioria das ILPIs os coordenadores contam com o apoio do voluntariado para ofertar o lazer. A carência de espaços físicos adequados para o lazer do idoso institucionalizado e a falta de recursos financeiros e humanos são elementos que contribuem para dificultar a oferta de lazer nas ILPIs.

Há uma grande necessidade de ações políticas que possibilitem, a todos os profissionais que atuam em ILPIs, uma capacitação sobre o entendimento sobre o lazer, as formas de condução de práticas de lazer, e os benefícios da oferta destas práticas para os residentes. Além disso, as redes sociais de apoio entre as ILPIs precisam ser estimuladas para ajuda mútua e melhor distribuição dos serviços.

Uma capacitação de boa qualidade demonstraria, também, que a oferta de práticas de lazer para esta população específica carece de fundamentação científica que possibilite, em última instância, uma contribuição mais acentuada à qualidade da vida humana na ILPI. Compreender as práticas de lazer como “algo que faz passar o tempo” dos residentes é desconhecer o potencial do lazer para a promoção da qualidade de vida. As dimensões de diversão, aprendizagem, desenvolvimento e descanso precisam ser contempladas para que se possa realmente falar em lazer.

As discussões aqui apresentadas não são suficientes para dar conta de todas as questões que envolvem o desenvolvimento do lazer na ILPI, mas aponta alguns desafios que ainda precisam ser enfrentados para garantir a este público idoso o acesso ao lazer. De forma geral, a aplicabilidade do lazer nas ILPIs ainda é um processo em construção. Basta lembrar que o Estatuto do Idoso passou a vigorar em 2003, e a RDC em 2005, leis estas que garantem ao idoso o direito ao lazer. A norma da RDC nº 283, no que diz respeito ao lazer, representou um avanço para as melhorias no ambiente institucional, pois indica a possibilidade de proporcionar ao idoso mais qualidade de vida. Porém, revela algumas incoerências, como a indicação de apenas 01 profissional de lazer para cada 40 idosos.

Ora, se forem considerados os diferentes graus de dependência existentes em uma ILPI, torna-se inviável o atendimento de qualidade com apenas 01 profissional, se a intenção é garantir a participação de todos os residentes. Além disso, sabe-se que, na realidade da ILPI

filantrópica brasileira, a necessidade de recursos humanos não é suprida. Consequentemente, a prioridade é dada aos cuidados com a saúde, e as demais áreas são supridas por outros profissionais para atender normas de fiscalização. Portanto, para cumprimento de ações efetivas no que diz respeito às práticas de lazer, faz-se necessário potencializar as oportunidades para vivenciar o lazer, mas ao mesmo tempo trabalhar a educabilidade de todos os envolvidos.

Embora não fosse objetivo desta pesquisa, um dado interessante seria avaliar o grau de dependência dos entrevistados para AVD (Atividades de vida diária) e AIVDs (Atividades instrumentais de vida diária) para estabelecer possíveis comparações com a participação em diferentes tipos de práticas de lazer. Fica a sugestão para futuros estudos.

Como sugestão para futuros estudos poderiam ser abordados temas sobre as práticas educacionais nas ILPIs, e como as mesmas podem contribuir para um melhor aproveitamento do lazer. A respeito disso, poderiam ser verificadas como vem sendo implantadas as ações do EJA nas ILPIs, quais os interesses dos idosos na participação destas práticas e suas possibilidades futuras para uma das dimensões do lazer.

Outra sugestão para futuros estudos refere-se aos coordenadores. Não foi abordado no presente estudo o tempo de permanência dos coordenadores na função. Este seria um dado interessante, a fim de verificar se o tempo de permanência no cargo interfere na qualidade de prestação de serviços na ILPI, especialmente no acompanhamento de práticas de lazer por conhecimento mais detalhado da realidade do idoso.

A abordagem do lazer dos trabalhadores em ILPIs é tão importante quanto o lazer dos idosos, pois as pesquisas apontam o alto índice de estresse que estes profissionais enfrentam. Estudos futuros sobre o lazer dos cuidadores são imprescindíveis para a melhoria dos relacionamentos interpessoais, pois o cuidado humanizado depende diretamente do bem-estar de quem cuida. Além disso, a partir do momento que estes trabalhadores percebem no seu cotidiano os benefícios do lazer para uma melhor qualidade de vida, é possível que o mesmo seja transmitido aos idosos.

A realização deste trabalho despertou outras expectativas. Espera-se que outras pesquisas ocorram em ILPIs filantrópicas não conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para verificar como vem acontecendo as ofertas de lazer nestas instituições que não contam com o apoio do poder público. Também é importante pesquisar sobre as ILPIs não-filantrópicas, para verificar se o recurso financeiro é determinante nas práticas de lazer e na participação dos idosos.

Espera-se que esta pesquisa possa estimular as ILPIs a buscar ações conjuntas e interdisciplinares para aumentar a oferta de práticas de lazer em prol da promoção de qualidade de vida do idoso institucionalizado. Espera-se também que este trabalho possa estimular as famílias e a sociedade a contribuir com as instituições na promoção de práticas de lazer. Espera-se que esta pesquisa possa sensibilizar ao poder público de sua importante contribuição na promoção do lazer para idosos institucionalizados que dispõem de menos recursos. Espera-se que pesquisadores e profissionais atentem para o lazer do idoso institucionalizado, especialmente os longevos e fragilizados, reconhecendo que o lazer é uma das maneiras de contribuir para o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. B. B. **Relações entre qualidade do sono e independência funcional em idosos residentes de instituição de longa permanência**. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.
- ACOSTA-ORJUELA, G. M. **Como e porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio**. 2001. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- AFONSO, S. R. **Dorothea Orem: teoria do autocuidado**. 2003. 25 f. Monografia – Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Paulista, São Paulo, 2003.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução N. 283, de 26 de setembro de 2005. Aprova o Regulamento Técnico que define normas de funcionamento para as Instituições de Longa Permanência para idosos, de caráter residencial. **Diário Oficial da União** 27 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://portal.saude.al.gov.br/suvisa/files/rde-283pdf.>>. Acesso em: 06 dez. 2010.
- AGICH, G. J. **Dependência e autonomia na velhice: um modelo ético para o cuidado de longo prazo**. São Paulo: Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2008.
- AIRES, M.; PAZ, A. A.; PEROSA, C. T. O grau de dependência e características de pessoas idosas institucionalizadas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 79-91, jul./dez. 2006.
- ALMEIDA, M. M. G *et al.* Atividades de lazer entre idosos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Feira de Santana, v. 29, n. 2, p. 339-352, jul./dez. 2005.
- ALVES, V. P. A religião e os idosos. In: FALEIROS, V. P.; LOUREIRO A. M. L. (Org.). **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 2006, v.1, cap. 3, p. 45-55.
- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 209 p.
- AQUINO, C. A. B; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 2, set. 2007.
- ARGIMON, I. I. L. *et al.* O impacto de atividades de lazer no desenvolvimento cognitivo de idosos. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 38, n. 47, jan./jun. 2004.
- ARGIMON, I. I. L; STEIN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, jan./fev. 2005.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro, 2004. 105 p.

BADARÓ, R. A. L. Terceira idade e tempo livre. **Revista Virtual de Direito do Turismo**, Águas de São Pedro, v. 3, 2006. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/artigos/p311.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2010.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: the exercise of control. New York: W. H. Freeman and Company, 1997 *apud* NERI, A. L. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: um enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, cap. 1, p. 13-59.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70 LDA, 2009. 281 p.

BARRETO, M. L. F. Lazer e cultura na velhice. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9, 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 130-136.

BASSIT, A. Z. História de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA J. C. E. A. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 175-189.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711 p.

BENEDETTI, T. R. B.; GONÇALVES, L. H. T.; MOTA, J. A. P. S. Uma proposta de política pública de atividade física para idosos. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 387-398, jul./set. 2007.

BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, R. P. (Org.). **Terceira Idade**: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro. Rio de Janeiro: Relume – Dumará; UNATI; UERJ, 1995. p. 30-48.

BORINI, M. L. O.; CINTRA, F. A. Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos da terceira idade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 568-574, set./out. 2002.

BORN, T. Quem vai cuidar de mim quando eu ficar velha? **Kairós**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 135-148, 2001.

BORN, T.; BOECHAT, N. S. A qualidade dos cuidados ao idoso institucionalizado. In: FREITAS *et al.* (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 768-77.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 747 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei do Voluntariado nº 9608 de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntariado e dá outras providências. **Diário Oficial** [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo. Brasília, DF. 19 fev. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9608_compilado.htm>. Acesso em: 19 nov. de 2011.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 10.741**, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). Disponível em: [www.planalto.gov.br / ccivil_03 / Leis / 2003 / L.10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10741.htm)>. Acesso em: 15 ago. 2010.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto do Idoso**: Lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília: Senado Federal. Disponível em: http://www.direitoidoso.com.br/05/estatuto_do_idoso.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2010.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. **Licere**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998.

BRITO, S. C.; CARLOS, S. A. Fragmentos de discurso heterogêneo de idosos num espaço homogêneo de carência e partilha. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, Porto Alegre, v.11, p. 81-102, 2007.

BRONFENBRENNER U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979 *apud* POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A.; PEREIRA-SILVA, N. L. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR A. L. (Org.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005, cap. 4, p. 71-89.

BRUHNS, H. T. (Org.). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: UNICAMP, 1997. 154 p.

BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade, 1. Campinas: Autores Associados, 2000. 112 p.

BRUM, E. A suave subversão da velhice: o mundo das grandes solidões e pequenas delicadezas de uma casa de velhos. **Época**, Rio de Janeiro, Ano IV, n. 188, dez., 2001.

BULLA, L.C.; MEDIONDO, M. Z. Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Org.). **Idoso asilado**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Educs; Edipucrs, 2004. p. 87-113.

CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A.L; DEBERT, G.G (Org.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. p. 141-178.

CALDAS, C. P. Cuidado familiar. In: VERAS, R.; LOURENÇO, R. (Org.). **Formação humana em geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: UNATI; UERJ, 2006, p. 18-21.

CALEGARI, K. C. **Lazer e Aposentadoria**: relações e significados. 1997. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

CAMARANO, A. A. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e

expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; SESC SP, 2007. p. 169-189.

_____. **Características das instituições de longa permanência para idosos** – Região Sudeste. Brasília: IPEA, 2010. 242 p.

_____; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Rio de Janeiro, v. 27, n.1, p. 233-235, jan./jun. 2010.

_____; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda de políticas públicas. In: **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60 ?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004, cap. 8, p. 253-292.

CAMARGO, L. O. L. Sociologia do lazer. In: ANSARAH, M. G. R (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001, v. 2, p. 235-275.

CAMPAGNA, J.; SCHWARTZ, G. M. O conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 414-424, abr./jun. 2010.

CAMPEDELLI, M. A. **Dimensões lúdicas da memória trabalho**. 2000. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CAPITANINI, M. E. S.; NERI, A. L. Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em mulheres idosas vivendo sozinhas. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Org.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2005, cap. 4, p. 71-89.

CARLOS, A. P.; HAMANO I. H.; TRAVENSOLO, C. F. Prevalência de quedas em idosos institucionalizados no lar das vovozinhas e lar dos vovozinhos da cidade de Londrina. **Kairós**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 181-196, jan. 2009.

CARLOS, S. A. *et al.* Identidade, aposentadoria e terceira idade. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-89, 1999.

CARPENTER, B. D.; BUDAY, S. Computer use among older adults in a naturally occurring retirement community. **Computers in Human Behavior**, Washington, v. 23, n. 6, p. 3012-3024, nov. 2007.

CARSTENSEN, L. L. Motivação para contato social ao longo do curso da vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: NERI, A. L. (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 111-144.

CARVALHO, A. M. A.; AZEVEDO, R. P. C. O lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 16, n. 3, dez. 2006.

CARVALHO, Y. M. Lazer e Saúde: a sociedade e o social. In: MARCVELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008, cap. 6, p. 105-119.

CAVALCANTE, P. M. T.; FREITAS, M. C. Em busca de um viver saudável: relato de experiência com um grupo de idosos cadastrados na estratégia a saúde da família de Pacatuba/CE. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 92-99, jan./abr. 2007.

CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.184-200, abr. 1997.

_____; GRECO D. B. Dinâmica da institucionalização de idosos em Belo Horizonte, Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 33, n. 5, out. 1999.

CHRISTOPHE, M.; CAMARANO, A. A. Dos asilos às instituições de longa permanência: uma história de mitos e preconceitos. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: Ipea, 2010, cap. 5, p. 145-162.

CLOS, M. B. **Recusa, conformidade e libertação**: considerações sobre o processo de adaptação de idosos em uma ILPI para idosos. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CONCEIÇÃO, L. F. S. Saúde do idoso: orientações ao cuidador acamado. **Revista Médica Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 81-91, jan./mar. 2010.

CORÔA, W. S.; SANTOS R. B. O processo de desburocratização do teatro Castro Alves na década de 70. In: ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA, 2, 2009, Feira de Santana. **Anais...** Feira de Santana: UEFS, 2009, p. 1-12.

COSTA, M. I. T. P. **Reflexões sobre o idoso na sociedade contemporânea**: o lazer como um mero produto a ser consumido na velhice? 2001. 38 f. (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CREUTZBERG M. **A instituição de longa permanência para idosos e sua relação com o sistema societal**: uma análise na perspectiva da Teoria de sistemas de Niklas Luhmann. 225f. Tese. (Doutorado em Gerontologia Biomédica) – Instituto de Geriatria e Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____; GONÇALVES, L. H. T.; SOBOTTKA, E. A. A sobrevivência econômica de instituições de longa permanência para idosos empobrecidos. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 5, set.-out. 2007.

_____. Instituições de longa permanência para idosos: a imagem que permanece. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 273-279, abr./jun. 2008.

CYRINO, E. G.; TORALLES-PEREIRA, M. L. Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área de saúde: a problematização e a aprendizagem baseado

em problemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 780-8, maio/jun. 2004.

D'ALENCAR, R. S.; CAMPOS J. B. Velhice e trabalho: a informalidade como (re) aproveitamento do descartado. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 10, p. 29-43, 2006.

DAVIM, R. M. B. *et al.*, O lazer diário como falta de qualidade de vida: o que pensa um grupo da terceira idade. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 19-24, jan./jun. 2003.

DAVIM, R. M. B. *et al.* Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal / RN: características sócio-econômicas e de saúde. **Revista Latino Americana Enfermagem**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 518-524, maio/jun. 2004.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: FAPESP, 1999. 253 p.

DENNY, E. **Interpretar e agir**. Capivari, SP: Opinião, 2002.

DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. O lazer na perspectiva do indivíduo idoso. **Revista Digital**, Bueno Aires, ano. 10, n. 87, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/idos.htm>>. Acesso em: 08 set. 2010.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem sucedida. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Perseu Abramo; SESC-SP, 2007, p. 109-123.

DUARTE, Y. A. O.; LEBRÃO, M. L.; LAURENTI, R. Religiosidade e envelhecimento: uma análise do perfil de idosos do município de São Paulo. **Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 5, n. 24, p. 173-177, 2008.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 333 p.

EEFTING, E. Q. M. **Lazer para idosos aposentados**: divergências de objetivos entre instituições e clientela. 1994. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1994.

ERBOLATO, R. M. P. L. Gostando de si mesmo: a auto-estima. In: NERI, A. L.; FREIRE S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000. cap. 2, p. 33-54.

_____. Relações Sociais na Velhice. In: FREITAS, E.V.; *et al.* (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 957-964.

FALEIROS, N. P.; JUSTO, J. S. O idoso asilado: a subjetividade intramuros. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 2007.

FALEIROS, V. P. Infância e processo político no Brasil. In: RIZZINI, I.; ILLOTI, F. **A arte de governar crianças**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 33-96.

_____; MORANO, T. Cotidiano e relações de poder numa instituição de longa permanência para pessoas idosas. **Texto e Contexto Enfermagem**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 319-338, jul./dez. 2009.

FERRARI, M. A. C. Lazer, ocupação do tempo livre e os programas da terceira idade. In: NETTO, M. P. **Tratado de Gerontologia**. São Paulo: Atheneu, 2007, p. 243-251.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008. 895 p.

FRANÇA, L. H. Perspectivas existenciais em um grupo de idosos. **Intercâmbio**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 49-56, 1988.

_____. O resgate do tempo. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 85-96, maio 1989.

FRANCISCATTI, K. V. S. *et al.* **Empobrecimento afetivo**: família e instituição asilar como reflexos da individuação danificada. In: CONGRESSO ÍBERO-AMERICANO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 8, 2004. Rio de Janeiro, **Anais...** Rio de Janeiro, 2004. p. 8.

FREIRE JÚNIOR, R. C.; TAVARES, M. F. L. A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 147-58, set. 2004/ fev. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. 148 p.

FREITAS, D. C. C. V. Vulnerabilidade e resiliência em idosos institucionalizados. **Kairós**, São Paulo, Caderno Temático 7, p. 63-74, jun. 2010.

GIACOMIN, K. O olhar da vigilância sanitária. In: SEMINÁRIO INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS – UM TEMA PARA A AGENDA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: IPARDES, 2008. Disponível em:

<http://www.ipardes.gov.br/arquivos/File/Karla_Giacomin_CONS_MUNIC_idoso_BH.ppt>. Acesso em: 01 nov. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GOBBI, S. *et al.* Comportamento e barreiras: atividade física em idosos institucionalizados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 451-458, 2008.

GODBEY, G. Leisure, Recreation, Play and Flow. In: _____. **Leisure in your life**: an exploration. 6. ed. State College/ PA: Venture Publishing , 1999, p. 1-20.

GOLDSTEIN, L. L.; NERI, A. L. Tudo bem graças a Deus: religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. 7 ed. Campinas: Papirus, 2007, p. 109-136.

GOMES, C. L. **Significados de recreação e lazer**: reflexões a partir da análise de experiências institucionais. 2003. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

_____. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 151 p.

_____. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTINI, J. L. M.; GOMES, C. L.; ELIZALDE R. **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**, Belo Horizonte: SESC/ OTIUM, 2011, p. 33-46.

_____; PINTO, G. B. O lazer na velhice: reflexão sobre as experiências de um grupo de idosos. **Kairós**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 113-133, dez. 2006.

_____; PINHEIRO, M. F. G. Lazer, velhice e instituição asilar: Reflexões baseadas na revisão de literatura e nos trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (2001-2005). **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 18, n. 40, p. 27-38, out. 2007.

_____; PINHEIRO, M.; LACERDA, L. **Lazer, turismo e inclusão social**: intervenção com idosos. Belo Horizonte: UFMG, 2010. 129 p.

GRAEFF, L. **O “mundo da velhice” e a cultura asilar**: estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique em Porto Alegre. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GRAEFF, L. Instituições totais e a questão asilar: uma abordagem compreensiva. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 11, p. 9-27, 2007.

GROENWALD, R. Idosos asilados no município de Canoas. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Org.). **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Edipucrs, 2004, p. 13-60.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 67-87, 1999.

GROSSI, P.K.; SCHARDOSIM, M.; VARGAS, C. O. L. Idosos institucionalizados. In: DORNELLES, B.; COSTA, G. J. C. (Org.). **Lazer, realização do ser humano**: uma abordagem para além dos 60 anos. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2005, p. 136-143.

GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas: Autores Associados, 2001. 125 p.

HEREDIA, O. C. Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v. 2, p. 7-21, 1999.

HERÉDIA, V. B. M.; CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B. Institucionalização do Idoso: Identidade e Realidade. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Org.). **Idoso Asilado**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Edipucrs, 2004, p. 13-60.

HILL, T. D. *et al.* **Religious attendance and cognitive functioning among older mexican americans**. Journals of Gerontology B. Psychol Sci. Soc. Sci, Texas, v. 61, n. 1, p. 3-9, jan. 2006 *apud* RIBEIRO, P. C. C. R.; YASSUDA, M. S. Cognição, estilo de vida e qualidade de vida na velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: um enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, cap. 7, p. 189-204.

INOUE, K.; PEDRAZZANI, E. S. Nível de instrução, status socioeconômico e avaliação de algumas dimensões da qualidade de vida de octogenários. **Revista Latino Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 15, n. 15, p. 742-747, set./out. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&>. Acesso em: 14 nov. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2002. **IBGE**: população brasileira envelhece em ritmo acelerado. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1isp272>. Acesso em: 13 out. 2010.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Disponível em <<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php>>. Acesso em: 13 out. 2010.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Instituições de longa permanência para idosos**: caracterização e condições de atendimento, Curitiba: IPARDES, 2008. 109 p. Disponível em <www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 16 set. 2011.

ISAYAMA, H. F.; GOMES, C. L. O Lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e Sociedade**: múltiplas relações. Campinas : Alínea, 2008, cap. 9, p. 155-174.

IWANOWICZ, J. B. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, H. T (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 101-29.

JOIA, L. C.; RUIZ, T.; DONALÍSIO, M. R. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população idosa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 131-8, 2007.

KOWALSKI, M. **Estudos do lazer**. Viçosa, MG: UFV, 2007 (Apostila) *apud* PINTO, G. S. **Relações entre família, trabalho e lazer**: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa, 2008, 82 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

LAFIN, S. H. F. Asilos: algumas reflexões. In: CORTELLETTI, I. A.; CASARA, M. B.; HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.). **Idoso asilado**: um estudo gerontológico. Caxias do Sul: Educ/Edipucrs, 2004, p. 111-113.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1986. 198 p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LEAL, A. M. **Lazer e idoso**: uma questão de cidadania. 2007. 80 f. Monografia (Especialização em Estudos Avançados do Lazer/ UFMG em parceria com IEL/ SESI) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LICERE. Belo Horizonte: UFMG, Centro de Estudos de Lazer e Recreação, 1998-. Semestral.

LOPES, F. L. *et al.* Diagnósticos de enfermagem de idosos residentes em uma instituição de longa permanência (ILP). **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 59-67, jan./mar. 2007.

MACKLIN, R. **Good citizen**: case comentary. I: KANE, R. A., CAPLAN A. L. (Ed) *Everyday Ethics: Resolving Dilemmas in Nursing Home Life*. New York: Springer, 1990. p. 60-70 *apud* AGICH George J. **Dependência e autonomia na velhice**: um modelo ético para o cuidado de longo prazo. São Paulo: Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2008.

MAGNANI, J. G. C. **O homem idoso e sua participação social**: lazer, militância política e cultural. In: SEMINÁRIO ENVELHECIMENTO MASCULINO. 2009, São Paulo. Tópicos temáticos. São Paulo: 2009. 11 p. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/461.rtf>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

MAIA, G. F.; LONDERO, S.; HENZ, A. O. Velhice, Instituição e Subjetividade. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 12, n. 24, p. 49-59, 2008.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1996. 100 p.

_____. **Lazer e Educação**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2004. 164 p.

_____. **Pedagogia da Animação**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005. 149 p.

_____. (Org.). **Lazer e Sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008. 191 p.

MATTOS, P.; LINCOLN C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.4, n. 39, p. 823-847, jul./ago. 2005.

MCPHERSON, B. Envelhecimento populacional e lazer. In: SESC/WRLA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC, 2000. p. 227-249.

MELO, V. A. Programas de lazer para idosos no Brasil: sugestões com base em um panorama. In: _____. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Ibrasa, 2003, cap. 2, p. 57-71.

_____. Lazer, animação cultural e cinema: “os comentários cinematográficos”. **Licere**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 93-110, 2005.

MERCADANTE, E. F. Comunidade como um novo arranjo social. **Kairós**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 17-34, 2002.

MILLS, W. P. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, 246 p.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. 209 p.

_____; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, 108 p.

_____; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: Oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Centro de Apoio Operacional das Promotorias e Justiça de Defesa dos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência e Idosos. **Termo de Ajustamento de Conduta n. 018** de 26 de agosto de 2003. Dispõe sobre a garantia por parte do poder público municipal de melhor atendimento aos idosos abrigados nas instituições de longa permanência filantrópicas. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.pgj.mp.mg.gov.br/caoppdi>>. Acesso em: 06 nov. 2010.

MIRANDA, L.; GUIMARÃES, A. C. A.; SIMAS, J. P. N. Estilo de vida e hábitos de lazer de freiras e padres idosos de Florianópolis. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 15-22, 2007.

MIRANDA, L. M.; FARIAS, S. F. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 13, n. 29, p. 383-94, abr./jun. 2009.

MOIMAZ, S. A. S. *et al.* O idoso no Brasil: aspectos legislativos de relevância para profissionais de saúde. **Espaço para a Saúde**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 61-69, jun. 2009.

MORAES, E. M.; SALVAJOLLI, J. A. M. Recreação e lazer em uma instituição de longa permanência para idosos. In: PINTO, S. P. L. C. *et al.* (Org.). **O desafio multidisciplinar**: um modelo de instituição de longa permanência para idosos. São Caetano do Sul: Yendis, 2006, p. 369-379.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia social**: envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997. 283 p.

MUNNÉ, F. **Psicosociologia del tiempo libre**: um enfoque crítico, México: Trillas, 1980.

NERI, A. L. (Org.). **Psicologia do envelhecimento**: temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus, 1995, 276 p.

_____. Teorias psicológicas do envelhecimento. In: FREITAS, E.V. *et al.* (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p. 32-45.

_____. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 16, n. 34, p. 7-24, 2005.

_____. O senso de auto-eficácia como mediador do envelhecimento bem-sucedido no âmbito da cognição, das competências para a vida diária e do autocuidado à saúde. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Org.). **Auto-eficácia em diferentes contextos**, Campinas: Alínea, 2006. v. 1, p. 60-97.

_____. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006.

_____. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice: um enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007, cap. 1, p. 13-59.

_____. **Palavras-chave em gerontologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008. 214 p.

_____; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT G. G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999, p. 113-140.

_____; FREIRE, S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000. 135 p.

NOGUEIRA, E. J. *et al.* Rede de relações sociais e apoio emocional: pesquisa com idosos. **Iniciação Científica CESUMAR**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 65-70, jan./jun. 2009.

NOVAES, R. H. L. **Os asilos de idosos no Estado do Rio de Janeiro** - repercussões da (não) integralidade no cuidado e na atenção à saúde dos idosos. 2003. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

OKUMA, S. S.; MIRANDA, M. L. J.; VELARDI, M. Atitudes de idosos frente à prática de atividades físicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 47-54, 2007.

OLIVEIRA, K. L.; CRUVINEL M.; ANGELI, A. A. Atitudes de leitura e desesperança em idosos. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 37, p. 245-254, maio/ago. 2007.

OLIVEIRA, R. B. A.; VERAS, R. P.; PRADO, S. D. “O fim da linha?” Etnografia da alimentação de idosos institucionalizados – reflexões a partir das contribuições metodológicas de malinowski. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 1, Rio de Janeiro, dez. 2010, p. 133-144.

OLIVEIRA, Y. A. D. O lazer do idoso. In: RODRIGUES, R. A. P.; DIOGO, M. J. (Org.). **Como cuidar dos idosos**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1996, p. 113-119.

ORTUZAR, A. M. Ócio e inclusão. In: CABEZA, M. C.; MARTINS L. C. (Org.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As musas, 2008, p. 313-332.

PALMINI, A. L. F. Estimulação social, lazer e seus efeitos neuroprotetores. In: SIMPÓSIO DE NEUROCIÊNCIAS UFMG, 4, 2010. Belo Horizonte. **Resumo não publicado...** Belo Horizonte, 2010.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 184 p.

PASCHOAL, S. M. P. Envelhecimento na perspectiva de gênero. In: CÔRTE, B. F. E.; GAETA A. I. (Org.). **Masculin(idade) e velhices**: entre um bom e mau envelhecer, São Paulo: Vetor, 2006, p. 81-90.

PAVAN, F. J.; MENEGHEL, S. N.; JUNGES, J. R. Mulheres idosas enfrentando a institucionalização. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2187-2190, set. 2008.

PEDROZO, S. K.; PORTELLA, M. R. Solidão na velhice: algumas reflexões a partir da compreensão de um grupo de idosos. **Boletim da Saúde**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 171-183, 2003.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: Barros, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 69-84.

PELEGRIIN, A. K. A. P. *et al.* Idosos de uma instituição de longa permanência de Ribeirão Preto: níveis de capacidade funcional. **Arquivos de Ciências da Saúde**, São José do Rio Preto, v. 15, n. 4, p. 182-188, out./dez. 2008

PELUSO, M. A. M.; ANDRADE, L. H. S. G. Physical activity and mental health: the association between exercise and mood. **Clinics**, v. 60, n. 1, p. 61-70, 2005.

PINTO, G. S. **Relações entre família, trabalho e lazer**: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa, 2008. 82 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

PINTO, L. M. S. M. Lazer e educação: desafios da atualidade. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008, cap. 3, p. 45-61.

_____. Experiência educativa lúdica. In: Salgado, M. U. C.; MIRANDA, G. V. (Org.). **Veredas**: formação superior de professores. Belo Horizonte: SEE – MG, 2004. Módulo 6, v. 1, p. 21-52.

_____. **Políticas participativas do lazer**. Brasília: SESI-DN, 2006. 97 p.

PINTO, S. P. L. C.; CAMARINHA, H. S. Considerações sobre a institucionalização de idosos e o modelo assistencial. In: PINTO, S. P. L. C. *et al.* (Org.). **O desafio multidisciplinar**: um modelo de instituição de longa permanência para idosos. São Caetano do Sul: Yendis, 2006, cap. 2, p. 23-48.

_____; *et al.* Visão multidisciplinar sobre o ambiente da Casa Gerontológica da Aeronáutica Brigadeiro Eduardo Gomes. In: _____ *et al.* (Org.). **O desafio multidisciplinar**: um modelo de instituição de longa permanência para idosos. São Caetano do Sul : Yendis, 2006, cap. 3, p. 49-68.

PLATI, M. C. F.; *et al.* Sintomas depressivos e desempenho cognitivo nos idosos: relações entre institucionalização e realização de atividades. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 118-121, jun. 2006.

POLARO, S. H. I. **A satisfação do usuário idoso**: um indicador de qualidade do cuidado à saúde. 2001. 110 f. Dissertação (Mestre em Saúde Pública) - Escola Interinstitucional em Saúde Pública, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

POLLO, S. H. L.; ASSIS M. Instituições de longa permanência para idosos - ILPIs: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2008.

POLÔNIA, A. C.; DESSEN, M. A.; PEREIRA-SILVA, N. L. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR A. L. (Org.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005, cap. 4, p. 71-89.

PRADO, R. A.; PERRACINI, M. R. A construção de ambientes favoráveis aos idosos. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, cap. 9, p. 221-229.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Relatório de desenvolvimento humano 2010. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/rdh/>>. Acesso em: 23 out. 2010.

RABELO, D. F. Auto-eficácia. In: NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008, p. 19-22.

RAMOS, M. P. Apoio social e saúde entre idosos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 156-175, jan./jun. 2002.

REBELATTO, J. R.; CASTRO A. P.; CHAN, A. Quedas em idosos institucionalizados: características gerais, fatores determinantes e relações com a força de preensão manual. **Acta Ortopédica Brasileira**, v. 15, n. 3, p. 151-154, 2007.

REGIONAIS DE BELO HORIZONTE. In: Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regionais_de_Belo_Horizonte>. Acesso em: 23 out. 2010.

REQUIXA, R. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977. 111 p.

RESENDE, M. C.; NERI, A. L. Envelhecer com deficiência física: possibilidades e limitações. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: um enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, cap. 10, p. 231-250.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. São Paulo: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1979-.

REZENDE, R. Afeto, velhice e lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 1-21, dez. 2008.

RHODEN, I. Ócio construtivo e o desenvolvimento humano. In: CABEZA, M. C.; MARTINS, J. C. (Orgs.). **Ócio para viver no século XXI**. Fortaleza: As Musas, 2008, p. 57-77.

RIBEIRO, P. C. C. R.; YASSUDA, M. S. Cognição, estilo de vida e qualidade de vida na velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice: um enfoque multidisciplinar**. Campinas: Alínea, 2007, cap. 7, p. 189-204.

RODRIGUES, M. C. O. **Lazer e o idoso: uma possibilidade de intervenção**. 2002. 178 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. O lazer do idoso: barreiras a superar. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 105-108, out. 2002.

ROSA, P. V. *et al.* Capacidade funcional entre idosos institucionalizados da região do Alto Jacuí – Rio Grande do Sul. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 281-294, 2009.

SALVADOR, E. P. *et al.* Percepção do ambiente e prática de atividade física no lazer entre idosos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 6, p. 972-980, 2009.

SANTANA, J. O. *et al.* Envelhecimento, lazer e instituições de longa permanência. In: SEMINÁRIO “O LAZER EM DEBATE”, 9, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Plêiade, 2008. p. 301-16.

SANTOS FILHO, J. A. A. **O brincar no mundo do idoso**. São Paulo: All Print, 2004. 119 p.

SANTOS, K. R. **Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários**. 2007. 253 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SANTOS, L. D. *et al.* A eficácia da atividade física na manutenção do desempenho funcional do idoso: revisão de literatura. **Fisioterapia Brasil**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 160-177, maio/jun. 2001.

SARRIERA, J. C. *et al.* Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular. **Psicologia e Sociedade**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 85-89, jan./abr. 2007.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, out./dez. 2008.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SILVA, C. A. *et al.* Relacionamento de amizade na instituição asilar. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 274-83, jun. 2006.

SILVA, E. A. O.; LACERDA, A. M. G. M. A violência e os maus-tratos contra a pessoa idosa. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 17, n. 3/4, p. 239-255, mar./abr. 2007.

SILVA, M. J. *et al.* Avaliação do grau de dependência nas atividades de vida diária em idosos da cidade de Fortaleza. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 201-205, abr./jun. 2006.

SILVEIRA, D. C. *et al.* Produção científica nacional em lazer e envelhecimento: resultados preliminares. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFMG, 19, 2010. Belo Horizonte: UFMG, 2010. **Resumo**. Disponível em: < www.ufmg.br/prpq/arquivos/015774.html >. Acesso em: 26 out. 2010.

SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência, Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002.

SOARES, D. H. P. *et al.* Aposenta-ção: programa de preparação para a aposentadoria. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 143-161, 2007.

SOUZA, L. K.; HUTZ C. S. Relacionamentos pessoais e sociais: amizades em adultos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

SOUZA, L. M.; LAUTERT, L. Trabalho voluntário: uma alternativa para a promoção da saúde de idosos. **Revista da Escola de Enfermagem - USP**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 371-376, jun. 2008.

SOUZA, P. D. *et al.* Aptidão funcional de idosos residentes em uma instituição de longa permanência. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 7-16, 2011.

TAVARES, S. S.; NERI, A. L.; CUPERTINO, A. P. Saúde emocional após a aposentadoria. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Org.). **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papirus, 2004, cap. 5, p. 91-110.

TEIXEIRA, I. N. D. Fragilidade biológica e qualidade de vida na velhice. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida na velhice**: enfoque multidisciplinar. Campinas: Alínea, 2007, cap. 5, p. 151-171.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social Science Medicine**, v. 41, n. 10, p. 1403-1409, 1995.

TIRADO, M. G. A. **A percepção dos idosos sobre envelhecimento e independência**: um estudo qualitativo no município de Belo Horizonte. 2000. 126 f. Tese (Doutorado em

Demografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

TIRADO, M. G. A. Lazer do idoso. Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte. Gerência de Assistência/ Coordenação de atenção á saúde do idoso. **Protocolo de avaliação admissional multidimensional do idoso institucionalizado**. Belo Horizonte, jan. 2004. Disponível em: <www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geas/protocolodeatencaoasaudedoidoso.doc>. Acesso em: 06 dez. 2011.

TOMASINI, S. L. V.; ALVES, S. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 88-102, jan./jun. 2007.

TOMASINI, S. L. V.; FEDRIZZI B. Espaços abertos em instituições para idosos. **Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v. 5, p. 101-117, 2003.

TRENTINI, C. M.; XAVIER, F. M. F.; FLECK M. P. A. Qualidade de vida em idosos. In: PARENTE, M. A. M. P. **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap. 1, p. 19-27.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

VECCHIA, R. D. *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 246-252, 2005.

VERAS, R. A era dos idosos: desafios contemporâneos. In: SALDANHA, A.; CALDAS, C. P. (Org.). **Saúde do idoso: a arte de cuidar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004, p. 3-10.

VIANA, M. R F. **Lazer e terceira idade**: um lugar onde ninguém é velho. 1999. 131 f. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

VIEIRA, W. Relatório aponta superlotação e falta de lazer em asilos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 ago. 2008. Cotidiano, p. 9.

WAICHMAN, P. **Tempo Livre e Recreação**: um desafio pedagógico. Campinas: Papirus, 1997.158 p.

_____. A respeito dos enfoques em recreação. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 22-31, 2004.

XIMENES, M. A.; CÔRTE B. A instituição asilar e seus fazeres cotidianos: um estudo de caso. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 11, p. 29-52, 2007.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: _____; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários**

de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP e A, 2003, p. 287-309.

ZAITUNE, M. P. A. *et al.* Fatores associados ao sedentarismo no lazer em idosos, Campinas, São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1329-1338, jun. 2007.

ZINGONI, P. O lugar da família nas políticas de lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lazer e sociedade:** múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008, cap. 5, p. 83-103.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PARA A
GERÊNCIA DE PROTEÇÃO SOCIAL DA
SECRETARIA MUNICIPAL ADJUNTA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
DA PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (MG)

Eu, _____, gerente da Gerência de Proteção Social da Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social, Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, recebi a visita de Giselle Alves de Moura, convidando esta instituição para colaborar com a pesquisa “EXPERIÊNCIAS DE LAZER DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS”.

Estou ciente que a pesquisa tem por objetivo estudar as experiências de lazer de idosos institucionalizados em cinco momentos diferenciados da vida. Sei também que as pesquisadoras-responsáveis, orientadora Prof^a. Dr^a. Luciana Karine de Souza e Mestranda Prof^a. Giselle Alves de Moura, podem ser alcançadas através dos telefones (31)3409-6264 e 3492-2909, respectivamente, ou pelos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br e giselleamoura@gmail.com, ambas vinculadas ao Curso de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

Entendi que a colaboração desta instituição será através de permissão para que Giselle possa consultar e obter dados impressos referentes ao número de instituições filantrópicas atualmente conveniadas com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte até a presente data, bem como endereço, telefone e nome do coordenador para contato, com a intenção de abordá-los para convite à colaboração com sua pesquisa de Mestrado.

Compreendi que está assegurado o anonimato quanto aos dados por nós fornecidos à pesquisadora, bem como o acesso restrito a eles apenas pelas pesquisadoras envolvidas no estudo, com a garantia de que os mesmos serão utilizados somente para fins desta pesquisa.

As pesquisadoras estão disponíveis para prestar quaisquer esclarecimentos complementares ou por ocasião de dúvidas durante ou após o período em que a pesquisa ocorrer. Também poderei, a qualquer momento, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP: 31.270-901, Belo Horizonte (MG), e-mail: coep@prpq.ufmg.br, telefone (31)3409-4592.

Assim, permito que a mestranda Giselle tenha acesso aos dados impressos de que necessita para sua pesquisa.

Belo Horizonte, ____/____/2011.

Assinatura do responsável
Secretaria Municipal Adjunta de Assistência Social
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Profa. Luciana Karine de Souza

Profa. Giselle Alves de Moura

APÊNDICE B
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O(A) IDOSO(A)

Introdução: “Bom dia/boa tarde, Sr(a). Fulano(a), muito obrigada por aceitar participar dessa pesquisa sobre lazer e tempo livre. Podemos começar?”

1. O que você entende que seja “tempo livre”? (Para aqueles que não sabem, dizer que tempo livre é o que se faz quando se está livre de alguma obrigação)
2. Com que você trabalhava antes de se aposentar?
3. Você poderia falar sobre o que você fazia no seu tempo livre antes de se aposentar? Poderia dar um exemplo? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)
4. Quando chegou perto da hora de se aposentar, você pensou no que fazer no novo tempo livre que ia surgir? O que você pensou? O que você fazia? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)
5. E logo que você se aposentou, como foi para se acostumar com o tempo livre de aposentado? O que você fazia neste tempo livre? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)
6. E antes de chegar aqui na casa, o que você fazia no tempo livre? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)
7. Logo que você entrou nesta casa, como ficou seu tempo livre? Isso mudou com o passar do tempo morando aqui? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)
8. E hoje, o que você faz no seu tempo livre? (E fora da residência?) (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)

9a. Tem coisas que você não faz no seu tempo livre neste momento da sua vida, mas que quer fazer no futuro? (Aqui ou fora da casa) Pode dar um exemplo, por favor? (com quem, onde, por quanto tempo, em que momento da semana/mês/ano)

9b. Comparando com as coisas que você fazia antes de entrar na casa, tem algo que quer repetir? Pode dar um exemplo, por favor? Tem algo que quer fazer de diferente? Pode dar um exemplo, por favor? (Prestar atenção se menciona coisas a serem resgatadas/repetidas e coisas novas nunca feitas na vida).

9c. Você gostaria de fazer uma sugestão para novas atividades aqui na casa?

10. Você participa das atividades de tempo livre oferecidas aqui na casa? Por quê? (procurar saber se a pessoa tem vontade de fazer coisas junto com os colegas residentes)

11. Na hora que a atividade vai acontecer, é importante para você ser chamado(a) e convidado(a) para participar? Por quê?

12. Você gostaria de dizer algo mais?

APÊNDICE C
ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O COORDENADOR DA ILPI

Introdução: “Bom dia/ boa tarde, Sr(a) Coordenador(a), muito obrigada por aceitar participar desta pesquisa sobre lazer de idosos institucionalizados. Podemos começar?”

1. Esta instituição oferece práticas de lazer a seus residentes?

☐ SIM ☐ NÃO

Quais:

2. Quem oferece estas práticas de lazer?

☐ voluntariado ☐ convênios ☐ profissional pago

3. Quais são os espaços aqui da casa para a prática do lazer?

4. Qual a sua opinião sobre o acesso a estes espaços?

5. Que práticas de lazer são oferecidas dentro da instituição, em espaços abertos ou fechados?

6. Quais destas práticas dentro da instituição tem frequência:

- diária? - semanal? - mensal? - anual?

7. Que práticas de lazer são oferecidas fora da instituição?

8. Quais destas práticas fora da instituição tem frequência:

- diária? - semanal? - mensal? - anual?

9. Os idosos participam no planejamento e organização das práticas de lazer? Como?

10. Você gostaria de dizer algo mais?

APÊNDICE D
TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL
PARA A COORDENAÇÃO DA ILPI

Eu, _____, Coordenador(a) da(o) _____, recebi a visita de Giselle Alves de Moura, convidando esta instituição para colaborar com a pesquisa “EXPERIÊNCIAS DE LAZER DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS”.

Estou ciente que a pesquisa tem por objetivo estudar as experiências de lazer de idosos institucionalizados em cinco momentos diferenciados da vida. Sei também que as pesquisadoras-responsáveis, orientadora Prof^a. Dr^a. Luciana Karine de Souza e Mestranda Prof^a. Giselle Alves de Moura, podem ser alcançadas através dos telefones (31)3409-6264 e 3492-2909, respectivamente, ou pelos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br e giselleamoura@gmail.com, ambas vinculadas ao Curso de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Além disso, estou ciente de que participa da equipe do estudo um(a) estudante de Graduação da UFMG, devidamente treinado(a) para trabalhar na pesquisa.

Entendi que a colaboração desta instituição será através de permissão para que Giselle possa: 1)Consultar brevemente a mim e a um profissional de saúde que atende esta instituição especificamente sobre qual o grau de dependência dos residentes, para identificar idosos em potencial para participar da pesquisa; 2)Consultar os prontuários destes idosos em potencial (dados sociodemográficos e grau de dependência); 3)Abordar os(as) residentes selecionados(as) e convidar para uma entrevista sobre as experiências de lazer em diferentes fases da vida; e 4)Convide a mim para participar da pesquisa através de uma breve entrevista. Todas as entrevistas a serem realizadas serão individuais, gravadas em áudio e em local adequado nas dependências da instituição, em horário e local pré-estabelecido pela instituição e pelo idoso sem interferência na rotina dos mesmos.

Compreendi que está assegurada a liberdade desta instituição de desistir de colaborar para a presente pesquisa a qualquer momento da mesma, sem qualquer tipo de penalidade. Está também assegurada a liberdade de participação/recusa/desistência dos idosos e do coordenador da instituição para aceitar ser entrevistado(a), sem também qualquer tipo de penalidade, retirando a anuência ou o consentimento. Estão garantidos a privacidade, o anonimato, o sigilo, o acesso restrito aos dados dos participantes somente pelas pesquisadoras envolvidas no estudo, e a garantia de que os mesmos serão utilizados somente para fins desta pesquisa. O risco de participação nesta pesquisa é considerado mínimo, e ocorreria por

cansaço ou desconforto durante a entrevista. Para evitar esse risco pequeno, a entrevistadora oferecerá pausas para descanso e também deixará o participante à vontade para responder apenas o que quiser ou continuar a entrevista em outro momento.

Os dados obtidos sobre a instituição e sobre os participantes, incluindo as gravações e transcrições das entrevistas, serão armazenados na sala da pesquisadora-responsável Profa. Luciana por dois anos a partir do término da pesquisa, após o qual serão descartados. Por ocasião da escrita da dissertação de Mestrado e de publicações científicas sobre esta pesquisa, os nomes da instituição e dos idosos não serão divulgados.

Compreendi que nem a instituição nem os participantes terão quaisquer gastos decorrentes da participação na pesquisa, e nem haverá qualquer forma de remuneração financeira para os participantes ou para a instituição. Ao fim deste estudo, as pesquisadoras estarão disponíveis para apresentar os resultados da pesquisa (preservando o anonimato dos participantes) caso esta instituição tenha interesse.

As pesquisadoras estão disponíveis para prestar quaisquer esclarecimentos complementares ou por ocasião de dúvidas durante ou após o período em que a pesquisa ocorrer. Também poderei, a qualquer momento, entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP: 31.270-901, Belo Horizonte (MG), e-mail: coep@prpq.ufmg.br, telefone (31)3409-4592.

Assim, estou de acordo com a realização da pesquisa em nossa instituição.

Belo Horizonte, ____/____/2011.

Assinatura do(a) Coordenador(a)

Profa. Luciana Karine de Souza

Profa. Giselle Alves de Moura

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA O IDOSO(A)

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre as experiências de lazer em idosos que moram em residências coletivas na cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa é desenvolvida no Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais pelas pesquisadoras Profa. Giselle Alves de Moura (mestranda) e Profa. Luciana Karine de Souza (orientadora). O objetivo desta pesquisa é conhecer as experiências de lazer de cinco momentos diferentes da vida. Sua contribuição pode ajudar-nos a pensar em práticas de lazer que melhorem a qualidade de vida do(a) idoso(a).

Se você aceitar participar desta pesquisa, será feita uma entrevista sobre as experiências de lazer em diferentes fases da sua vida. Esta entrevista será individual e neste local, em uma sala que garanta privacidade e conforto, sem barulhos e sem outras pessoas por perto. A entrevista será gravada com gravador apenas se o(a) Sr(a). permitir, e quando quiser que desligue, basta dizer. Algumas anotações em um caderno serão feitas para auxiliar a pesquisa. A gravação da entrevista será depois escutada e digitada em um computador por nós, pesquisadoras, sem que sofram alteração em relação ao que foi dito. A entrevista será marcada em data e horário que seja melhor para o(a) Sr(a). e que não altere a rotina da casa.

Tudo o que você disser na entrevista será tratado de forma anônima e confidencial, com sigilo, isto é, em nenhum momento e para ninguém, dentro desta residência ou fora dela, será revelado o seu nome ou suas falas. Somente as pesquisadoras responsáveis pelo estudo terão acesso a estas informações, que serão usadas apenas para esta pesquisa. As entrevistas transcritas serão guardadas na sala da pesquisadora-orientadora por dois anos após a conclusão do trabalho. Por ocasião da escrita de trabalhos científicos e acadêmicos, o seu nome e o local onde você reside não serão revelados.

Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, ou seja, pode ocorrer cansaço ou desconforto durante a entrevista. Este risco, se ocorrer, será amenizado com pausa para descanso e retomada quando o participante quiser. Você tem a liberdade de participar da pesquisa dando a entrevista, ou seja, sua participação é voluntária. Você está livre para recusar ou desistir em qualquer momento da pesquisa sem nenhum prejuízo e sem que ninguém da residência fique sabendo de sua escolha em participar, recusar ou desistir. Você não terá gasto nenhum para participar desta pesquisa, e não receberá nenhum valor em dinheiro nem outro tipo de ajuda. Depois que a pesquisa terminar, se houver interesse, as

pesquisadoras poderão vir na residência oferecer uma palestra sobre o tema da pesquisa, sem revelar pra ninguém o nome de quem participou, recusou ou desistiu.

Se você tiver alguma dúvida poderá esclarecê-la em qualquer momento da pesquisa, entrando em contato com as pesquisadoras-responsáveis Prof^a. Dr^a. Luciana Karine de Souza e a mestrande Profa. Giselle Alves de Moura através dos telefones (31)3409-6264 ou 3492-2909, dos e-mails lucianak@fafich.ufmg.br ou giselleamoura@gmail.com ou do endereço Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, sala F-4050, Campus Pampulha, CEP: 31.270-901, Belo Horizonte (MG). Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFGM), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP: 31.270-901, Belo Horizonte (MG), telefone (31)3409-4592, e-mail: coep@prpq.ufmg.br.

Estamos à disposição para qualquer outra dúvida que o(a) Sr(a) tenha.

Nome do participante:

Assinatura do participante

Profa. Luciana Karine de Souza

Profa. Giselle Alves de Moura

APÊNDICE F
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
COORDENADOR(A) DA ILPI

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre as experiências de lazer em idosos que moram em residências coletivas na cidade de Belo Horizonte. Esta pesquisa é desenvolvida no Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais pelas pesquisadoras Profa. Giselle Alves de Moura (mestranda) e Profa. Luciana Karine de Souza (orientadora). O objetivo desta pesquisa é conhecer as experiências de lazer de cinco momentos diferentes da vida. Sua contribuição pode ajudar-nos a pensar em práticas de lazer que melhorem a qualidade de vida na velhice.

Se V. S^a aceitar participar, convidamos para uma breve entrevista sobre as práticas de lazer ofertadas nesta instituição. Esta entrevista será gravada em áudio apenas com sua permissão. Será realizada nas dependências da instituição, em local que garanta privacidade, mínimo de ruído e sem acesso de outras pessoas no decorrer da entrevista. Também serão realizadas anotações em um caderno. A entrevista será agendada pela pesquisadora conforme sua disponibilidade de horário. Tudo o que você disser será tratado de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Posteriormente as gravações serão ouvidas e estudadas por nós, pesquisadoras, sem que sofram alteração em relação ao que foi dito.

Somente as pesquisadoras responsáveis pelo estudo terão acesso a estes dados, que serão usados apenas para esta pesquisa, mantendo o sigilo sobre as informações prestadas. Por ocasião de publicação acadêmica e científica desta pesquisa, a identidade do participante e da instituição serão preservados. As entrevistas transcritas serão guardadas na sala da pesquisadora-orientadora por dois anos após a conclusão do trabalho.

Os riscos desta pesquisa são considerados mínimos, ou seja, pode ocorrer cansaço ou desconforto durante a entrevista. Este risco, se ocorrer, será amenizado com pausa para descanso e retomada quando o participante quiser. A sua participação na pesquisa é voluntária, ou seja, você está livre para se recusar a participar ou desistir da participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízos, nem divulgação para ninguém sobre sua recusa ou desistência. Esclarecemos que você não terá gasto algum decorrente da participação na pesquisa, nem qualquer forma de remuneração financeira. Ao fim deste estudo, as pesquisadoras estarão à disposição para fornecer uma devolução sobre os resultados da pesquisa.

Os participantes que tiverem alguma dúvida têm total liberdade para esclarecê-las em qualquer momento da pesquisa, através de contato com as pesquisadoras responsáveis Prof^a. Dr^a. Luciana Karine de Souza e mestrandas Profa. Giselle Alves de Moura nos telefones (31) 3409-6264 ou 3492-2909, nos e-mails lucianak@fafich.ufmg.br ou giselleamoura@gmail.com ou no endereço Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, sala F-4050, Campus Pampulha, CEP:31270-901, Belo Horizonte (MG). Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP:31270-901, Belo Horizonte (MG), telefone (31)3409-4592, e-mail coep@prpq.ufmg.br.

Estamos à disposição para qualquer outra dúvida que o(a) Sr(a) tenha.

Nome do participante:

Assinatura do participante

Profa. Luciana Karine de Souza

Profa. Giselle Alves de Moura